

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA SAMPAIO

**A NATUREZA GRAMATICAL DA LIBRAS ADQUIRIDA POR SURDOS E
OUVINTES:
SINAL, CLASSIFICADOR, AÇÃO CONSTRUÍDA E GESTO**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA SAMPAIO

**A NATUREZA GRAMATICAL DA LIBRAS ADQUIRIDA POR SURDOS E
OUVINTES: SINAL, CLASSIFICADOR, AÇÃO CONSTRUÍDA E GESTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem Típica e Atípica”

Orientadora: Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

- S181n Sampaio, Thamires Oliveira de Souza.
A natureza gramatical da libras adquirida por surdos e ouvintes: sinal, classificador, ação construída e gesto. / Thamires Oliveira de Souza Sampaio; Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira -- Vitória da Conquista, 2020
171f.
- Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) -- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.
Inclui referência F. 114 – 119.
1. Libras - Sinal. 2. Aquisição da linguagem. 3. Ação construída. 4. Classificadores. I. Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella Cardoso II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The grammatical nature of Libras acquired by deaf and hearing: Sign, classifier, constructed action and gesture

Palavras-chave em inglês: Language acquisition, Libras, Grammatical Nature, constructed action, Classifiers.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (Presidente), Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia (titular); Profa. Dra. Aline Garcia Rodero Takahira (titular).

Data da defesa: 31/03/2020

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1494-3213>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7010326930174649>

THAMIRES OLIVEIRA DE SOUZA SAMPAIO

**A NATUREZA GRAMATICAL DA LIBRAS ADQUIRIDA POR SURDOS E OUVINTES:
SINAL, CLASSIFICADOR, AÇÃO CONSTRUÍDA E GESTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 31 de março de 2020.

Banca Examinadora:

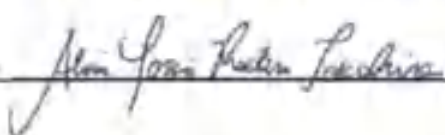
Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa
de Oliveira (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida
Baia
Instituição: UESB

Ass.: Maria de Fátima A. Baia

Profa. Dra. Aline Garcia Rodero Takahira
Instituição: UFJF

Ass.: 

EU SEGUIREI

*“Eu vou
Deixar me guiar e me
Abandonar no teu querer
Preciso fazer a tua vontade em
Minha vida
Eu vou
Deixar me guiar e me
Abandonar no teu querer
Preciso fazer a tua vontade em
Minha vida
Para onde eu irei?
Em quem me apoiarei?
Para onde eu irei?
Em quem me apoiarei?
Eu seguirei, eu irei aonde
Fores senhor
Eu seguirei, eu irei aonde
Fores senhor
A tua graça me basta
Teu amor me sustenta
A tua graça me basta
Teu amor me sustenta”*

(Frei Gilson, Som do Monte)

A Deus,
porque, “posso todas as coisas naquele que me fortalece”
Para minha família,
por todo apoio e oração.

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar esses agradecimentos, sinto-me diante de uma cena de filme que passa em minha mente, e a primeira coisa que preciso fazer é agradecer ao meu **Deus**, que permitiu vivenciar toda essa minha trajetória, sem Ele para me sustentar, com certeza não teria tido forças para iniciar, trilhar e finalizar esse ciclo. Toda essa trajetória, mesmo antes de ingressar no mestrado, me fez compreender ainda mais que “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu” Eclesiastes 3:1.

À minha mãe Santíssima, **Nossa Senhora**, que está sempre intercedendo a Deus por mim e vai à frente abrindo os caminhos. Obrigada mãezinha!

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), na pessoa da **Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva**, pois ela doa a sua vida diariamente por esse programa.

Ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, por me apoiarem nessa trajetória.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.¹

Ao Núcleo de Ações Inclusivas para Pessoas com Deficiência – NAIPD/JQ, por todo apoio que sempre me deram.

À minha Orientadora, **Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira**, uma pessoa a quem agradeço de maneira muito especial, com certeza uma forma que Deus encontrou para me presentear, haja vista que, além de ser uma excelente orientadora, é uma pessoa humana e que cuida dos seus orientandos de maneira maternal. Pró, a senhora é uma profissional muito dedicada, criativa, inteligentíssima, sem falar da competência que tem em tudo que desenvolve. Parabéns por todas as contribuições linguísticas que tem trazido para a Libras.

À banca da qualificação, constituída pelas professoras **Dra. Marian dos Santos Oliveira** e **Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia**, pelas valiosas contribuições e sugestões na qualificação.

¹ Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

Às professoras **Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia (UESB)**, **Dra. Aline Garcia Rodero Takahira (FALE / UFJF)**, **Dra. Elidéa Lúcia Almeida Bernardino (UFMG)** e **Dra. Marian dos Santos Oliveira (UESB)** por terem aceitado participar da minha banca de defesa, trazendo contribuições para minha dissertação.

À minha família, pois se fizeram presentes em todos os momentos. Agradeço a **Lecy (Mainha)**, por toda dedicação em sempre querer ver o meu melhor, por todo amor, carinho e atenção. Agradeço a **Nivaldo (painho)**, por sempre em suas orações lembrar da filha caçulinha dele, por todo amor, cuidado e carinho. Amo vocês!

Ao meu (namorado, noivo, esposo), pois passamos por essas três fases ao longo do mestrado, **Joelton (My Love)**, muito obrigada por seu apoio, paciência, por acreditar no meu potencial e por ser esse companheiro de todas as horas. Te amo!

À minha irmã **Tatiane**, por acreditar em mim e desde sempre ser minha inspiração e meu socorro!! Obrigada minha Doutora linda, te amo!

Ao cunhado, **Jocinei**, pelo incentivo na aprendizagem da Libras, pois sempre acreditou e me apoiou.

Ao meu afilhado/ sobrinho, **Gustavo**, por ter tido paciência nos momentos em que eu não podia brincar com ele. Dinda te ama!!

Ao meu mais novo sobrinho, **Heitor**, que chegou recentemente e que tia já ama tanto.

À **família Oliveira e Souza**, especialmente, àqueles que estão sempre perto – mesmo quando distantes – e demonstram todo amor e admiração.

Aos meus sogros, **Dona Glória e Sr. Jeová**, obrigada por compreenderem a minha ausência e pelo amor a mim dedicado.

Aos **sujeitos informantes**, que aceitaram participarem deste estudo. Muito obrigada!

Ao meu amigo, **Ítalo Mafra**, sempre disposto a me ajudar. Muito obrigada!

Às minhas colegas do mestrado que ao longo desses dois anos compartilhamos do mesmo sonho de nos tornarmos mestras. De maneira especial agradeço à **Bruna, Jádilla, Mariana** (minha mestra de cerimônia) e a **Mércia**, por compartilharem das madrugadas de estudos e resenhas por terem dividido do conhecimento de suas áreas do saber trazendo contribuições para minha dissertação.

Às minhas irmãs acadêmicas, **Daniele (Danis)** e **Carine (Caris)**, vocês foram um presente que o mestrado me deu. Meninas, mais uma vez, entendo a importância de saber esperar o tempo de Deus, pois tenho certeza de que o nosso ingresso no mestrado não aconteceu no nosso tempo, e sim, no tempo de Deus. Obrigada, por vocês terem compartilhado do tempo de vocês para sanarem minhas dúvidas, para me acalantar no momento de fraqueza, por terem

sido um pilar nessa pesquisa, pois cada uma desenvolveu a sua função direitinho “Introdução, Desenvolvimento e Conclusão” (risos), obrigada por cada apresentação de trabalho que fizemos, por cada viagem maravilhosa, por todas as resenhas realizadas. Por fim, meninas, obrigada por tornarem mais “leve” essa trajetória, gratidão eterna. Amo vocês!

À **Gisele**, por cada dormida no “Castelo da Gisele”, à **Quelle**, por seus almoços e companhia.

Aos meus amigos; **Ícaro, Lara e Elizeu**; que torceram por mim, me apoiando em cada etapa da seleção do mestrado e ao longo dessa trajetória.

Às minhas amigas Ninjas **Jéssica, Michele, Silvana e Jane**, que mesmo distantes estamos sempre conectadas. Amo vocês!

Aos meus amigos da graduação o Grupo L **Aline, Romario, Tarcila, Suzane Rúbia, Aiala Micaela e Cláudia**, já mais os esquecerei. Amo vocês!

À **Lucília**, minha amiga que compartilhou comigo todas as angústias da seleção de pré-projeto e etc. Amiga, agradeço a Deus por ter colocado você em minha vida por ter me incentivado a fazer o mestrado em Linguística, essa conquista eu compartilho com você!!! Te amo.

Às minhas amigas/comadres; **Natiele, Fernanda e Gabrielle**; que sempre torceram por mim. Amo vocês!

RESUMO

Neste estudo, sobre a aquisição gramatical da Libras, apresentamos duas hipóteses investigadas, a saber: (I) *Ações construídas* (ACs), diferentemente de *sinais* e *classificadores* (CLs), não são elementos gramaticais da Libras; tais ações pertencem à linguagem sinalizada, mas não à língua de sinais; (II) Por não ser parte integrante da gramática da língua de sinais, as ações construídas não se submetem ao processo de aquisição, como processo inato, diferentemente de sinais e classificadores. Assim, temos por objetivos de pesquisa: (I) investigar a natureza gramatical das ACs por diferentes perfis de aquisição da Libras, quais sejam: surdos com aquisição pós-infância, ouvintes bilíngues e ouvintes que não são falantes de Libras; e (II) identificar a recorrência e a produtividade das ACs, bem como verificar a suscetibilidade de ACs à aquisição. O trabalho aqui proposto é de caráter experimental transversal e para obtenção dos dados realizamos testes, por meio do estímulo de vídeos, com linguagem não verbal, exibidos para elucidar os dados. Fundamentando nossa análise, usamos como corrente de estudos a proposta da teoria Gerativa de Noam Chomsky (1995). A coleta de dados foi realizada a partir de *corpus* constituído de amostras de fala em Libras, gravadas em vídeo, produzidas por sujeitos-informantes surdos, ouvintes bilíngues e ouvintes que não falantes de Libras. Para tratar os dados e anotá-los utilizamos o aplicativo Eudico Linguistic Annotator 5.2 (ELAN). Para a transcrição dos dados, utilizamos o SEL (Sistema de Escrita de Libras – versão 2019), desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012), na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Para a análise de ACs, CLs, sinais e gestos, este estudo considera dois níveis, o sintático e fonológico, a partir dos quais avaliamos a natureza e as características dessas estruturas que as possam identificar como gramaticais ou não. Como fundamento para observação da estrutura fonológica dos sinais, assumimos o modelo fonológicos para línguas de sinais proposto por Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), qual seja, a Estrutura Fonológica Hierárquica MLMov, que tem como base a unidade MLMov (Mão-Locação-Movimento).

PALAVRAS-CHAVE:

Aquisição da Linguagem. Libras. Sinal. Ação Construída. Classificadores.

ABSTRACT

In this study, on the grammatical acquisition of Libras (Brazilian Sign Language), we present two investigated hypotheses, namely: (I) Constructed actions (CAs), unlike signs and classifiers (CLs), are not grammatical elements of Libras; these actions belong to the signed language, but not to sign language; (II) Since these Constructed actions are not an integral part of sign language grammar, they do not partake in the acquisition process as an innate process, unlike signs and classifiers. Thus, we have the following research objectives: (I) to investigate the grammatical nature of the CAs by different Libras acquisition profiles, namely: deaf people with post-childhood acquisition, bilingual hearers and hearers who are not Libras speakers; and (II) to identify the recurrence and productivity of CAs, as well as to verify the susceptibility of CAs to acquisition. The work we proposed here is a cross-sectional experiment; to obtain the data we carried out tests, by video stimuli, with non-verbal language, shown to elucidate the data. Basing our analysis, we used Noam Chomsky's (1995) Generative Theory proposal as studies framework. Data collection was performed from a corpus made up of speech samples in Libras, recorded on video, produced by deaf informants, bilingual hearers, and non-Libras speaking hearers. To treat the data and write them down, we used the Eudico Linguistic Annotator 5.2 (ELAN) application. For data transcription, we used SEL (*Sistema de Escrita de Libras: Libras Writing System* – version 2019), developed by Lessa-de-Oliveira (2012), at the State University of Southwest Bahia (UESB). For the analysis of CAs, CLs, signs and gestures, our study considers two levels, syntactic and phonological, from which we evaluate the nature and characteristics of these structures to identify them as grammatical or not. As a basis for the observation of the phonological structure of the signs, we assume the phonological model for sign languages proposed by Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), that is, the MLMov Hierarchical Phonological Structure, which is based on the MLMov unit (Hand-Location-Movement).

KEYWORDS:

Language Acquisition. Libras. Sign. Constructed Action. Classifiers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Formato do Modelo no Programa Minimalista	34
Figura 2 :Sistema computacional.....	35
Figura 3: Movimentos feitos por sujeito-informante (SI) na realização do sinal	43
Figura 4: Estrutura articulatória do sinal	46
Figura 5: Ação construída e	61
Figura 6: Sinal.....	61
Figura 7: Classificador.....	61
Figura 8: Representação do sub-rogado da ACs na Libras.....	61
Figura 9: Fábula sinalizada em Libras	66
Figura 10: Fábula sinalizada em Libras	66
Figura 11: Tela do ELAN bula sinalizada em Libras	77
Figura 12: Carlitos Dentista.....	83
Figura 13: Primeira cena.....	83
Figura 14: Segunda cena.....	83
Figura 15: Terceira cena	84
Figura 16: Quarta cena.....	84
Figura 17: Releitura - vídeo 1	85
Figura 18: Original - vídeo 1	85
Figura 19: Releitura - vídeo 2	86
Figura 20: Original - vídeo 2	86
Figura 21: Imagem do trecho elucidativo	93
Figura 22: Dados dos sujeitos informantes surdos	94
Figura 23: Dados dos sujeitos informantes surdos e ouvintes bilíngues	96
Figura 24: Dados dos sujeitos informantes ouvintes bilíngues.....	100
Figura 25: A chegada da mulher ao consultório	102
Figura 26: Dados dos sujeitos informantes.....	103
Figura 27: Vídeo 1 – Releitura de “O cachorro e o gato”.....	108
Figura 28: Vídeo 2 - Original: “O cachorro e o gato”	108
Figura 29: Releitura – Vídeo -1 “A Tempestade em Mangaratiba”	113
Figura 30: Original – Vídeo – 2“A Tempestade em Mangaratiba”	113
Figura 31: Incorporação da Raposa	117
Figura 32: Incorporação da Lebre.....	117

Figura 33: Incorporação da Tartaruga.....	117
Figura 34: Esquema da estrutura dos elementos linguísticos da Libras	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sujeitos-Informantes Surdos resultados do teste 1	89
Gráfico 2: Sujeitos-Informantes ouvintes –resultados do teste 1.....	91
Gráfico 3: Dados comparativos do teste 1 entre surdos e ouvintes	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sujeitos Informantes da Pesquisa	74
Quadro 2: Fluxograma da metodologia no que tange aos instrumentos para coleta de dados e informantes do estudo	88
Quadro 3: Divisão das cenas da fábula “ O gato e o chachorro”	109
Quadro 4: Respostas do teste 2 - “O gato e o cachorro”	110
Quadro 5: Levantamento de vídeos da internet em Libras para identificação das ações construídas	115
Quadro 6: Quadro descritivo de características da Pantomima, AC, Gesto, Cl e Sinal	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
PPGLin	Pós-Graduação em Linguística
GU	Gramática Universal
INF	Informante
INF.S	Informante Surdo
INF.O	Informante Ouvinte
INF.ONFL	Informante Ouvinte que não sabe Libras
L1	Língua Materna (Libras)
L2	Segunda Língua (Português)
LP	Língua Portuguesa
PM	Programa Minimalista
SEL	Sistema de Escrita para Língua de Sinais
TPP	Teoria de Princípios e Parâmetros
ACs	Ações Construídas
CLs	Classificadores

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 LÍNGUA, LINGUAGEM E A TEORIA GERATIVA.....	25
2.1 Língua e linguagem.....	25
2.2 A Gramática Gerativa e seus pressupostos	27
2.3 O Programa Minimalista da Gramática Gerativa.....	31
2.4 Aquisição da Linguagem e a TESE inatista.....	37
2.5 Resumo do capítulo.....	40
3 ASPECTOS (NÃO-) GRAMATICAIS DA LIBRAS: SINAIS, CLASSIFICADORES E AÇÕES CONSTRUÍDAS	41
3.1 Sinais.....	41
3.1.1 <i>Os sinais a partir do critério fonológico – a estrutura MLMov</i>	43
3.1.2 <i>Os sinais a partir do critério sintático</i>	49
3.2 Classificadores	53
3.3 Ações Construídas	58
3.3.1 <i>Conceito</i>	58
3.3.2 <i>Ações construídas em gêneros textuais</i>	64
3.4 Gestos.....	67
3.5 Resumo do capítulo.....	69
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	71
4.1 Sujeitos-informantes	73
4.2 A escolha do método de transcrição e sistema de notação	75
4.2.1 <i>Regras para elaboração de Glosas</i>	75
4.2.2 <i>O ELAN</i>	76
4.2.3 <i>O Sistema de Escrita de Libras – SEL</i>	77
4.3 A coleta de dados	81
4.3.1 <i>Descrição dos testes</i>	82
4.3.2 <i>Coleta e análise de amostras de gêneros textuais em Libras com e sem ACs</i>	86
4.4 Resumo do capítulo.....	87
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	89
5.1 Resultados do teste 1	89
5.2 Resultados do teste 2.....	108
5.3 Coleta de amostras naturalísticas sinalizadas em gêneros textuais diversos	113

5.4 Comparativo dos resultados.....	120
5.5 Resumo do Capítulo.....	126
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
<i>REFERÊNCIAS</i>	<i>131</i>
APÊNDICES.....	136
ANEXO 1.....	148
ANEXO 2.....	166

1 INTRODUÇÃO

Os estudos das línguas de sinais começaram academicamente com as investigações de Stokoe, nos anos 1960, e esforços vêm sendo empreendidos para se descobrir como funciona a gramática das línguas de sinais, ou gestuais, que passaram a ser tratadas, a partir do trabalho desse autor, como línguas naturais. Para Ferreira (2010, p.11) “a LIBRAS é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas linguísticos que servem à comunicação e de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade da linguagem possuem”.

A área de estudos sobre as línguas de sinais, no geral, e sobre a Libras, em particular, passa por um momento fervilhante, entre tendências mais antigas de tentar acomodar a estrutura dessas línguas, com suas características tridimensionais e visuais, em categorias linguísticas tradicionalmente concebidas. Isto com fins, muitas vezes pedagógicos, e novas tendências de submeter à investigação dessas línguas a métodos fundamentados nas teorias linguísticas, que norteiam a investigação das propriedades das línguas naturais, com o objetivo de identificar as propriedades constitutivas das gramáticas dessas línguas, dentro de um campo que se apresenta mais seguro, por procurar se pautar no rigor da metodologia científica.

Podemos dizer que passamos agora ao um novo patamar no que diz respeito às conquistas alcançadas sobre as questões relativas aos surdos e às línguas de sinais, pelo *status* de língua natural dessas línguas, pelos decretos que trouxeram, no Brasil, a Libras para o abrigo da Lei, pelos espaços pedagógicos e acadêmicos criados para os cidadãos surdos e a língua natural que usam. Nesse novo patamar, cabe a nós pesquisadores da área a tarefa de buscar respostas a perguntas que buscam aprofundar a compreensão das propriedades linguísticas das línguas de sinais, saindo das concepções do senso comum, por meio de investigação estruturada em metodologia científica e em teorias linguísticas, a fim de oferecer à comunidade surda e demais pessoais e profissionais, que utilizam essas línguas, conhecimento e recursos técnicos para aprimoramento de seu trabalho no âmbito pedagógico e não pedagógico.

Diante desse cenário, podemos dizer que, quanto ao estudo da estrutura gramatical da Libras, há muito o que ser feito ainda. Recentemente, iniciaram-se trabalhos de descrição e explicação de seus aspectos gramaticais, ou seja, trabalhos que procuram explicar o funcionamento, muitas vezes peculiar, das gramáticas de línguas de modalidade

articulatória gesto-visual, os quais são ainda bem restritos. Um dos aspectos peculiares dessas línguas, que nos chamou a atenção e que se tornou o objeto de estudo da presente pesquisa, é o que vem recentemente sendo nomeado como *ação construída* (ACs)².

Num primeiro momento das investigações de línguas de sinais, o fenômeno das *ações construídas* foi tratado, junto com outros fenômenos, como *classificadores* (CLs). Entretanto, começa-se a fazer uma distinção entre o que seria um *classificador* de outro fenômeno, muito menos sistemático, que passou a ser chamado de *ação construída*, talvez por se constituir como um conjunto de ações que formam algo que se aproxima da pantomima, ou mímica, sem o ser, todavia.

Os usuários da Libras confundem os *classificadores* com sinal, ou com gestos (ou mímicas/pantomima esses que são interpretado por gestos). Esses dois últimos são elementos secundários da presente pesquisa, visto que, para fazer uma caracterização de *ações construídas*, fez-se necessária uma distinção entre *sinal*, *classificador*, *ação construída* e *gesto*, isto é, foi necessário buscar as características desses quatro elementos de maneira sistematizada. Assim, a falta de descrição teórica e empírica do uso desses elementos linguísticos nos fez debruçar sobre eles com o intuito de verificarmos o que caracteriza cada um.

No que diz respeito aos CLs e ACs na Libras, nota-se que, muitas vezes, os seus usuários, sejam surdos ou não surdos, são levados a definir de maneira não muito precisa o que seja um CLs na Libras, incluindo-se aí também o que pode ser compreendido como *ação construída*. No entanto, nem o conceito de *classificador*, referente ao que se encontra em línguas de sinais, está bem definido, tampouco o de *ação construída*. Há autores que tendem a entender “[...] que o classificador não parece constituir-se como um mero recurso da gramática da língua de sinais, mas está inserido no uso e no funcionamento dessa língua, fazendo parte das operações que o sujeito realiza com a linguagem” (GESUELI, 2009, p. 55). Ou seja, sugere-se que o classificador está para além da gramática, está na linguagem, e isto em sentido bastante vago, que leva a entender que o pertencimento dos classificadores à estrutura das línguas de sinais o tornaria algo menor, “um mero recurso” gramatical. Essas (in)definições evidenciam a necessidade de esses fenômenos, recorrentes nas línguas de

² A expressão *ação construída* foi apresentada nos estudos de Bolgueroni e Viotti (2013), as autoras retratam que este termo foi cunhado a partir dos estudos de Tannen (1989), visto que a pesquisadora trabalha com discurso direto, ou chamado de diálogo construído, na perspectiva de uma cópia direta da fala de um personagem de uma representação que é construída pelo narrador. McCleary e Viotti (2011) definem as ações construídas como parte do corpo do sinalizador que se movimenta e representa iconicamente o corpo do personagem, seja humano ou animal, ou ainda para representar um local/ movimento de objeto do espaço. No capítulo III do presente estudo iremos ampliar as discussões sobre as ações construídas.

sinais, serem pesquisados de maneira sistemática. As mais modernas teorias linguísticas, a exemplo dos estudos gerativista, nos mostram que os sistemas gramaticais estão longe de serem estruturas simples; e, assim, um dos aspectos dessa complexidade para o qual devemos olhar é a natureza heterogênea que esses elementos, que se difundiram no senso comum como sob o rótulo de classificador, apresentam. Ou seja, a natureza heterogênea desses elementos está nos indicando que podem estar sendo colocadas no “mesmo saco” coisas de natureza bem diferentes.

Como vimos, para além desses dois fenômenos citados – *classificadores* e *ações construídas* – ainda podemos encontrar confundido entre as realizações articulatórias de uma língua de sinais, os *gestos* (fenômeno também presente na realização de línguas orais, conforme apontam estudos como os de Cornelia, 2013; Parrill, 2009). Esses elementos, por sua natureza gestual, podem se confundir com a realização da própria língua, assim como as ACs. A presença dos *gestos* foi por muito tempo negada nas línguas de sinais, pois se temia que considerar a presença dos gestos no espaço de comunicação onde atua a língua de sinais tornaria essa língua frágil e retardaria ainda mais o mérito e o reconhecimento de seu *status* de língua natural. No entanto, estudos mais recentes estão buscando comprovar que os gestos estão presentes tanto na comunicação por via das línguas orais quanto na comunicação em que se utilizam línguas sinalizadas, como por exemplo a Libras. Para McCleary e Viotti, (2011, p. 290) o gesto “tem um papel central no estabelecimento do léxico e das relações gramaticais, na criação do significado e na organização do discurso”. Com isso, podemos perceber o quanto é pertinente realizar estudos que façam a distinção entre esses elementos presentes nas comunicações em Libras. Outra característica que dificulta a separação desse recurso nas línguas sinalizadas é o canal de comunicação, pois é o mesmo tanto para gestos quanto para a língua de sinais, encontrando-se em ambos utilização dos movimentos faciais e corporais para realizar as produções.

Dessa forma, com o intuito de dirimir tal “confusão” buscamos nessa pesquisa, *a priori*, compreender o que são as ACs e CLs na Libras; e, depois, buscamos propor uma distinção entre esses elementos por meio da identificação de algumas de suas características. Para isso utilizamos a proposta da estrutura articulatória hierárquica do sinal de Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), que nos serve de base para distinção entre ACs, CLs e sinais pela via fonológica; e também procuramos verificar, com base no pressuposto gerativista, aspectos sintáticos concernentes a tais elementos capazes de distingui-los. Em suma, temos neste estudo o olhar voltado para a produção de natureza gestual, que se apresenta no ato de realização de uma língua de sinais como a Libras, buscando separar os

elementos de natureza gestual encontrados em pelo menos quatro grupos – AC, gesto, CL e sinal, avaliando-os por suas propriedades gramaticais ou não gramaticais.

Entre esses quatro elementos, podemos dizer que os objetos de estudo que recortamos para nossa investigação – são os *classificadores* e as *ações construídas* – os quais está diretamente relacionado à modalidade gesto-visual das línguas de sinais. *Sinais* e *gestos* entram no nosso estudo de forma secundária, apenas como elementos de controle, com os quais *classificadores* e *ações construídas* serão confrontados, a fim de possibilitar a observação das características desses fenômenos, identificando sua natureza.

Ações construídas e *classificadores* são comumente confundidos entre si devido à extrema iconicidade³, que recria formas visuais em ambos, como a utilização de contornos arredondados feitos pela mão, semelhantes ao que se faz para pegar objetos cilíndricos, marcando o complemento do verbo pegar algo cilíndrico, ou como na integração de partes do corpo do sinalizador (ou falante), que pertencem ao espaço real, com entidades pertencentes ao espaço linguístico, como na reprodução de um bebê chorando, utilizando-se gestos corporais que imitam um bebê.

A presente pesquisa se propõe a investigar exatamente esse fenômeno, os intitulados genericamente como *classificadores*, dos quais, como mencionamos, alguns estudos como o de Bolgueroni; Viotti (2013,) e McCleary; Viotti (2014), já estão destacando uma parte que passa a ser denominada *ações construídas* da Libras. O nosso foco, neste estudo, é contribuir para a ampliação no que tange o conceito de *ações construídas* e *classificadores*, a observação de sua ocorrência ou não dentro da estrutura gramatical, categorização, bem como da sua natureza linguística.

Podemos dizer que, embora ainda pouco estudados, *ações construídas* são fenômenos comuns nas línguas sinalizadas. Bolgueroni e Viotti (2013) conceituam a *ação construída* como sendo “a demonstração, por meio de movimentos e posturas corporais e faciais, das ações de uma personagem como percebidas e conceitualizadas por um narrador” (BOLGUERONI E VIOTTI 2013, p. 24).

Portanto, a presente pesquisa advém da necessidade acadêmica de buscar ampliar a compreensão, no que diz respeito à natureza gramatical das *ações construídas* em Libras, distinguindo-as de classificadores, sinais e gestos, bem como o processo de aquisição desse

³ Os estudos acerca do conceito de iconicidade são bastante discutidos pelos estudiosos assim, para melhor delimitar e articular com a presente pesquisa, compartilhamos do conceito definido por Taub, (2001: 19) o qual afirma que “a iconicidade precisa levar em conta as noções de cultura e conceitualização. A iconicidade não é um relacionamento objetivo entre a imagem e o referente, mas é um relacionamento entre os modelos mentais que se tem dessa imagem e o referente”.

fenômeno. Assim, traçamos como objetivos: investigar a natureza gramatical das *ações construídas* e *classificadores* por diferentes perfis de informantes de aquisição da Libras: surdos com aquisição pós-infância, ouvintes bilíngues e ouvintes que não sabem Libras⁴; e identificar a recorrência e a produtividade das *ações construídas*, bem como verificar a suscetibilidade à aquisição e como esta se dá para os diferentes perfis de informantes de aquisição da Libras. Para tanto, buscamos responder as seguintes questões:

- I. *Classificadores e ações construídas* são elementos gramaticais da Libras?
- II. Sendo (não-)gramatical, como se caracterizam os *classificadores* e as *ações construídas*?
- III. Sendo gramaticais, há diferenças na produção de *classificadores* e *ações construídas* para os diferentes grupos de informantes de aquisição da Libras (surdos com aquisição na infância ou aquisição pós-infância e ouvintes bilíngues)?
- IV. *Ações construídas* são mais frequentes em determinados gêneros textuais, como por exemplo, em gêneros narrativos?
- V. Ouvintes que não sabem Libras conseguem compreender de maneira parcial as narrativas, que utilizam as *ações construídas*, pois esse elemento contribui para a compreensão do enredo?

Para responder às questões anteriores assumimos as seguintes hipóteses:

- I. *Ações construídas* não são elementos gramaticais da Libras, ao passo que, no tocante aos *classificadores*, é possível observar sistematicidade nesses elementos.
- II. Não sendo gramaticais, as *ações construídas* são caracterizadas como elementos que pertencem à linguagem, mas não à língua, semelhantemente a gestos comunicativos que são encontrados em línguas orais em coocorrência à realização da fala. O mesmo não se pode assumir para os *classificadores*, se nossa primeira hipótese estiver correta e se se verificar sistematicidade neles.
- III. Não sendo de natureza gramatical, supomos que as *ações construídas* não sejam

⁴ Selecionamos sujeitos informantes que não sabem Libras, pois sentimos a necessidade de compreendermos qual o impacto, qual tipo de informação e a produtividade que as *ações construídas* poderiam, ou não, contribuir para pessoa que não sabe Libras entendê-la, ao ser solicitada que assistisse narrativas com a presença de *ações construídas* e sem a presença da *ação construída* de uma mesma narrativa.

obrigatórias, podendo ser mais frequentes em certos gêneros textuais, como os narrativos.

IV.E, por fim, a natureza altamente icônica das *ações construídas* favorece uma compreensão parcial de narrativas que utilizam essas ações, mesmo por pessoas não falantes da língua de sinais, pois a iconicidade desses elementos contribui para a compreensão do enredo em nível não gramatical.

2 LÍNGUA, LINGUAGEM E A TEORIA GERATIVA

2.1 Língua e linguagem

Iniciamos, esta seção, abordando primeiramente a distinção entre língua e linguagem, visto que equivocadamente esses conceitos são comumente empregados como sinônimos e um dos componentes de nosso objeto de estudo, a *ação construída*, vai, por nossa hipótese, para além do campo da língua, circunscrevendo-se apenas ao campo da linguagem. Ou seja, a discussão sobre nosso objeto de estudo, que diz respeito à investigação da natureza gramatical dos componentes da linguagem sinalizada em uma língua de sinais, a Libras, passa diretamente pela compreensão e refinamento dos conceitos de língua e de linguagem, a fim de podermos delimitar, dentre os diferentes elementos presentes na produção dessa língua (sinal, classificador, ação construída e gestos), o que pertence à língua e o que está para além dessa, circunscrevendo-se apenas à linguagem.

Ao nos referirmos à língua, podemos considerar que ela faz parte da linguagem, mas devemos lembrar que a língua não se confunde com essa. De acordo com os estudos de Saussure (2012 [1916]), a língua é, indubitavelmente, somente uma parte essencial da linguagem. Além disso, acrescenta o autor, que a língua é “ao mesmo tempo produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Saussure (2012 [1916]), define a linguagem como “multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica (...)” (SAUSSURE, 1969, p.17).

Conforme o levantamento dos conceitos realizados por Lyons (1981), verificamos como é ampla a discussão da definição para língua e para linguagem. A primeira definição, citada por esse autor, tem como referência Sapir (1929, p.8, *apud* LYONS, 1981, p.3), que considera que “a linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos e por meio de símbolos voluntariamente produzidos”. Para Hall (1968, *apud* LYONS, 1981, p.4), a língua e a linguagem fazem parte da “instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados”. Nessa discussão o conceito de língua aparece sempre mais restrito. A língua vem sendo definida como um tipo de linguagem e como um sistema abstrato de regras gramaticais que identificam sua estrutura nos diversos planos (sons, da estrutura, da formação e das classes

de palavras, das estruturas frasais, semântica e da contextualização e do uso) (FERNANDES, 2003, p.16). Chomsky (1957, p. 13) considera a língua “como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”

Assim, podemos nos referir, como linguagem, a qualquer meio de comunicação, como a linguagem corporal, as expressões faciais, a maneira de nos vestirmos, as reações de nosso organismo (tanto aos estímulos do meio, como de nosso pensamento ou, mesmo dos aspectos fisiológico) ou a linguagem de outros animais, os sinais de trânsito, a música, a pintura, enfim, todos os meios de comunicação, sejam cognitivos (internos), socioculturais (relativo ao meio) ou a natureza, como todo (FERNANDES, 2003, p.16).

Trazendo para o conceito restrito, a linguagem humana em determinados instantes, pensada como “língua natural, é um fenômeno impressionante. Por meio de algumas dúzias de sons, podemos produzir e compreender palavras, frases e discursos que expressam os nossos pensamentos e que permitem o entendimento dos pensamentos de outras pessoas” (KENEDY 2016, p.12).

O conceito gerativista de língua apresentado por Kenedy (2016, p.27) têm duas vertentes distintas, para o autor a língua pode assumir pelo menos dois significados, a saber:

primeiramente, pode significar o conhecimento linguístico de um indivíduo acerca de uma dada língua, ou seja, é a faculdade cognitiva que habilita esse indivíduo a produzir e a compreender enunciados da língua de seu ambiente; [...] a língua pode significar o código linguístico existente numa comunidade humana, isto é, língua é o léxico e tudo o que nele está contido ou dele é derivado.

Assim, o autor acrescenta que a primeira acepção para língua se refere ao que está dentro da mente das pessoas, já a segunda definição consiste em compreender a língua como idioma, ou seja aquele idioma que pertence a uma comunidade de fala.

Diante dessas acepções apresentadas vemos que não apenas o fato de servir à comunicação torna um elemento componente de uma língua; isto é, a expressividade de elementos comunicativos garante a eles o estatuto de linguagem, que não é específico; mas, a atribuição de estatuto de língua a elementos comunicativos exige observar neles determinadas características que possam os incluir num sistema abstrato de princípios gramaticais. É isso que precisamos procurar nos elementos que encontramos num enunciado de linguagem sinalizada, que sendo de modalidade gestual constitui meio para que se confundam esses elementos de quatro tipos, que estamos estudando: sinal, classificador, ação construída e gestos.

O campo teórico nos oferece refinamento ainda maior, ferramentas ainda mais especializadas para investigação, distinção e definição da natureza dos quatro elementos supracitados, que encontramos em enunciados da linguagem sinalizada. Encontramos tal refinamento nos estudos gerativistas. Então, a partir de agora, nós procuramos nos aprofundar no conceito de língua na perspectiva da teoria gerativista, a qual embasará a presente pesquisa com intuito de contribuir na definição dos elementos da Libras *classificadores e ações construídas* primordialmente, no capítulo III.

2.2 A Gramática Gerativa e seus pressupostos

A gramática gerativa teve seu início na década de 50, idealizada por Chomsky, e o gerativismo é considerado um modelo de investigação de gramáticas bastante utilizado na investigação de línguas naturais. Além de ser conhecidos por linguística gerativa, esse modelo pode também ser chamado de gramática gerativa, teoria gerativa, bem como um termo mais antigo gramática gerativo-transformacional (KENEDY, 2013).

O presente termo ‘gramática gerativa’ possui duas vertentes bastantes distintas. Segundo Lyons (1981, p. 94), a primeira concepção está voltada para a ‘gramática gerativa’, visto que apresenta um sentido original e significa algo mais restrito e técnico, “refere-se a um conjunto de regras que definem diversos tipos de sistemas linguísticos”. O segundo sentido é mais amplo e se refere ao termo ‘gerativismo’ na perspectiva de um corpo teórico e metodológico para retratar a estrutura da língua(gem).

Lyons (1981, p. 94) afirma que “uma **gramática gerativa** é um conjunto de regras que, operando sobre o um vocabulário finito, **gera** um conjunto (finito e infinito) de sintagmas (cada um composto de um número finito de unidades)”, assim propõe que um sintagma para ser considerado bem formado necessita ser caracterizado pela gramática. Diante disso de acordo com Chomsky (1976), a teoria da linguagem tem por objetivo descrever os procedimentos mentais, pois ela é composta por palavras, frases e também por discursos. Isso é comprovado, segundo Kenedy e Lima (2013, p.21), a partir de uma hipótese e da teoria criada pelo próprio linguista, na qual ele define que “as frases são criadas na mente das pessoas por meio de aplicações de regras inconscientes, as quais se aplicam sobre certas palavras de modo a ‘gerar’ as frases que pronunciamos e compreendemos”.

Assim, a gramática gerativa, ao descrever os fenômenos que ocorrem nas línguas naturais, tem por finalidade dedicar-se aos estudos teóricos e científicos voltados para a

sintaxe das línguas, sendo este o meio utilizado para realizar a descrição, vale ressaltar que o objeto de estudo da gramática gerativa será a Gramática Universal (GU) e, não a sintaxe das línguas (VITRAL, 1995). Nessa perspectiva, os estudos das gramáticas das línguas particulares estão, por assim dizer, no escopo do estudo da Gramática Universal. Assim, segundo Raposo (1992, p. 15):

O empreendimento generativo tem como objeto central, por um lado, a caracterização das gramáticas particulares dos indivíduos (correspondendo às várias línguas humanas) e, por outro lado, a caracterização da Gramática Universal, entendida como um conjunto de propriedades inatas, biologicamente determinadas, de natureza especificamente lingüística (isto é, não partilhada por nenhum outro sistema cognitivo particular ou geral), e cujo desenvolvimento e maturação, em interação com o meio ambiente, determinam uma gramática particular na mente do adulto.

Dessa forma, é possível compreender o papel central que a gramática gerativa desempenha como o de descrever e explicar o fenômeno linguístico, tendo como base a organização estrutural da sintaxe das línguas naturais, essas, por sua vez, são caracterizadas a partir da GU presente na mente de cada indivíduo, e responsável por estruturar a língua interna (língua-I) que é particular de cada pessoa. Assim, como defini Chomsky (1986, p.22), a “gramática gerativa de uma língua particular (onde ‘gerativa’ não significa mais do que ‘explícita’) é uma teoria que diz respeito à forma e ao significado e expressões dessa língua”.

O programa gerativista, diante a investigação da gramática na perspectiva da teoria de Princípios e Parâmetros, proposta nos anos 1980, conseguiu responder de fato ao Problema de Platão (questão central da investigação gerativista, de que trataremos mais detalhadamente adiante). Nessa perspectiva, o processo de aquisição de uma língua, de forma tão rápida e inconsciente, só é possível devido à existência de Princípios e Parâmetros gramaticais como uma faculdade específica para a língua. Sendo que, os Princípios, segundo Kato (1999), consistem em um núcleo fixo, invariável entre as línguas, portanto, universal e geneticamente determinado; já os segundos são definidos por um conjunto de possibilidades pré-determinadas, contudo variáveis de língua para língua. Para se adquirir uma língua “a criança vai precisar escolher um valor para os parâmetros e isso vai depender de qual *input* que ela tem. Em princípio, os dados que vão servir para a fixação do parâmetro devem ser abundantes” (GROLLA; SILVA, 2014, p.88).

Como já dissemos, o presente estudo tem como base teórica o gerativismo desenvolvido por Noam Chomsky, o qual associa o conceito de língua ao conceito de Faculdade da Linguagem. Assim, “na opinião de Chomsky, os seres humanos são

geneticamente dotados de um conhecimento dos princípios gerais ditos arbitrários, que determinam a estrutura gramatical de todas as línguas” (LYONS, 1981, p.15). Dessa forma, a teoria gerativa pressupõe que para uma pessoa adquirir uma língua é necessário o desencadear de um *input* sob um dispositivo **inato** que é próprio do ser humano.

No gerativismo, procura-se compreender a natureza e função específica da Faculdade da Linguagem. Dessa maneira, conforme se assume dentro do quadro teórico gerativista, “o ser humano possui uma Faculdade da Linguagem, inata, isto é, codificada geneticamente e estruturada de forma modular, que independe de mecanismos gerais de inteligência e aprendizagem, sendo, portanto, específica à linguagem” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p.24).

Essa noção de língua correlacionada à existência da Faculdade da Linguagem leva a proposta gerativista ao desdobramento do conceito de língua em dois tipos, língua-I, interna, individual, intensional, e língua-E, externa, extensional. Na visão da linguística gerativa, a língua-E, é definida por Chomsky (1986:39) como a língua “usada por uma população [...] por interesse comunicativo. A língua-E no sentido em que o construto é compreendido independente das propriedades da mente/cérebro”.

A língua- E, segundo Kenedy (2016), é considerada, grosso modo, como língua/idioma, assim pode ser atribuída ao sentido “sociocultural, histórico e político”. Na primeira perspectiva, a sociocultural, a língua-E é vista como algo que é compartilhado pelos indivíduos que pertencem a uma sociedade e assim partilham de uma cultura. Na segunda vertente, a língua-E é considerada um fenômeno histórico, pois “sempre se constitui ao longo do tempo, nas contingências da história da humanidade, em suas diversas populações ao redor do planeta” KENEDY (2016, p.29). Uma pessoa que nasce no Brasil terá o Português como língua-E, já que convive e compartilha com uma comunidade que cultiva essa língua por séculos de história desse país.

A última vertente para a língua- E é a política e essa só é possível devido aos dois outros fenômenos apresentados, o sociocultural e o histórico, visto que, segundo Kenedy (2016), a língua-E é considerada um fato político, pois as sociedades compartilham historicamente de ações políticas, sendo que essas ações muitas vezes perpassam pela linguagem. A língua-E, para os gerativistas é importante, pois “recai sobre o fato de a mente humana ser capaz de adquirir essas informações, sejam quais forem, para, a partir delas, produzir e compreender expressões linguísticas no uso cotidiano da língua-I” (KENEDY, 2016, p. 31).

Para a definição da língua-I, Chomsky (1986:41) estabelece que esta está na mente do falante, além de apontar que a “língua-I é, pois, um elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte.” Como corrobora Kenedy (2016, p. 35), a língua-I corresponde, “portanto, a característica das ciências da cognição – e complementa-se a noção de língua-E típica das ciências sociais”. Portanto, a língua-I é caracterizada como:

interna, intensional e individual. É Interna porque nada tem a ver com um objeto no mundo externo, mas com sua representação mental; é Intensional, porque o conhecimento não é constituído de um conjunto extensional de sentenças, mas de propriedades (princípios e parâmetros), tratando-se, portanto, de uma concepção intensional de conjunto; e é Individual, porque não vê língua como um objeto social, político ou geográfico. Ao objeto de estudo que se contrapõe ao seu, Chomsky chama de Língua-E (Externa, Extensional) (KATO, 2005, p.03).

Outro conceito importante ligado ao conceito de língua da teoria gerativa é o conceito de modularidade da mente. Nesse caso, conforme Kenedy (2016), a língua-I é compreendida como um módulo único e específico da cognição humana. Nessa perspectiva, a língua-I é o estado estável, após a aquisição da linguagem, do módulo mental que corresponde à Faculdade da Linguagem. Esse conceito modularista gerativista de língua-I pode ser bem compreendido a partir do conceito de modularidade da mente de Fordor (1983), em que a mente humana é compreendida como um conjunto de inteligências, isto é, um conjunto de compartimentos especializados na execução de tarefas bem definidas, os quais se comunicam entre si, isto é, a “mente é formada por vários módulos de processamento de informação, e esses módulos operam de forma relativamente independente uns dos outros, processando somente um tipo específico de informação (corporal, visual, auditivo, linguístico...)” (CANDIOTTO, 2008, p.5).

Nesse sentido, compreendemos que a teoria gerativa propõe que a língua-I se forma num módulo mental, a Faculdade da Linguagem, muito bem definido, regido por princípios próprios, constituindo-se, assim, como sistema autônomo. Dessa maneira, o que se entende como língua dentro dos estudos gerativistas é o que se compreende como língua-I, isto é, um sistema cognitivo regido por princípios gramaticais.

Essa Faculdade da Linguagem, considerado como órgão mental, possibilita ao homem a condição da aquisição de pelo menos uma língua natural. Para Chomsky, a Faculdade da Linguagem é transmitida geneticamente à espécie se tornando algo peculiar. Assim, segundo esse autor, podemos “investigar as propriedades desse órgão como

representações mentais: podemos imaginar um estado mental inicial, um dispositivo de aquisição de língua, que toma a experiência como dado de entrada e constrói um estado mental estável, isto é, uma língua particular, como dado de saída” (CHOMSKY, 1998, p. 23).

Segundo Kenedy (2016, p. 74), é essa “faculdade assumida como inata que possibilitará à criança analisar os estímulos da língua do ambiente (a língua-E) de forma a construir uma competência linguística (a língua-I)”. Assim, podemos compreender que, o conhecimento linguístico só é possível a partir da interação que ocorre entre estímulos e a Faculdade da Linguagem. E, no que tange o processo de aquisição, é necessário, pois que a criança passe por um processo de estimulação linguística, caso isso não ocorra não será possível acontecer a aquisição da língua-I, visto que a Faculdade da Linguagem sozinha nada poderá fazer, caso não ocorra o processo de contato com o a língua a ser adquirida.

Diante disso, o foco da linguística gerativa é dedicar-se aos estudos voltados para a língua-I, que são consideradas línguas naturais pertencentes ao módulo mental tendo um domínio cognitivo específico. Então, na investigação que estamos fazendo, podemos assumir esse conceito altamente especializado de língua, que é a língua-I como instrumento de análise dos quatro elementos que constituem o objeto de nossa investigação.

2.3 O Programa Minimalista da Gramática Gerativa

Quando se fala em Programa Minimalista – PM, de Chomsky (1995, 1999, 2005), muitos acreditam que se trata de uma nova teoria, porém não é correto afirmar isso, pois o PM assume o mesmo modelo dos Princípios e Parâmetros. O PM consiste em um programa de pesquisa e tem por objetivo principal construir uma teoria embasada em conceitos naturais, como por exemplo, o conceito de economia que propõe que a teoria gramatical se detenha em propriedades motivadas nos módulos de interface da Faculdade da Linguagem. Assim, como destaca Augusto (2007), no minimalismo, propõe-se manter os mesmos postulados básicos adotados no modelo anterior, a concepção de uma GU constituída de Princípios e Parâmetros, definida da seguinte maneira:

A GU é o estágio inicial da aquisição da linguagem. Esse estágio corresponde ao estado natural da cognição linguística humana antes do contato da criança com a língua-E de seu ambiente. A GU é interpretada, portanto, como uma propriedade do cérebro humano. Essa propriedade é a concretização biológica de nossa Faculdade da Linguagem (...). Ela é a maneira pela qual a disposição

para a linguagem deve estar codificada no genoma do *Homo sapiens* (KENEDY, 2013, p. 94).

Chomsky (1981), ao apresentar o modelo de Princípios e Parâmetros, afirma que a linguagem é composta por um módulo mental e que este módulo é composto por *princípios invariantes*, ou seja, seriam princípios gramaticais encontrados em todas as línguas, sendo denominados Princípios, e por um segundo tipo de “princípios” considerados *abertos*, denominados Parâmetros, que serão fixados ao longo do processo de aquisição da linguagem. Em outras palavras, os Princípios, que são leis gerais e estão presentes em todas as línguas naturais, e por Parâmetros, que podemos compreender como propriedades que podem ou não estar presente em determinada língua, e é a essa característica que se atribui a reponsabilidade da diferença existente entre as línguas.

Mesmo que essa proposta seja mais simples, elegante e econômica, ainda é necessário que consiga compreender os elementos linguísticos investigados. Com base em seus propostos investigativos, para Chomsky, (1995, p. 23 e 24) o PM possui duas vertentes:

uma vertente teórica, assente numa filosofia particular da mente e das suas relações com a linguagem, e uma vertente metodológica, assente numa disciplina conceptual estrita. Nos dois casos, a ideia-chave é a mesma: remover do modelo aquilo que não é estritamente necessário [...] Na vertente teórica, o PM pergunta até que ponto é que existem bases empíricas para uma concepção << mínima >> da linguagem, isto é, reduzida àquelas propriedades que são conceptualmente necessárias, e sem as quais o objeto estudado não poderia ser uma linguagem humana. Na sua vertente metodológica, o PM procura simplificar análises, eliminar estipulações descritivas e outras soluções de << engenharia linguística >>, e abordar problemas perenes de frente, sem rodeios.

Dessa forma, compreendemos, como foi apresentado acima, que o PM propõe fazer uma redução dos modelos já existente, a proposta é tornar o PM genuinamente explicativo. Assim, a teoria que dá origem ao PM, frente à Teoria de Regência e Ligação – TRL também desenvolvida por Chomsky (1995), teve como intuito avaliar e verificar o que era positivo e corrigir os problemas, realizando “um “enxugamento” do aparato formal, reduzindo-o ao mínimo necessário daí ser nomeado “minimalista” (KENEDY, 2015, p. 28).

Um aspecto que se manteve com o advento do PM foi a autonomia da sintaxe, e uma mudança que podemos elencar foi a perspectiva modular de Língua-I, essa foi conceituada como “um estado L da Faculdade da Linguagem, isto é, a disponibilidade de atuação de um sistema computacional, responsável pela geração das sentenças de uma língua, sobre um léxico com valores paramétricos fixados” (CHOMSKY, 1995, *apud* AUGUSTO, 2005, p.8). Assim, o processo computacional ocorre a partir da marcação

paramétrica, que define a língua-I, e os valores paramétricos são acionados a partir da interação dos módulos da mente.

Outra alteração ocorrida foi no conceito da Faculdade de Linguagem, que antes era considerada como uma competência linguística e agora, após a reformulação, o conceito da Faculdade da Linguagem passa a designar “o conjunto de módulos, ou sistemas, como ela envolvidos na Linguagem, ou o conjunto de conhecimentos que dão conta da produção e da compreensão” (KATO, 1997, p.4). Dessa forma o minimalismo retoma o conceito inatista, do qual trataremos adiante, e também a interação modular da mente humana no que se refere a linguagem. Conforme Augusto (2007, p. 278) “uma das ideias que corroboram para associação voltada para o caráter inato, biológico, característico e específico da espécie humana no que concerne a uma faculdade da linguagem provém do chamado período crítico⁵”.

Dessa forma, quando uma sentença viola um princípio, segundo Miotto, Silva e Lopes (2018, p.24), esse princípio “não é tolerado em nenhuma língua natural provavelmente devido à forma como o cérebro/a mente de espécie funciona; uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica poder ser gramatical em uma língua e agramatical em outra”.

Assim, segundo Chomsky (1995), podemos afirmar que a Faculdade da Linguagem possui características e capacidades cognitivas, além de possuir um componente próprio da mente/cérebro humano, o qual é interpretado como estado inicial que é determinado de maneira biológica. Já o estado estável é considerado como constituinte da gramática de uma determinada língua, a língua-I. Assim, a língua-I, representa, portanto, o um estado L da faculdade da linguagem, atuando diretamente no sistema computacional que se responsabiliza por gerar sentenças das diversas línguas existentes, atribuindo ao léxico⁶ os valores paramétricos já estabelecidos/fixados, escolhendo assim a marcação paramétrica correspondente à língua. Como estrutura

⁵ Períodos críticos constituem períodos de tempo durante os quais a exposição a determinado contexto ambiental se faz necessária para que um traço inato possa ser estimulado. Tem-se, lamentavelmente, registrado constatações acerca de crianças que, desprovidas de contato com uma língua humana natural, tiveram seu desenvolvimento linguístico seriamente comprometido (AUGUSTO, 2007, p. 278).

⁶ Uma vez que a fala a que a criança tem acesso corresponde ao resultado da expressão de informação fonológica e semântica nas interfaces em função das propriedades gramaticais dos traços formais do léxico, considera-se que o modelo de língua, assim concebido, permite que se entenda *bootstrapping*, (ou seja, a criança usaria recursos próprios) como a identificação, por parte da criança, de informação de interface que, dada uma capacidade cognitiva básica de estabelecimento de padrões recorrentes, promove a inicialização do sistema computacional linguístico universal assumido. Este, uma vez posto em operação, torna-se instrumental à categorização dos elementos do léxico, delimitados nos dados da fala, e à identificação das propriedades dos traços lexicais que caracterizam a língua em questão.

esquelética arquitetônica do modelo do PM, que representa a organização da língua em nossa mente/cérebro, termos:

Figura 1: Formato do Modelo no Programa Minimalista



Fonte: Adaptado de Miotto, (2014, p.23)

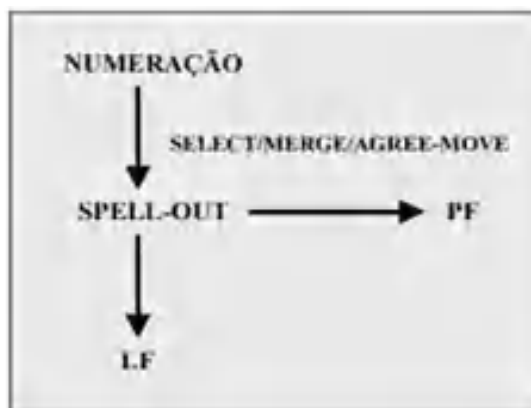
Segundo Augusto (2007, p. 273), o postulado de Saussure retrata que a “língua é forma (som ou gesto, nas línguas de sinais) e sentido”. Assim, podemos observar que o modelo arquitetônico do PM, exposto na figura 1, representa a sentença da língua e a divide em dois níveis, som/forma e sentido, cuja representação é, respectivamente, Forma Fonética (PF - do inglês *Phonetic Form*), Forma Lógica (LF - do inglês *Logical Form*). Esses níveis são “conceitualmente motivados por fazerem interface com os sistemas de *performance*: sistema sensorio motor, ou articulatório-perceptual (interface fonético-fonológica) e os sistemas conceituais-intencionais, ou sistemas de pensamento (interface semântica)” (AUGUSTO 2007, p.273). Entendemos, dessa maneira, que as informações presentes nos níveis de representação mantêm uma relação com os sistemas de desempenho que devem ser interpretáveis e legíveis nesses níveis, isto é, a forma fonética só interpreta traços fonológicos, já a forma lógica só interpreta os traços semânticos e os formais que são considerados traços interpretáveis.

Já o léxico é reconhecido como o dicionário mental, portanto sendo o responsável de comportar toda a informação paramétrica e particular de cada língua, além disso, temos o sistema computacional que armazena as informações relativas aos Princípios e Parâmetros, esse que é o responsável por comandar o processo de construção de sentenças constituídas de matrizes de traços fonéticos, semânticos e formais, ou seja, são gramaticais.

Dentro da perspectiva minimalista, o sistema computacional representado na figura 2, apresenta detalhadamente a construção de objetos sintáticos que ocorrem em nosso cérebro sendo organizado por quatro operações: *Select* (selecionar), *Merge* (concatenar), *Agree* (concordar), *Move* (mover), que são responsáveis por atuar sobre a *Numeração*, a qual é composta por um conjunto de itens lexicais e seus traços que são responsáveis por

“alimentar a derivação de representação linguística específica” (KENEDY, 2016, p. 130). Segundo esse autor, o espaço derivacional é composto por um conjunto de elementos que estão ativos durante o processo de derivação e eles podem ser acessados por meio das referidas operações computacionais do sistema.

Figura 2 Sistema computacional



Fonte: Augusto (2005, p.241)

A operação *Select* é responsável por selecionar um item lexical que se encontra na *Numeração* e o encaminha para o espaço derivacional. O *Merge* por sua vez realiza uma operação computacional que concatena novos objetos complexos como, por exemplo, sintagmas, orações e frases. Portanto, o *Merge* fica encarregado de unir dois constituintes com o intuito de formar um terceiro. A *Agree/Move* é responsável por eliminar a presença de traços formais não-interpretáveis. E por fim, temos ainda o *Spell-Out* que “é o momento da derivação em que se separa a informação relevante a ser enviada a cada uma das interfaces: a fonética e a semântica” (AUGUSTO, 2005, p. 242).

Assim, podemos citar algumas frases para exemplificar como ocorre a instância entre o léxico e o Sistema Computacional, segundo Kenedy (2016), na sentença “João ama Maria”, os itens lexicais manipulados pelos Sistema Computacional são “João”, “ama” e “Maria”. Assim, a Numeração que dá origem a essa representação é inicialmente descrita na sentença:

$$(1) \quad N = \{ \text{João, ama, Maria} \} \quad (\text{KENEDY, 2016, p.216})$$

Para que a que a Numeração ocorra de maneira completa é necessário indicar quantas vezes cada um desses itens lexicais será retirado da Numeração, conforme o exemplo a seguir:

$$(2) \quad N = \{\text{João}_1, \text{ama}_1, \text{Maria}_1\} \quad (\text{KENEDY}, 2016, \text{p.216})$$

A Numeração subscrita apresentada pelo índice 1 vai indicar claramente como é que cada item será inserido no espaço computacional, isto só acontece uma vez apenas, pois, segundo Kenedy (2016, p.216), “o item retirado de N é importante porque sabemos, de antemão, que uma suposta frase como ‘João, João, João, ama, Maria’ ou ‘João Maria ama Maria João’ é muito diferente de ‘João ama Maria’ ”. Assim, a diferença será na quantidade de vezes em que o item vai poder ser inserido na frase, ou seja, essa limitação é determinada pelo índice representado na Numeração subscrito, de acordo com esse autor.

Quando se retira o N e insere numa derivação, seu índice será reduzido em 1. A partir do momento que o índice alcança o índice 0, consiste dizer que ele não será mais inserido na derivação. Visto que, segundo Kenedy (2016, p. 217), “ quando tiramos o item “Maria” da Numeração $\{\text{João}_1, \text{ama}_1, \text{Maria}_1\}$ e o inserimos na derivação, nosso N será “igual” ao representado na sentença (3).

$$(3) \quad N = \{\text{João}_1, \text{ama}_1, \text{Maria}_0\} \quad (\text{KENEDY}, 2016, \text{p.217})$$

Assim, ainda segundo Kenedy (2016), o N1 da sentença 1, para se diferenciar do N na sentença em 2, poderia constar um índice de “Maria” reduzido ao 0, já que estaria presente nas demais sentenças operacionais computacionais e visíveis no curso da derivação na sentença “João ama Maria”. E por fim, a operação computacional que realiza esse procedimento é intitulada de *Select* (seleciona). Assim podemos supor que a operação *Select* ao ser realizada no espaço da derivação permite que o item “Maria” e a palavra “ama” fiquem lado a lado.

Dessa forma, podemos compreender que no PM, todo o processo computacional exposto realiza operações sintáticas que constituem a língua-I. Portanto, a teoria Gerativa tem por objetivo maior explicar como ocorre a língua-I, partindo do pressuposto de que essa está presente na mente do ser humano, sendo capaz de formar item lexicais, interpretá-los e pronunciá-los de maneira muito particular, dependendo de cada língua.

2.4 Aquisição da Linguagem e a TESE inatista

Para iniciarmos a discussão sobre o processo de aquisição da linguagem é pertinente apresentarmos dois conceitos distintos que comumente são utilizados como algo similar, são eles *adquirir e aprender*. Esses dois termos, no tocante à língua, são elementos distintos, ou seja, não possuem um mesmo significado, visto que, partindo-se da perspectiva gerativista, a aquisição de uma língua é considerada um fenômeno natural, que compreende uma disposição inata de cada indivíduo, pois este é capaz delimitar as categorias gramaticais e lexicais da língua à qual está exposto. Sendo assim, em um curto espaço de tempo a criança é capaz de produzir enunciados linguísticos sintática e semanticamente organizados.

Aprender uma língua pressupõe “capacidades básicas de discriminação, identificação de padrões, categorização, indução, generalização e cálculo probabilístico baseado na frequência com que um dado padrão se faz recorrente” (CORRÊA, 2006, p. 25). Dessa maneira, podemos perceber que a aquisição pode ser considerada um fenômeno natural, partindo-se do pressuposto de que a criança pode apresentar uma disposição inata para identificar as propriedades formais de uma língua, com a qual está em contato e assim é possível produzir em pouco tempo enunciados linguísticos completos e sistematizados, que se configura como conhecimento linguístico do falante. Ou seja, pautados nessa possibilidade de obtenção da língua-I de forma tão rápida e sem reflexão pela criança, pois em tenra idade a criança não tem condição de refletir sobre gramática nem sobre nenhum assunto dessa magnitude, os gerativistas concluem que, no caso da língua-I, se trate de um processo de aquisição e não de aprendizagem.

Nas discussões acerca da aquisição da linguagem também é pertinente apresentarmos duas vertentes que dizem respeito ao conhecimento linguístico, já na perspectiva do inatismo, que são defendidas e conceituadas distintamente pelas concepções teóricas do empirismo e do racionalismo. Para os empiristas as crianças nascem sem conhecimento linguístico, este conhecimento só surge após a exposição a uma dada língua, levando-se a criança, assim, a um conhecimento linguístico. Na perspectiva dos racionalistas o conhecimento linguístico é compreendido como uma dotação, ou seja, a criança já nasce dotada de conhecimentos específicos para a linguagem. Cabe ressaltar, que tanto os empiristas quanto os racionalistas dispõem da visão inatista, porém a “diferença

entre empiristas e racionalistas reside não sobre o fato de algo ser inato, mas sim sobre o que exatamente é inato” (GESSER, 2014, p.37). Para os empiristas o inato é parte da nossa herança genética, porém o inato está relacionado à “capacidade para fazer analogias e associações ou à capacidade de realizar cálculos e inferências estáticas sobre as frequências encontradas na fala dos adultos” (IDEM, p.36-37). Já para os racionalistas, o inato consiste no conhecimento especificamente linguístico que faz parte da nossa herança genética, e isto seria capaz de justificar como uma criança adquire uma língua de maneira tão rápida, uniforme e sem a necessidade de treinamento.

Buscando a filiação epistemológica dessa proposta, verificamos que, a hipótese defendida pelo pesquisador e psicólogo Skinner circunscreve-se à teoria behaviorista, de acordo com a qual, todos os tipos de comportamento, sejam humanos ou animais, são processados externamente, por meio de cadeias associativas, tendo por base os dados de estímulo e respostas, e isso não seria diferente para o processo de aquisição da língua, visto que os behavioristas acreditam que a língua seria o resultado do estímulo externo recebido. Dessa forma, as formas linguísticas são fixadas em sua mente diante das repetições.

A hipótese de aquisição da linguagem defendida por Skinner (1978) em “Comportamento Verbal” provocou muitas inquietações no linguista Chomsky, o qual refutou as ideias de Skinner, elaborando uma resenha, em que este apresenta seu posicionamento e questiona a hipótese do behaviorista que defende que a criança depende do meio para elaborar os conhecimentos linguísticos diante do “estímulo-resposta, imitação e reforço”.

Grolla e Silva (2014, p. 44) retomando, em seus estudos, os argumentos apresentados por Chomsky, na famosa da resenha de 1959, ressaltam que:

geralmente os pais prestam atenção no que as crianças falam, mas não em como elas falam: quando os pais de fato corrigem seus filhos, eles tendem a fazer correção sobre a adequação do conteúdo da fala das crianças relativamente à situação discursiva, e não sobre a forma gramatical das expressões.

Sobre essa observação Grolla e Silva (2014, p. 45) apresentam o seguinte exemplo: “**Criança:** Eu fez xixi cocô!”, “**Mãe:** Muito bem, meu amor! Muito bem”. Ou seja, embora a frase apresente problema na concordância do verbo, a qual não é o padrão utilizado pelo adulto, a mãe não faz correções, pelo contrário realiza elogios, isto é, apresenta o que poderia ser considerando um ‘reforço positivo’ para uma sentença que foge ao padrão

gramatical, contrariamente ao que se supõe que aconteça durante o processo de aquisição conforme a visão behaviorista.

Chomsky, (*apud* KENEDY, 2016, p. 18) refuta a hipótese behaviorista, justificando sua posição com base em dois argumentos: o Problema de Platão e o problema lógico de aquisição da linguagem ou da pobreza de estímulos. Assim, Chomsky (1986 *apud* LOPES, 2019, p.143), tomando como base o Problema de Platão questiona-se: “como pode ser que seres humanos, cujo contato com o mundo é breve, pessoal e limitado, consigam saber tanto quanto sabem?” Com o intuito de responder ao intitulado Problema de Platão, o linguista Chomsky propõe a hipótese inatista de aquisição da linguagem. Essa hipótese consiste em considerar que os seres humanos são prodigiosos em relação à linguagem, visto que são seres considerados “geneticamente pré-programados para adquirir e usar pelo menos uma língua natural” (KENEDY, 2016, p.73). Em outras palavras, Kenedy (2016, p.74) explica que com o “inatismo a linguística gerativista levanta a hipótese de que existem, no genoma humano, materiais genéticos inatos que se destinam especificamente à aquisição e o uso da linguagem”. Com base ainda no autor, essa hipótese inatista ainda explica que é devido a esse genoma, a esse material genético inato, que se justificaria como os “seres humanos adquirirem a língua de seu ambiente de maneira tão rápida e uniforme, mas nenhuma outra espécie animal consegue aprender uma língua” (KENEDY 2016, p.74). Ou seja, a aquisição da língua, com a qual estamos em contato – seja ela qual for – só é possível devido a essa dotação genética.

Já o problema lógico, ou da pobreza de estímulos, se define pela questão: Como a partir de estímulos **finitos** se produziria uma capacidade **infinita** para a linguagem? Explica Kenedy (2004) que se a condição de cognição inicial da criança fosse zero, como uma folha de papel em branco, e sua aquisição da linguagem dependesse apenas de estímulos finitos externos, a criança apenas teria a condição de repetir o que recebeu como estímulo, ou seja, sua produção seria igualmente finita, o que não é o caso. Assim, o argumento do **problema lógico da aquisição** tem como resposta a observação de que existe a propriedade de **infinitude discreta** presente nas línguas humanas. É o que se compreende como a propriedade da *criatividade*, própria das línguas humana, que faz com que a criança seja capaz de produzir enunciados, palavras e sentenças que não constam em seu *input* linguístico.

Constata-se, assim, que somente um sistema altamente especializado, com conhecimento específico (sobre fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) pode abarcar a propriedade da **infinitude discreta**. Isto só é possível, porque nascemos dotados de uma

GU, segundo Chomsky. Nessa perspectiva, a existência de uma GU é o estágio inicial da aquisição da linguagem, este estágio é comum a todas as línguas naturais, pois se caracteriza pelos princípios inatos e biológicos determinados, que se constituem com a faculdade da linguagem. Vale ressaltar, que “A GU não é a mesma coisa que língua-I. A GU é caracterizada como um órgão biológico uma potencialidade. A transformação da GU na gramática de uma língua específica dependerá fundamentalmente da experiência sociolinguística do indivíduo humano” (KENEDY, 2013, p. 95).

Assim, tomamos o pressuposto inatista como base de análise do nosso objeto, porque nos interessa tomar como foco a aquisição da linguagem no âmbito da competência linguística dos falantes, isto é, da sua língua-I, estado estável atingido pela GU após o processo de aquisição da linguagem. Podemos partir, assim, do pressuposto de que o que faz parte da Libras, enquanto língua-I, só o é porque, sendo os falantes de Libras dotados de uma GU, eles foram biologicamente capazes de adquirir uma língua natural, a língua de sinais falada por eles, a qual se pauta em princípios e parâmetros gramaticais, que determinam a natureza dos elementos que podem ser enquadrados nos limites de uma gramática.

2.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo, abordamos as acepções de língua e linguagem, em seguida apresentamos brevemente as abordagens acerca da aquisição da linguagem teóricas pela ótica de Skinner, bem como a hipótese do inatismo defendida Chomsky, a qual assumiremos ao logo deste estudo; e abordamos ainda os conceitos fundamentais a respeito da língua-E e a língua-I. Na última seção discutimos a teoria da Gramática Gerativa e o Programa Minimalista.

3 ASPECTOS (NÃO-) GRAMATICAIS DA LIBRAS: SINAIS, CLASSIFICADORES E AÇÕES CONSTRUÍDAS

3.1 Sinais

Com o advento do reconhecimento e oficialização da Libras como língua da comunidade surda brasileira, a identificação do sinal como algo correspondente à ‘palavra’ fica cada vez mais popular. Tecnicamente, isto equivale a dizer que o sinal seria o item lexical em Libras. Podemos, *a priori*, assumir essa definição, lembrando, entretanto, que os próprios critérios de conceituação do que seja a palavra não dão conta plenamente dessa definição. Sandalo (2001) discute os problemas que podemos encontrar nos diferentes critérios de definição da palavra.

Para Sandalo (2001, p. 194), podemos verificar que o *critério significado* não dá conta de definir ‘palavra’ quando olhamos para línguas polissintéticas, como o Kadiwéu (língua indígena brasileira), em que uma palavra como “*Jotagagetagadomitiwaji*” significa o que em Português é dito numa frase como “Eu falo com eles por você” (*ibidem*, p. 194); ou mesmo quando observamos exemplos como “construtor” que significa o que pode ser expresso por um sintagma – “aquele que constrói”.

Prosseguindo, Sandalo (2001) demonstra que o *critério fonológico* também não é suficiente, através da tentativa de teste de definição de palavra pelo acento, pois considerando que uma palavra deve contar com um acento principal e alguns secundários, temos [detèrgénte] = detergente e [detèrgénte] = deter gente.

Quanto ao *critério sintático*, a autora explica que a definição de palavra por esse critério deve observar que uma sequência de sons só pode ser definida como palavra se: (A) puder ser usada como resposta mínima a uma pergunta, como no exemplo (1a); e (B) puder ser usada em várias posições sintáticas, como demonstrado nos exemplos (1b) e (1c).

- (1) a. O que Maria comprou na feira? *Nabos*.
- b. Maria comprou *nabos* na feira.
- c. *Nabos* foi o que Maria comprou na feira.

(SANDALO, 2001, p. 199).

Podemos pressupor a partir daí que, pelo critério sintático, a palavra é a unidade mínima que pode ocorrer livremente. Sandalo (2001) demonstra, através dos exemplos a seguir, que embora esse seja um critério que funcione amplamente, incluindo aí pronomes como *ele*, que em dialetos não padrão podem ocorrer mais livremente em posição de sujeito (exemplo (2e)), objeto direto (exemplo (2f)) ou em posição oblíqua (exemplo (2g)), apresenta restrição como a de pronomes clíticos como *lhe*, que se limita à posição de objeto indireto, ainda que possa circular nas posições proclítica ou enclítica (exemplos (2a) e (2b)). Assim, vemos que pelo exemplo (2c) esse item não atende ao critério sintático (A) e que, pelo exemplo (2d), não atende ao critério (B).

- (2) a. Maria quer *lhe* dar um livro de presente.
- b. Maria quer dar-*lhe* um livro de presente.
- c. A quem Maria quer dar um livro de presente? **Lhe*.
- d. **Lhe* ganhou um livro de presente.
- e. *Ele* ganhou um livro de presente.
- f. Eu vi *ele*.
- g. José Maria quer dar um livro para *ele*.

(SANDALO, 2001, p.195)

No caso da Libras, podemos ainda acrescentar a observação de fenômenos que interferem diretamente na manutenção da estrutura fonológica padrão do sinal devido à busca de iconicidade presa ao significado. Como é o caso do exemplo citado por Lessa-de-Oliveira (2012). Segundo essa autora, ao contar uma história em que falava do nascimento de um pintinho o sujeito informante realiza o sinal OVO, evitando a imagem de alguém partindo um ovo ao meio e deixando cair numa frigideira, que é a forma padrão como esse sinal é realizado em Libras. Em vez disso, o surdo informante manteve a imagem de um ovo inteiro seguro pelas pontas dos dedos (figura 3, a seguir), acrescentou um movimento circular, feito pela mão direita, enquanto a mão esquerda permaneceu imóvel como configurada anteriormente (figura 3b); e, em seguida a mão direita assumiu novamente a configuração anterior, juntando as pontas dos dedos aos da mão esquerda, que permaneceu imóvel todo o tempo (figura 3c).

Figura 3: Movimentos feitos por sujeito-informante (SI) na realização do sinal



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2012)

Explica a autora que, o surdo informante optou por não “quebrar o ovo” na realização desse sinal, por estar falando de um ovo do qual iria nascer um pinto. Em vez disso, ele representou o passar do tempo necessário para o ovo ser chocado, pelo movimento circular da mão direita, semelhantemente ao que é feito no sinal tempo em Libras, com a diferença de que, no sinal padrão de tempo, esse movimento circular se realiza no rosto. Ou seja, houve aí uma mistura de dois sinais da Libras, num tipo de realização ocasional.

Passamos nas duas seções seguintes a possibilidade de análise do sinal, como item lexical, a partir dos critérios fonológico e sintático.

3.1.1 Os sinais a partir do critério fonológico – a estrutura MLMov

O pioneirismo acerca da estrutura articulatória dos itens lexicais (sinais) das línguas de sinais inclui as pesquisas do linguista estadunidense Stokoe (1960), com um estudo que serviu de base para os demais. Assim, com os avanços das pesquisas acerca das línguas de sinais alguns pesquisadores apresentaram outras propostas para a estrutura articulatória de formação do sinal, avançando em alguns aspectos para além do proposto por Stokoe. Dessa forma, iremos pontuar as diferenças principais nesses estudos no tocante às propostas de Stokoe (1960), Liddell e Jhonson (1976) e Lessa-de-Oliveira (2012), sendo essa última a que assumimos como embasamento teórico, visto que atende de maneira satisfatória a nossa busca pelo conceito e pela compreensão do que pode ser a estrutura da composição fonológica dos sinais.

A maioria dos autores define os sinais e a sua formação de acordo aos comumente conhecidos na literatura específica como os parâmetros das línguas de sinais. O conceito de parâmetros das língua de sinais se inicia com o próprio trabalho de Stokoe (1960), o

qual estudou a Língua de Sinais Americanas – ASL, concluindo em suas pesquisas que os sinais eram constituídos de combinações de unidades menores⁷: a *configuração de mão* (forma como a(s) mão(s) está sendo articulada na produção do sinal), o *local de articulação* (local onde o sinal é realizado) e o *movimento* (forma como o corpo se movimenta na produção do sinal), classificando-os por parâmetros⁸ primários. De acordo com Klima e Bellugi (1979), os parâmetros secundários tem a *região de contato* (local em que ocorre toque no momento da realização do sinal), já a *orientação de mão* é tratada como parâmetro pela primeira vez por Battison (1974, *apud*, QUADROS; KARNOPP, 2014, p. 59) sendo definida como (forma como a(s) mão(s) está(estão) articulada(s), para cima, para baixo, esquerda, direita e entres outras formas), foi apresentada por e a *disposição das mãos* (a utilização de uma ou duas mãos para produção do sinal).

Posteriormente, com os avanços das pesquisas os elementos *expressão não-manuais* se juntaram aos demais constituintes para a formação do item lexical (sinal). Segundo Quadros; Karnopp (2014, p. 60) a divisão desses critérios só foi possível a partir do momento que o “Ferreira-Brito e Langevin (1995) se basearam nos estudos de Baker (1983)” para realizar a análise, com base na produção simultânea da língua ao utilizar de unidades combinatórias e simultâneas para a produção do sinal, isto adaptado para a Libras.

Segundo Ferreira (2010) os traços e suas combinações são inúmeras e têm parâmetros diferentes para formar o léxico (sinais) de cada língua que são estruturados com números limitados de configurações, pontos de articulação e movimentos possíveis. Assim é por meio das alterações e das combinações desses morfemas, que os itens lexicais das línguas de sinais são formados. Para Stokoe (1960), a formação de um sinal ocorre a partir da simultaneidade, e isto se assemelha à concepção de fonema a partir de um feixe de traços.

Assim, segundo Klima e Bellugi (1979), as estruturas internas dos sinais exibem uma dupla articulação como também ocorre nas línguas orais, isto é, são formadas por

⁷ As quiremas são unidades mínimas que compõe a estrutura de um sinal (configuração de mão, locação e movimento). Assim, o sistema composto por essas unidades recebeu o nome de Quirologia, ou seja, faz referência a conversas com as mãos/sinalizadas esse estudo foi inicialmente proposto por Stokoe (1960), e esse termo faz referências aos estudos desenvolvidos com ASL. No entanto, convencionou-se que seria mais conveniente utilizar os mesmos termos já utilizados para as línguas orais – fonema e fonologia – já que se trata do mesmo módulo.

⁸Vale ressaltar que o termo “parâmetro” aqui apresentado não corresponde ao parâmetro dos estudos desenvolvidos pelo gerativismo. O termo parâmetro aqui apresentado se conceitua como “constituídos de elementos que distinguem itens lexicais ou sinais através de seus traços. Os traços de tais elementos são distintivos, assim como o são os traços que caracterizam os fonemas das línguas orais” (FERREIRA, 2010, p. 30).

unidades significativas ou morfemas, que são compostas por unidades arbitrárias e sem significados ou fonemas. É sabido, que nas “línguas orais os fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca, e nas línguas de sinais, a estrutura fonológica se organiza a partir dos parâmetros visuais” (FERREIRA, 2010, p. 35). Ao pensar no processo de articulação das línguas sinalizadas temos que levar em conta o seu canal de produção, pois é diferente do da língua oral, mas a sua diferença não consiste apenas nessa característica e sim, distinções voltadas para a estrutura fonológica das duas modalidades, visto que nas línguas orais o que é mais explorado é a linearidade, e já nas línguas de sinais a simultaneidade constitui como uma característica básica como apontam os estudiosos (KLIMA; BELLUGI, 1979).

Diante do aspecto da linearidade das línguas, podemos apresentar a proposta defendida por Liddell e Jhonson (1976) e Lessa-de-Oliveira (2012), que apresentam pontos de vista diferentes, mas antes precisamos recordar que Saussure (1916) define linearidade como um princípio constituinte do signo linguístico. Explica Saussure (1916) que o signo linguístico se desenvolve exclusivamente por meio do tempo. Diante disso, o autor propõe uma estrutura de maneira contínua retratando que:

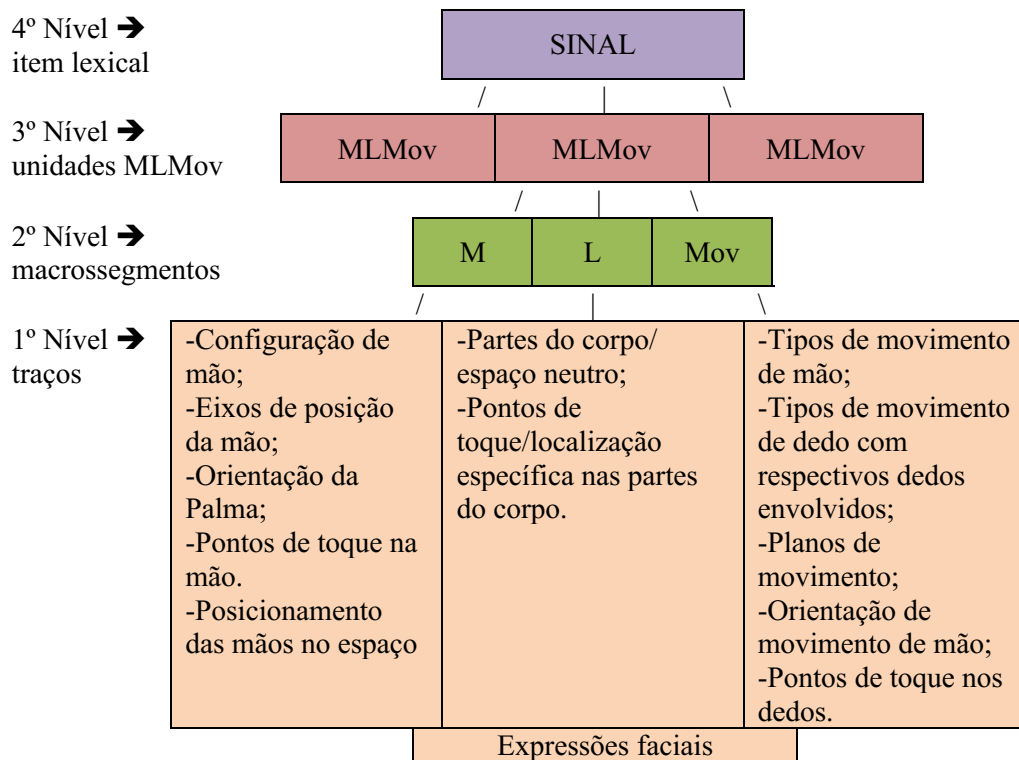
inicialmente, não está provado que a função da linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é: que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar. Os linguistas estão longe de concordar neste ponto. Assim, para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens também poderiam ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas (SAUSSURE [1916] 2006, p. 17-18).

Vemos, na discussão desses linguistas, que já se aponta com clareza para a possibilidade de que diferentes modalidades fonológicas de manifestação das línguas naturais. Ou seja, a língua pode ser articulada tanto na modalidade oroauditiva, quanto na modalidade gesto-visual, pois como comenta Prado (2014, p.17) “a modalidade de desempenho de uma determinada língua, seja por sons, seja por gestos, não é o fator que determina suas propriedades linguísticas, mas, antes, a estrutura interna dessa língua”.

No que diz respeito à realização material da língua, Lessa-de-Oliveira (2012; 2019) propõe um modelo fonológico das línguas sinalizadas, tratando do que, abstratamente, estaria sistematizando a composição do que podemos compreender como o signo linguístico dessas línguas, ou seja, o sinal. Segundo a autora, o sinal em Libras

apresenta uma estrutura articulatória composta em 4 níveis hierárquicos, conforme se expõe a seguir.

Figura 4: Estrutura articulatória do sinal



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p.111)

Como se observa acima, segundo Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), semelhantemente ao que ocorre em línguas orais, o sinal se constitui em quatro níveis articulatórios, sendo o 1º o nível dos traços, que inclui aquilo que tem sido descrito, na literatura, como parâmetros das línguas de sinais e, muitas vezes, tem sido equiparado ao fonema. Para Lessa-de-Oliveira os componentes desse 1º nível, isto é, os ditos parâmetros já citados por outros pesquisadores, e mais outros descobertos pela autora, durante suas análises (são eles: *três eixos de posição da mão*, *três planos de movimento*, *tipo de movimento de mão*, *movimento de dedo* e *ponto de toque*) são, para a autora, traços que constituem um nível abaixo dos fonemas, equiparáveis aos traços formativos dos fonemas e não os próprios fonemas. Acima desse 1º nível, encontra-se o 2º, composto de três tipos de elementos, que a autora chama de macrossegmentos. São eles: *Mão*(M), *Localização*(L) e *Movimento* (Mov). Em cada um desses macrossegmentos se encontram traços formativos desse macrossegmento, conforme a estrutura na figura acima. A autora explica

que o traço *expressão facial* não entra em nenhum desses macrossegmentos, embora ela reconheça a importância desse traço na estrutura de alguns sinais. Mas, por outro lado, verificamos que a autora aponta que expressão facial é componente de um sinal, estando relacionada à sentença ou a outros aspectos da comunicação. Acima dos macrossegmentos se encontra, no 3º nível, a unidade que denominada pela autora de MLMov. Essa unidade se compõe desses três tipos de macrossegmentos, podendo estar ausentes os macrossegmentos Locação ou Movimento, conforme a autora. Por fim, acima desse nível se encontra outro, o 4º, cujos elementos reúnem comumente uma, duas ou três unidades MLMov, culminando no sinal. A estrutura do sinal de Lessa-de-Oliveira (2012; 2019) está representada mais detalhadamente no capítulo 4, onde explicamos também o sistema de transcrição que adotamos para realizar a anotação dos dados da presente pesquisa.

Comenta Prado (2014), sobre a linearidade/tridimensionalidade dos signos linguísticos das línguas de sinais, evidenciando que, enquanto os fonemas de línguas orais são sinalizados um após o outro, nas línguas de sinais, os signos são representados por meio de uma cadeia de modalidade gesto-visual, em que “os sons dão lugar aos parâmetros (*Mão – Locação – Movimento*) os quais são realizados simultaneamente no espaço físico, fato este que lhes confere um *status* tridimensional” (PRADO, 2014, p. 17).

Quanto à linearidade e a tridimensionalidade, Lessa-de-Oliveira (2012; 2019) argumenta que ambos os aspectos fazem parte tanto de línguas orais como de língua sinalizadas. Assim, segundo Lessa-de-Oliveira (2019), diferentemente da propagação do som, que tem uma dimensão linear porque ocorre no tempo, a visualização de um gesto é tridimensional, realizando-se no espaço e no tempo e, diante dessa análise, muitos se apressariam em concluir que os sinais são tridimensionais, haja vista que são gestuais. Entretanto, segue argumentando a autora, em análise mais apurada percebe-se que:

Ao nível dos traços distintivos as línguas orais também são tridimensionais. Na articulação do fonema /b/ da palavra ‘boy’ por exemplo, o que vem primeiro? A articulação dos lábios, o vozeamento? Que traço distintivo é percebido primeiro pelo ouvido? Nas línguas orais a linearidade se dá a partir do nível dos fonemas acima, porque, na verdade, a linearidade se constitui pelo encadeamento de unidades. Esse encadeamento pode se dar tanto no tempo quanto no espaço. O fonema é uma unidade que reúne traços distintivos. O encadeamento dessas unidades no tempo é que produz a linearidade na modalidade falada de línguas orais. Nos sistemas de escrita dessas línguas essa linearidade é reproduzida pelo encadeamento de grafemas no papel (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p.109).

Por outro lado, a autora observa que, em línguas de sinais, a linearidade também pode ocorrer, como em alguns sinais da Libras, formado por mais de uma unidade MLMov, como MADRASTA, por exemplo, que é formada de três unidades (voltaremos à composição articulatória do sinal no capítulo 4). Ou seja, explica a autora que o encadeamento de unidades MLMov, em nível de sentença ou em nível de sinal, produz linearidade.

Entretanto, a autora continua considerando que a tridimensionalidade tem nas línguas de sinais um espaço maior que nas línguas orais, pois, conforme explica, o aspecto tridimensional se verifica ainda ao nível dos macrossegmentos (2º nível), os quais não se dispõem em sequência na linha do tempo. “Como os itens lexicais, ou seja, os signos em línguas de sinais têm como significante, quase sempre, uma única unidade MLMov, não vemos a linearidade como princípio constitutivo do significante nessas línguas.” (LESSA –DE- OLIVEIRA, 2012, p. 157-158). Também em relação à estrutura frasal a autora aponta indício de que a tridimensionalidade também se faz presente nesse nível. Nas palavras da autora, “nossas análises nos levaram a observar que existem em frases da libras, em modalidade falada, características da tridimensionalidade, como a simultaneidade entre os argumentos, os quais se fazem presentes ao mesmo tempo.” Para demonstrar tal situação, a autora lança mão de um exemplo de Veloso (2010), em que as configurações de mão são interpretadas como argumentos em estruturas cuja derivação envolve a concatenação dos argumentos com a raiz de movimento. Vejamos o exemplo:

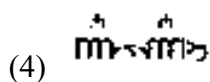
(3) VEÍCULO(md)_ULTRAPASSAR VEÍCULO(me).

‘Um carro ultrapassou outro carro.’

Conforme Veloso (2010: 60), nesse exemplo:

“a mão direita (md) realiza o movimento que constitui a raiz verbal do sinal ULTRAPASSAR, enquanto a configuração da mão e sua orientação representam o argumento externo CARRO. A mão esquerda (me) representa o argumento interno CARRO e seu posicionamento em relação ao argumento externo.”

Assim, segundo Lessa-de-Oliveira (2012), o contexto tridimensional favorece, nesse exemplo, a ocorrência simultânea da raiz verbal e seus argumentos, os quais compõem juntos um único sinal. Esse sinal, inclusive, se compõe de uma única unidade MLMov, podendo ser escrito em SEL, como um sinal.



(4)

‘Um carro ultrapassou o outro.’

3.1.2 Os sinais a partir do critério sintático

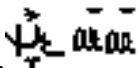
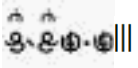
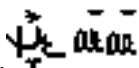
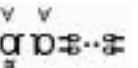
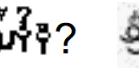
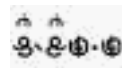
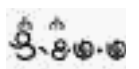
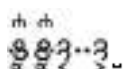
Lembrando o que foi dito no capítulo anterior sobre a sintaxe, esta corresponde ao módulo da gramática que estabelece relações entre os constituintes da língua. Segundo Kenedy (2016, p. 177), esses constituintes que compõem a sintaxe correspondem a um “conjunto de operações cognitivas que geram representações sintáticas complexas, como sintagmas e frases”. O papel da sintaxe cognitiva é abranger como o ser humano se comunica por meio de palavras soltas tendo a capacidade de conectar essas palavras soltas, ou seja, as unidades lexicais, para formar orações e períodos que compõem um discurso. Cabe ressaltar que, o termo ‘sintaxe’ aqui empregado corresponde à proposta gerativista definida por Chomsky, compreendido como um sinônimo de ‘Sistema Computacional da Linguagem Humana’, composto por uma língua-I que cada indivíduo possui de maneira particular em sua mente. De acordo com Kenedy (2016, p.180), o Sistema Computacional:

é, na verdade, invariável dentre os indivíduos humanos. Isso significa que a variabilidade dos fenômenos sintáticos resulta das informações lexicais que o Sistema Computacional usa para criar representações linguísticas. Ou seja, o Sistema Computacional é sempre o mesmo em todos os indivíduos, enquanto os fenômenos sintáticos são variáveis entre as línguas.

Assim, por compreender que cada língua possui suas particularidades e fenômenos sintáticos variáveis buscamos compreender como ocorre a sintaxe da Libras, que se trata de uma língua tridimensional e espacial, conforme a discussão que acabamos de fazer na seção anterior. Mas, por outro lado, de acordo com a teoria gerativa, as línguas naturais têm como base a mesma Gramática Universal. Dessa maneira, a sintaxe torna-se um importante critério de identificação de sinais linguísticos, uma vez que as línguas de sinais são línguas naturais, pois seus falantes a adquirem e a utilizam como uma língua natural porque são dotados da GU, muito embora os sinais, ou seja, o item lexical na Libras sejam comumente confundidos com gestos, ou mal- interpretados. Para Stokoe (1972, p. 13) o “que diferencia os sinais de gestos que são sinais é a sintaxe. Eles ocorrem em frases e sentenças. Fenômenos gestuais similares ou idênticos que não são sinais

significam mensagens que não necessitam de análise, pois os veículos não têm estrutura sintática.”

Assim, podemos compreender que, quanto ao critério sintático, para definir o que é sinal em Libras, podemos seguir os mesmos dois passos apresentados por Sandalo (2001), no que diz respeito à definição apresentada para palavra, pois a definição de sinal segue o mesmo critério. Assim, uma sequência de traços gestuais só pode ser definida como sinal se: (A) puder ser usada como resposta mínima a uma pergunta; e (B) puder ser usada em várias posições sintáticas. A esse respeito podemos observar nos exemplos a seguir, que a sequência gestual  (BICICLET[a/ar]), por exemplo, observada no dado (5a) a seguir, realizada por uma pessoa surda, ocorre como uma resposta mínima de uma pergunta em (5b) e ocupa livremente as posições de verbo em (5a), objeto direto em (5c) e sujeito em (5d). A intensificação do movimento, observada em (5a), representada em SEL por |||, ocorre aí como se fosse um morfema de intensificação, correspondendo ao adjunto adverbial de intensidade ou modo em Português (velozmente).⁹

- (5) a.    
 MENIN[o] BICICLET[ar]^{intensificador} CLZê PASS[ar]^{intensificador}
 ‘O menino pedalava velozmente e passou rapidamente.’
- b.    
 MENIN[o] FAZ[er] O QUE ? BICICLET[ar]^{intensificador}
 ‘O menino faz o quê? Pedala velozmente’
- c.   
 EL[e] BICICLET[a] V[er]
 ‘Ele vê a bicicleta’
- d.  
 BICICLET[a] QUEBR[ar]
 ‘A bicicleta quebrou.’

Por fim, a partir da análise desses exemplos, podemos dizer que, no que diz respeito ao caráter sintático, a Libras também apresenta um sistema complexo, com

⁹ Veja as regras de construção de glosas na seção 4.2, que trata da escolha do método de transcrição e sistema de notação.

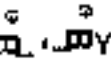
categorias gramaticais presentes em línguas naturais, dentro da base universal, mas com variações que particularizam sua gramática, como também ocorre com as demais línguas naturais. O sinal, no âmbito sintático, como item lexical preenche, dentro da estrutura argumental, a posição de núcleo de uma categoria sintagmática, que se projeta através da seleção de argumentos (incluindo-se a possibilidade de argumentos nulos e de núcleos que não os selecionam em suas projeções, como verbos meteorológicos), formando o sintagma e se concatena com outros sintagmas na formação de sentenças.

Uma das características próprias da Libras, enquanto língua particular, já apresentada em pesquisas diz respeito à não existência de marca morfológica que distinga as categorias gramaticais. Lavras (2019), replicando experimento realizado por Pizzio (2011), em estudo sobre as categorias nome e verbo em Libras, dispõe evidências que indicam que a distinção categorial nessa língua não se dá de forma morfológica, mas apenas de forma sintática. A pesquisadora não encontrou, em nenhum dos 25 pares de nomes e verbos de sinais testados, nenhum morfema responsável por distinção categorial, o que levou a pesquisadora à conclusão de que a categorização de itens lexicais em Libras se dá de forma estrutural, definida dentro do contexto sintático, e não de forma morfológica.¹⁰

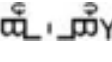
Lavras e Lessa-de-Oliveira (2020) demonstram, através dos exemplos a seguir, a identificação da categoria gramatical de sinais por meio de análise da estrutura sintática em Libras. Para verificar as posições sintáticas de ocorrência do sinal, que traz a forma articulatória , as autoras apresentam três frases, em que tal sinal, sem alteração em sua articulação, se apresentou no *corpus* analisado por elas:

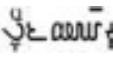
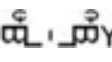
- (6)    (INF6-GT)
 'Venceram a corrida.' (ou 'Venci a corrida.' ou 'vitória da corrida')
- (7)    (INF6-GT)
 HOMEM CORR[-]
 'O homem corre.' (ou 'corrida do homem')

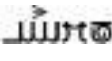
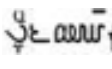
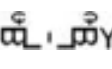
¹⁰ Rodero-Takahira (2015), entretanto, apresenta em sua tese, alguns pares nome-verbo que apresentam um *mouthing* (uma expressão de boca), que ela analisa como um morfema categorizador realizado por n ou v, respectivamente, em AVIÃO e IR-DE-AVIÃO; CARRO e DIRGIR-CARRO; DANÇA e DANÇAR; FACA e CORTAR-COM-FACA.

- (8)     (INF1-GC)
 EST[-] HOMEM GOST[-] CORR[-]
 ‘Este homem gosta de correr.’ ou ‘Este homem gosta de corrida.’

(LESSA-DE-OLIVEIRA; LAVRAS, 2020, p. 14)

Explicam as autoras que, em (6), verifica-se que o sinal 1,  (CORR[-]), se faz acompanhar do sinal 2,  (VENC[-]). Nesse contexto, o sinal 2 pode ter: “se for verbo, uma estrutura argumental que seleciona um argumento interno e um externo; se for nome, uma estrutura de um argumento interno.” (LESSA-DE-OLIVEIRA; LAVRAS, 2020, p. 14). Ressaltam as autoras que, seja na interpretação do sinal 2 como verbo ‘Venci a corrida.’ ou ‘Venceram a corrida.’, seja na interpretação desse sinal como nome ‘vitória da corrida’, o sinal 1, selecionado como argumento interno, será um nome. Também, analisam as autoras que o sinal 2 como verbo é que atende à formação da estrutura frasal, pois a frase precisa de um eixo verbal.

Continuam explicando as autoras que, em (7), temos o sinal 1  (HOMEM), que se faz acompanhar do sinal 2,  (CORR[-]). As autoras observam que o sinal 2 pode ter uma estrutura argumental que seleciona um argumento apenas, seja como nome ou como verbo, o que leva à seleção do sinal 1 como argumento do sinal 2. Temos, então, a possibilidade de interpretar que o dado é ‘o homem corre’, se o sinal 2 for verbo, e o ‘a corrida do homem’, se o sinal 2 for nome. Como não houve ocorrência de nenhum outro sinal nesse dado, que pudesse selecionar ‘a corrida do homem’ como argumento, as autoras concluem que o sinal 2 ocupa a posição de eixo verbal da frase, isto é, trata-se de um verbo, e a interpretação da frase é ‘o homem corre’.

Mas as próprias autoras verificam que a não ocorrência de marca morfológica categorial, ao tempo que torna a identificação das categorias gramaticais completamente dependente da sintaxe, dificulta sua identificação uma vez que alguns contextos sintáticos parecem ambíguos em termos de possibilidade interpretação da estrutura. É o que se verifica no exemplo (8), em que o sinal  (GOST[-]), ocupando a posição de eixo verbal da sentença, seleciona o sinal  (HOMEM) como seu argumento externo e o sinal  (CORR[-]) como seu argumento interno. Ocorre que se tem nesse contexto duas possibilidades de interpretação para CORR[-], pode ser um verbo numa

sentença subordinada, ‘Este homem gosta de correr’, ou um nome’ numa sentença simples, ‘Este homem gosta de corrida.’

As autoras, lançando mão da interpretação semântico-pragmático, concluem que, o nome CORRIDA remete de maneira genérica ao evento realizado por pessoas de modo geral e o contexto pragmático se refere ao fato de o homem da figura gostar de sua própria CORRIDA, uma vez que na figura do teste realizado na pesquisa aparece um homem correndo para o trabalho. Assim, o sinal em questão é, para as autoras, um verbo nesse contexto sintático-semântico-pragmático.

3.2 Classificadores

De acordo com Rodero-Takahira (2015), em línguas orais, classificadores numerais são comuns, como por exemplo, no Mandarim, uma língua na qual haveria classificadores desse tipo, que individualiza seus referentes em relação ao tipo de entidade e de medida, a quantidade (Cf. YIP, 2008). Em línguas orais há também, conforme explica Rodero-Takahira (2015) outros tipos de CLs como os que remetem a tamanho ou formato, denominados CLs de tipo. Quanto aos CLs numerais a autora explica que esses classificadores dividem o grupo de nomes entre contáveis e massivos. Conforme Grinevald (2000, p. 63, *apud*. RODERO-TAKAHIRA, 2015, p.50):

CLs numerais são assim denominados porque ocorrem em contexto de quantificação, podendo ocorrer também com demonstrativos e, ocasionalmente, com adjetivos. Eles marcam categorias de nomes por morfemas livres ou presos (afixos, infixos ou reduplicação em algumas línguas); são sistemas de classificação motivados semanticamente que classificam apenas alguns nomes; e estão sujeitos a condições pragmáticas de uso – em muitos casos, a presença ou ausência de um nome CL se dá por fatores pragmático-discursivos em vez de sintáticos.

A partir de Grinevald (2002, p.260 *apud*. RODERO-TAKAHIRA, 2015, p.53) podemos listar algumas características que podem ajudar a definir, de maneira geral, os CLs em línguas naturais. Esses, então:

- São morfemas que aparecem em um grande número de classes;
- Constituem sistemas abertos de categorização nominal;
- Não se fundem com categorias gramaticais (assim como ocorre com traços de número ou caso na categoria dos nomes);

- Não são marcados no nome por si sós;
- Não fazem parte de sistemas de concordância;
- Podem ter variação de falante para falante;
- Apresentam variação de registro (formal vs. Informal);
- São de natureza lexical, usados em construções morfossintáticas específicas.

Com referência a língua de sinais, entretanto, comentam Finau e Mazzuchetti (2015) que os *classificadores* da Libras ainda são elementos “obscuros do ponto de vista linguístico [...] tais elementos ainda não têm uma descrição unânime entre os linguistas no que tange ao seu status morfológico, sua posição sintática e nem mesmo quanto a sua definição”. Segundo McCleary e Viotti, (2011), *Sinais policomponenciais* é o rótulo usado por Quinto-Pozos (2007) para sinais tradicionalmente conhecidos como *classificadores*. Esses sinais são chamados *verbos policomponenciais* em Schembri (2003) e *verbos depictivos* em Liddell (2003a, b). Já Bernardino (2012, p. 3) considera, com base em Quadros e Karnopp (2004), que os *classificadores* fazem parte do núcleo lexical dessas línguas, eles seriam responsáveis pela formação da maioria dos sinais já existentes, assim como pela criação de novos sinais.

De modo geral, observamos como característica comum entre os autores considerar o classificador como um elemento gramatical de natureza morfêmica. Bernardino (2000, p. 93-95) cita McDonald (1982) que defende que os sinais seriam multimorfêmicos, contendo unidades definidas semântica e estruturalmente. Estruturalmente, para esse autor, os parâmetros seriam morfemas, as características dos parâmetros seriam unidades fonológicas e as ações musculares (da face ou do corpo) ao realizar um sinal, traços distintivos. Segundo Bernardino (2000, p. 94) as configurações de mãos em classificadores servem para “descrever o referente do nome (atuando como adjetivo), substituir o referente do nome (atuando como pronomes) ou localizar os referentes (como locativos) – seriam os classificadores, ou CLs.”

Felipe (2002) apresenta um estudo comparativo que traz conceitos de CLs de vários pesquisadores (FRISHBERG (1975), KEGL; WILBUR (1976), SUPALLA (1978/79)). Para Felipe (2002), o ponto em comum nessa discussão está na definição de classificador como sendo certas configurações de mãos que funcionam como morfemas, as quais marcam certas características de um objeto nas línguas de sinais.

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 92-94), os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar a qualidade de um referente. Explicam as autoras que os sinais que utilizam classificadores, considerados como léxico nativo, ou seja, um léxico próprio da comunidade que formam outro componente no léxico das línguas de sinais, pois essas formas também podem violar restrições formacionais do núcleo lexical (por exemplo, tais sinais podem violar as restrições de simetria e dominância em sinais articulados com duas mãos).

Veloso (2008) traz os estudos de Supalla (1978, 1982, 1986) a respeito de classificadores nas LS, de acordo com quem, em verbos de movimento e locativos da Língua de Sinais Americana, cada parâmetro fonológico (formacional) básico é um morfema. Assim, Veloso (2008) informa que sua investigação trata especificamente de três tipos distintos de construções que têm sido abrigados sob o rótulo de *classificadoras*: (i) construções com incorporação de objeto; (ii) construções com verbos que incorporam modo de movimento; e (iii) construções com verbos de deslocamento, existência e localização.

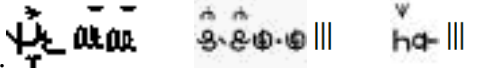
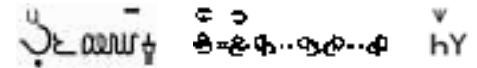
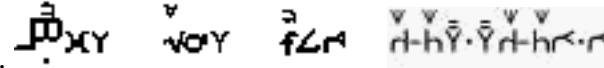
Considera Ferreira (2010 [1995], p. 102-113) que os sinais, talvez por serem espaciais-visuais, apresentam vários tipos de CLs, explorando também morfologicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais. A autora apresenta o conceito de classificador com base em Allan (1977, p. 288), de acordo com quem o “classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicativo, para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele se classifica”. Para ele, o CL tem significado, posto que denota características percebidas ou imputadas da entidade à qual o nome associado se refere. O CL é, pois, um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer à determinada classe. Assim, conforme Ferreira (2010 [1995]), os CLs podem funcionar como nome, como adjetivo, como advérbio de modo ou como locativo. Entretanto, é no verbo ou no adjetivo, que eles se incorporam, sendo, pois, CLs que se apresentam no sintagma verbal ou predicado.

Os classificadores podem segundo Rodero-Takahira (2015) assumir diversos tipos (numerais classificadores, predicados classificadores, entre outros). A autora, assim como nós já apontamos, afirma que na literatura não existe uma ideia precisa do que realmente seria um classificador. Esta autora fez uma busca dos principais conceitos atribuídos aos CLs e explica que:

Nas LSs o estatuto dos CLs ainda é bastante discutido. Há autores que consideram CLs como gestos (Cf. COGILL-KOEZ, 2000); outros consideram CLs como uma combinação de componentes linguísticos e gestuais (Cf. LIDDELL, 2003, que os chama de depictivos, ou seja, que retratam pictorialmente certos aspectos de seu significado); um terceiro grupo trata alguns CLs como morfemas, tal como nos predicados classificadores com verbos de movimento e localização (Cf. SUPALLA, 1982, 1986); outros, ainda, tratam alguns CLs como raízes semanticamente motivadas, formando compostos raízes (Cf. ZWITSERLOOD, 2002, 2003, 2008); finalmente, um quinto grupo discute se os CLs poderiam ser definidores de classe de palavras (Cf. MEIR, 2012; ZWITSERLOOD, 2012). Além disso, uma questão que é sempre retomada nas pesquisas é se os CLs das LSs seriam, ou não, iguais aos CLs das LOs (RODERO-TAKAHIRA, 2015, p. 49).

Ademais Rodero-Takahira (2015) assume que os classificadores na Libras funcionam como morfemas categorizadores, que se anexam a uma raiz $\sqrt{\text{ENTIDADE}}$, com um significado bastante geral, e transmitem seus traços semânticos influenciando na composicionalidade do significado da raiz.

Vemos no exemplo (5a) acima, repetido abaixo como (9a), um classificador que corresponde à configuração de mão em *zê* no eixo superior, que ocorre no sinal que representa o verbo ‘passar’, significando que uma entidade genérica passou rapidamente. Em (9b), a seguir vemos esse mesmo classificador na realização do verbo ‘ir’, todavia articulado de forma não convencional¹¹, representando o traço de entidade genérica ‘que vai’. Já em (9c) vemos o classificador *zê* servindo para estabelecer que uma entidade genérica (identificada na oração anterior como flor) se distribui no espaço.

- (9) a.  MENIN[o] BICICLET[ar]^{intens.} CLzê PASS[ar]^{intens.}
 ‘O menino pedalava velozmente e passou rapidamente.’
- b.  HOMEM DIRRIG[ir] CLzê[ir]
 ‘O homem vai dirigindo.’
- c.  MULHER V[er] FLOR CLzê ESPALHAD[as] AC1
 ‘A moça viu flores espalhadas e as arrancou.’

Legenda:

¹¹ Na realização desse sinal a mão se mantém no eixo superior, sem inversão como no padrão, e o movimento é para o lado e não para frente, como seria no sinal IR padrão.

AC1 – Simulação do ato de arrancar as flores uma a uma, juntando-as nas mãos.

Além da característica dos CLs representarem uma entidade, a autora acrescenta que os CLs, para usuários da Libras, no processo de uso de maneira geral, servem para “descrever, detalhar, dar características para um objeto, animal ou pessoa” (RODERO-TAKAHIRA, 2015, p. 54). Entretanto, para a autora, o uso dos CLs “é muito mais sistemático, no sentido em que o CL é um elemento linguístico, e como tal respeita os processos de formação de palavras e a sintaxe dessa língua” (op. cit., p. 54).

Assim, buscando assumir uma proposta de definição de CLs no âmbito da teoria linguística, Rodero-Takahira (2015) começa traçando seu caminho de análise assumindo que entende que CLs podem ser: (i) morfemas que podem ser realizados junto a verbos – predicados *CL* –, compreendendo que todos os CLs têm um valor nominal, mesmo predicados CLs, uma vez que o sinal marcado como *CL* é sempre um argumento do verbo ou um instrumento para a realização do evento descrito por esse verbo; e (ii) morfemas que ocorrem em alguma construção sem a realização de um verbo, nas quais os sinais CLs não se encontram concatenados com verbos de movimento, têm valor nominal e podem ser realizados livremente.

Dessa forma, a autora defende que o morfema CL é um categorizador, que vai atribuir a categoria nominal para uma raiz e, em um estágio posterior, esse nome pode se concatenar com um vP (sintagma verbal), formando um verbo de movimento e funcionando como seu argumento ou instrumento. Assim, conforme a autora, dentro da perspectiva da Morfologia Distribuída, existe uma etapa nominal na derivação morfológica de sinais classificadores, mesmo daqueles cujo resultado final é um v(verbo), pelo fato de eles poderem ser realizados sozinhos.

(54) *Classificadores* - Morfemas que se anexam a uma dada raiz $\sqrt{\quad}$, categorizando-a como um nome (morfemas categorizadores).

(55) *Sinais Classificadores* - Nomes formados por uma raiz $\sqrt{\quad}$ já categorizada por um n. O núcleo n, ou seja, o categorizador, é um morfema CL, como em nP[n[CL] $\sqrt{\quad}$]. (RODERO-TAKAHIRA, 2015, p. 77)

Com base nessa especificação, assume a autora que todos os tipos de sinais com CLs têm um significado mais geral, o de ‘entidade’, podendo esse significador ser: uma pessoa, animal ou objeto. Em outras palavras, conforme definição da autora, enquanto os CLs SASS (Especificadores de tamanho e forma, do inglês, *Size and shape specifiers*)

Implementando, no âmbito da Morfologia Distribuída, o que ela assume em (54) e (55) na citação acima, Rodero-Takahira (2015) propõe que os morfemas CLs são categorizadores que se anexam diretamente a uma raiz, podendo influenciar o *spell-out* (que só ocorre quando um segundo núcleo categorizador se anexar a estrutura) e o significado dessa raiz.

- Diagrama sintático da frase "O menino encontrou o gato":
- NP (Núcleo da frase) → fase
- xP (X-bar)
- x (X)
- nP (Núcleo da frase)
- n (Núcleo)
- CL (Clítico)
- v (Verbo)
- ENTIDADE (Entidade)

(RODERO-TAKAHIRA, 2015, p. 83)

3.3 Ações Construídas

3.3.1 Conceito

As denominadas Ações Contruídas, ou ACs, são um tipo de fenômeno que emerge do rol de fenômenos da Libras, o qual muitos têm, grosso modo, tratado como classificador. Felipe (2006) aborda sobre certo fenômeno em Libras que ela trata como sinais icônicos, os quais desempenham, segundo a autora, funções importantes para a formação do sinal. Felipe (2006, p.7) afirma que os sinais icônicos são “recursos que permitem uma economia, já que expressões faciais e corporais podem complementar os itens lexicais estabelecendo contextos discursivos uma vez que essas se estruturam a partir das convenções da língua”. Ainda de acordo com Felipe (2006), esses recursos miméticos e icônicos são comumente confundidos e compreendidos como um recurso gramatical das línguas de sinais e são denominados de maneira equivocada de classificador, um fenômeno que a autora considera como gramatical, como mencionado

na seção anterior. Felipe (2006, p. 8) procura “ressaltar que esse processo mimético não deve ser confundido com os classificadores, pois não se trata de um processo de acréscimo de morfema à raiz, como ocorre com os classificadores”.

Estudos mais recentes começam a fazer referência a respeito desse fenômeno como ações construídas. McCleary e Viotti, (2011, p. 9) definem ACs como movimentos corporais do sinalizador, isto é, “[...] parte do corpo do sinalizador se movimenta de maneira a representar iconicamente o corpo de um personagem humano ou animal, ou para representar a localização, o posicionamento e a movimentação de algum objeto ou entidade”. A grande discussão é descobrir se a sua natureza linguística é gramatical, ou gesto não gramatical. Esses estudos tiveram início na pesquisa de Tannen (1989), citado por Quinto Pozos (2007).

Antes de aprofundarmos no conceito das ACs¹² em língua de sinalizadas, no presente estudo sobre a Libras, iremos exemplificar as ACs na língua orais¹³. Bolgueroni e Viotti (2013, p.24) apresentam uma situação na qual representam uma AC em língua oral.

“O menino entrou na sala escura pé-ante-pé para não fazer barulho, caminhando agachado para não ser visto pela janela”.
Imaginemos agora que, ao produzir esse enunciado, o |narrador| curve seu tronco para frente como quando alguém se abaixa, mova levemente seu tronco para frente como quando alguém caminha lentamente, e faça uma expressão facial sorradeira, como a de quem está fazendo algo escondido. Com seu corpo, o |narrador| está gestual e mimeticamente demonstrando as ações da personagem do menino. Esse é um exemplo de ação construída, em que o |narrador| age como um sub-rogado do |menino| (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013, p.24).

Como podemos perceber, as ACs são um tipo de fenômeno que, dizendo respeito à linguagem humana, pode também ser reconhecido na produção de línguas orais. Ou seja, as ACs fazem também parte naturalmente do nosso cotidiano e estão presente nas nossas falas, ações e expressões. No entanto, as autoras expõem o fato de que, a partir das análises que realizaram, ficou claro que nas línguas sinalizadas o *token* (é a marcação do personagem, por meio da apontação) e *sub-rogado* (é a representação de um

¹² Para compreendermos como as ações construídas acontecem na língua de sinais é necessário compreender em qual espaço ocorre esse fenômeno linguístico, portanto, para isso é necessário estudarmos o espaço mental, chamado de espaços real. A análise desses espaços foi desenvolvida por Liddell, esses estudos que permitem compreender as línguas sinalizadas, embora essa análise não fique restrita apenas às línguas sinalizadas, visto que podem também ser utilizadas para línguas orais (Bolgueroni e Viotti (2013).

¹³ Segundo estudos de Bolgueroni e Viotti (2013), os estudos teóricos dos espaços mentais de (FAUCONNIER; TURNER, 2002) têm sido bastante explorados nas línguas orais, por alguns autores, com o objetivo de explicar diversos fenômenos gramaticais e discursivos.

personagem utilizando o corpo, ou parte dele) parecem “ter um peso maior do que em discursos de línguas orais: elas são centrais para a construção da significação e para a organização do discurso” (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013, p.24). Dessa forma, é possível compreender a funcionalidade das ações construídas presentes nas línguas para organização do discurso.

Pelo fato de as ACs utilizarem o corpo e as expressões faciais, nas línguas orais, as ACs são mais fáceis de serem identificadas devido ao canal de comunicação; já nas línguas sinalizadas, a identificação das ACs é mais complexa, pelo mesmo motivo, o canal de comunicação, que por ser gestual dificulta a distinção entre a fala sinalizada e as ACs. Isto, muitas vezes, que leva a generalização dos elementos linguísticos nas línguas de sinais são tomados simplesmente como gesto, ou, pelo contrário, ACs são tomadas como parte da estrutura gramatical sem maiores investigações.

Assim, para ampliar a compreensão da performance da incorporação do personagem nas ACs é imprescindível adentrarmos em discussões acerca do conceito de *sub-rogado* nas línguas sinalizadas, visto que isso ocorre com bastante frequência no discurso, por meio da montagem do personagem e da localização na história, considerando que isso estar diretamente relacionado à organização da sinalização de uma língua que é espacial e tridimensional.

Pesquisadores explicam que esse recurso é bastante explorado em gêneros textuais como, por exemplo, em narrativas. Bolgueroni e Viotti (2013, p.23) descrevem um fenômeno que explica a construção das ACs, intitulado *espaço sub-rogado*, o qual resulta da integração conceitual de partes do corpo do sinalizador – que pertencem ao espaço real – com entidades pertencentes ao espaço do evento figura 5. Em função dessas características, essa estrutura se diferencia do *senal* figuras 6 e dos CLs (Figuras 7).

Figura 5: Ação construída e espaço-sub-rogado



Fonte: Bolgueroni; Viotti (2013, p.23)

Figura 6: Sinal



Fonte: Junior; Souza (2011,p.15)

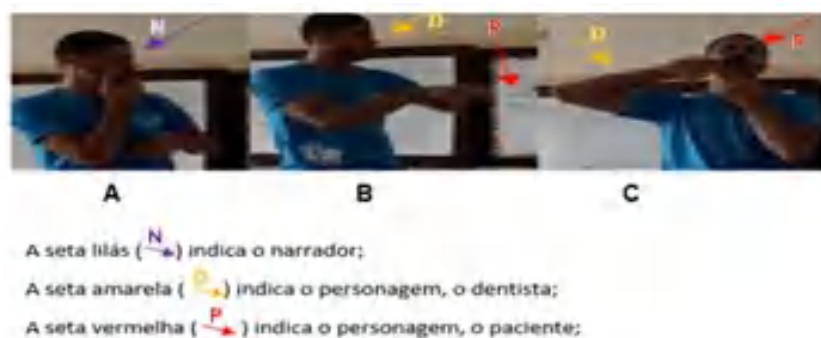
Figura 7: Classificador



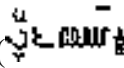
As ACs como vimos é composta pelo sub-rogado, que se divide em dois: *o sub-rogado visível* e *o sub-rogado invisível*. O primeiro consiste na representação do personagem que está sendo sinalizado, já o segundo, o invisível, é anunciado pelo narrador e posteriormente ele é representado na narrativa por meio da apontação, ou direcionamento do olhar. Como vimos na figura 5, temos a representação do *sub-rogado visível* na figura do bebê sinalizado. Segundo Bolgueroni Barbosa (2013, p.100), a ação *sub-rogada* que irá compor a ACs do “bebê é feita através de marcas corpóreas: o tronco e a cabeça são inclinados para trás, os braços se alternam para frente e para trás, o tronco se move para um lado e para o outro, e a expressão facial é alterada, imitando um bebê que está deitado chorando”. Essa característica de envolvimento de todo o corpo, numa ação de “encenação”, não é vistas em produções de sinal, figura 6, nem de CL, figura, 7.

O *sub-rogado* invisível está representado na figura 8, além de outros elementos, na qual temos, em sequência, dados da presente pesquisa que representam a cena de “O dentista extraíndo o dente paciente”.

Figura 8: Representação do sub-rogado da ACs na Libras



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Na cena A, identificamos o sinal HOMEM () (seta lilás). Na B já temos a incorporação do dentista, que identificamos a partir ACs que representam o personagem o *dentista* (seta amarela) fazendo algum procedimento no personagem *paciente*, indicado por meio do *sub-rogado* invisível (seta vermelha), ou seja, pela representação em que o *dentista* olha e conversa com o *paciente* invisível. A marcação pelo olhar, que sinaliza o espaço onde está o *paciente* na cena recebe o nome de *token*, ou seja, “no espaço *token*, a referência às pessoas do discurso é feita por meio da terceira pessoa, mesmo que sejam indivíduos do ato de fala ‘eu-tu’ ” (ARAÚJO, 2016, p. 4). Isto é, há um paciente imaginário no espaço que fica ao lado do corpo do sinalizador, como se pudesse visualizar a ação do atendimento para “retirar” o dente do paciente.

Na cena C é possível identificar que existe a partição do corpo do sinalizador, que representa simultaneamente o personagem *dentista* (seta amarela). O braço do sinalizador indica ação do *dentista* que está fazendo o procedimento, enquanto o corpo e a expressão facial do sinalizador representam o *paciente* (seta vermelha). Os personagens, *dentista* e *paciente*, estão sendo representado de maneira simultânea, dessa forma conseguem “expressar atitudes, pensamentos, sensações tanto do narrador quanto dos personagens, enquanto a direção do olhar desempenha um papel crucial para a compreensão da mudança de voz e ponto de vista narrativo” (McCLEARY; VIOTTI, 2014, p.126).

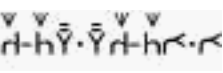
Assim, percebemos que as ACs, esse fenômeno linguístico ainda pouco explorado, presente nos discursos nos gêneros textuais da língua sinalizada, é resultado da interação dos espaços do *sub-rogado* e do *token*, que permite a construção de sentido em Libras, sendo permitido identificar as ações, a performance, a expressão corporal e facial dos personagens, pois são notórios os empréstimos ocorridos do corpo do sinalizador para representar os personagens.

De acordo com os estudos de Bernardino *et al.* (2020, no prelo) as ACs em discursos acontecem quando:

o sinalizador “incorpora” o referente, assumindo sua postura, seus trejeitos e seu modo de agir. Esse recurso é frequentemente encontrado nas diversas línguas de sinais, tendo sido observado também em diálogos construídos, especialmente em narrativas, em línguas orais. É utilizado pelo falante na demonstração do fato narrado, possibilitando a percepção de fatos retratados sob sua ótica.

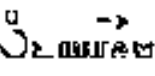
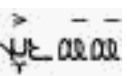
Vemos que a discussão sobre ACs converge, entre os autores, como um recurso de “incorporação” da coisa narrada, uma pessoa ou animal, utilizado pelo falante para construir

o sentido da narração. Podemos acrescentar a essa descrição, que as ACs inclui a percepção do espaço e de objetos utilizados pelos personagens na narrativa, como nos dois exemplos a seguir (o exemplo (9c) aparece repetido aqui como (11a)).

- (11)a.     (AC1) -
MULHER V[er] FLOR CLzê ESPALHAD[as] AC1
'A moça viu flores espalhadas e as arrancou.'

Legenda:

AC1 – Simulação do ato de arrancar as flores uma a uma, juntando-as nas mãos.

- b.  (AC2)   (AC3)
PAI AC2 Loc[det] MENIN[o] DEITAD[o] AC3
 
DESPED[ir]-SE DORM[ir]

'O pai abre a porta vagarosamente e olha carinhosamente o menino deitado, que puxa um lençol para se cobrir, dá tchau e dorme. '

Legenda:

AC2 – Simulação de alguém abrindo uma porta vagarosamente e olhando carinhosamente o que está depois da porta.

AC3 – Simulação de alguém que, deitado, puxa um lençol para se cobrir.

No exemplo (11a) ocorre uma ação construída (AC1) que corresponde ao gesto de arrancar as flores distribuídas pelo espaço. Embora feito com as mãos, sem envolver movimentos corporais, temos aí uma AC por se tratar de gesto contínuo, sem unidades discretas claras, altamente icônico, completamente idiossincrático, ocasional, que pode não ser repetido da mesma maneira nem pelo mesmo interlocutor. No exemplo (11b) vemos duas ACs que apresentam essas mesmas características. Nesses dois exemplos é bem interessante observar como as ACs correspondem, em sentido interpretativo, a partes das frases, cujas outras partes são realizadas por sinais. Assim, AC2 traz um conteúdo semântico correspondente ao que seria expresso pelo predicado do sujeito constituído pelo sinal PAI; e AC3 corresponde ao conteúdo semântico que poderia ser expresso por uma oração coordenada desse período.

3.3.2 Ações construídas em gêneros textuais

Ao falar em narrativa de língua de sinais é importante compreender que, por conta da modalidade da língua ser gesto-visual, os elementos linguísticos presentes na língua, por vezes, são interpretados de maneira genérica, sendo considerado como sinal, ou *classificadores*, como já dissemos. Assim, como o presente estudo tem o intuito de separar os elementos os quatro tipos de elementos, já mencionados (sinal CLs, ACs e gestos), encontrados na produção em Libras, aparentemente misturados, foi necessário adentrarmos nos estudos dos gêneros textuais com o propósito de compreender a organização estrutural dos elementos constituintes do tipo textual narrativo, na perspectiva da Libras, e compreender qual a função e características das *ações construídas* nesse contexto, uma vez que essas que estão comumente presentes em gêneros textuais narrativos, em línguas de sinais. Então, nos apoiamos em autores que versam sobre as narrativas sinalizadas, a saber: Castro (2012), McCleary; Viotti (2014), além de Marcuschi (2010) que apresenta estudo acerca de gêneros textuais e tipo textual.

Antes de adentrarmos as discussões sobre a narrativa sinalizada é pertinente, buscarmos um entendimento do que pode ser considerado gênero textual e tipo textual. Segundo Marcuschi (2010) a expressão *tipo textual* serve para definir uma construção teórica, bem como sua natureza linguística, mantendo “sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*” (MARCUSCHI, 2010, p.22).

Já a expressão *gênero textual*, segundo esse autor é uma expressão que apresenta um sentido vago, visto que serve para referir a textos materializados que utilizamos no nosso dia a dia servindo para aqueles “que apresentam características sócio-comunicativas definidas por **conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica**” (MARCUSCHI, 2010, p.22). O autor ainda acrescenta que os tipos textuais são bem mais restritos no que diz respeito à quantidade “são apenas meia dúzia”, diferente, portanto, dos gêneros textuais que são considerados inúmeros, exemplos:

de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea,

conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante (MARCUSCHI, 2010, p.22).

Dessa forma, podemos compreender a diferença que existe entre esses dois termos, gênero textual e tipo textual, considerando que o primeiro é mais restrito em quantidade, sendo limitado a cerca de cinco categorias, já o segundo é bem mais amplo. Cabe acrescentar que os tipos textuais se realizam nos gêneros textuais e esses por sua vez são estruturados por mais de um tipo de sequência, isso dentro do mesmo gênero. E as tipologias textuais, por sua vez, apresentam uma sequência definida por traços linguísticos que são predominantes tais como: “aspectos lexicais e sintáticos, relações lógicas e tempos verbais”.

Castro (2012), em sua pesquisa apresenta os estudos de Baker (1992) que retrata que os textos podem ser categorizados em “três tipos distintos: tipo informativo, tipo expressivo e texto operativo”. A fábula, por exemplo, por ser um gênero textual da tipologia narrativa, se enquadraria no tipo expressivo, visto que, segundo Castro (2012, p. 53), a narrativa de uma “fábula permite movimento gestual, movimentação gestual e corporal do narrador mais as suas expressões, possibilitam uma conexão com o expectador mais interativa”.

Na categoria tipo informativo, Castro (2012) traz como exemplo o gênero jornalístico, pois nesse gênero as narrativas são feitas por repórteres que transmitem informação de maneira mais distante, ou seja, o apresentador não expõe suas expressões, o expectador recebe a informação da maneira que foi passada, sem uma interação diferentemente do tipo expressivo. E o terceiro tipo, o operativo, segundo ainda Castro (2012), está mais voltado para propagandas, tem um objetivo mais comercial e está presente na internet, cartazes e lojas virtuais.

Após a abordagem desses três tipos de textos, Castro (2012, p.55) explica que as produções em língua de sinais se assemelham ao tipo expressivo, pois nesse tipo é possível uma criação imagética, que, em caso de narrativas com surdos, é permitido uma interação maior entre o narrador e o expectador. Podemos acrescentar que, além disso, no tipo expressivo, podemos perceber a presença das *ações construídas* na performance e na construção de cada personagem.

Diante disso, a presente pesquisa se propôs a entender a presença do elemento linguístico *ações construídas*, em gêneros textuais do tipo narrativo, que segundo Bronckart (1999), é um tipo textual sistematizado em acontecimentos podendo verificar-se o início, meio e fim da história narrada. Para Koche, Boff e Marinello (2013), a

narrativa, por ser organizada em sequência, permite relatar acontecimentos, histórias, fatos fictícios ou reais, no quais os personagens estão situados em um determinado espaço e tempo. Partindo dessa perspectiva, para buscarmos verificar a recorrência e produtividade das *ações construídas* em narrativas sinalizadas em Libras, procuramos verificar a presença ou ausência de ACs em gêneros textuais tais como: notícia jornalística, fábulas, aulas virtuais, vídeos religiosos, vídeos políticos.

A fim de se entender melhor como as ACs se apresentam em gêneros narrativos, vamos verificar dois aspectos que, conforme Castro (2012, p.68), dividem as *ações construídas*, nas fábulas em Libras, em duas categorias: *pessoa em ação* e *animais em ação*. O autor representa, na figura 9, a primeira dessas categorias – pessoas em ação – que está exemplificada por meio de imagens, a seguir, da fábula sinalizada em Libras.

Figura 9: Fábula sinalizada em Libras



Fonte: (CASTRO, 2012, p. 69)

E a segunda categoria das *ações construída* – animais em ação – está representada pelo personagem na figura 10.

Figura 10: Fábula sinalizada em Libras



Fonte: Castro (2012, p. 69)

Assim, verifica-se a presença das *ações construídas* nas fábulas “O Lenhador” e “Leão apaixonado” a partir da incorporação dos personagens. Para Liddell (2003a) a

incorporação dos personagens não fica restrita a marcação dos sinais não manuais, apenas, visto que, ainda que existam as mudanças de vozes nas narrativas entre o narrador e o personagem, na narrativa sinalizada, isso também acontece de maneira completa, ou seja, rica em detalhes. “Essa riqueza é alcançada por um complexo sistema de contextualização mútua entre o reduzido componente verbal e o componente gestual, que se manifesta por meio daquilo que tem sido chamado *ação construída*” como é definida por Liddell (2003a) e citado por McCleary; Viotti (2014, p. 297).

3.4 Gestos

As noções de língua e linguagem já foram apresentadas anteriormente, mas cabe uma retomada de maneira sucinta para compreendermos os gestos que se fazem presentes na linguagem. A língua é a maneira natural que um indivíduo tem para comunicar-se, seja este surdo ou ouvinte, utilizando, no caso do Brasil, respectivamente a Libras ou o Português, ou seja, se comunicar por meio da língua a que foi exposto e adquiriu com base na sua Faculdade da Linguagem, ou GU. A linguagem, portanto, “é o uso que este indivíduo fará de sua língua, sendo todo e qualquer meio de construir sentidos, de se expressar, podendo ser por gestos, sinais, corpo e demais maneiras” (CAVALCANTE; MARQUES, 2014, p.2). Considerando que os gestos fazem parte da linguagem, ao pensarmos nas línguas de sinais, de maneira geral, e na Libras, em particular como língua natural, podemos supor a presença dos gestos, que acompanham a fala sinalizada, sem fazer parte da estrutura gramatical dessa língua.

Os estudos sobre os gestos nas línguas orais têm contribuído para a descrição das línguas sinalizadas. Estudos mais recentes corroboram a ideia da presença dos gestos nas línguas sinalizadas, assim como se fazem presentes nas línguas orais. Todavia, uma questão se coloca para o caso das línguas sinalizadas, devido à natureza gestual da modalidade articulatória dessas línguas, que cria dificuldade quanto à identificação e distinção do que, no conjunto de gestos observados num enunciado comunicativo, pertenceria à gramática, distinguindo-se essa parte gramatical dos gestos que comporiam a linguagem. Isto porque o mesmo canal de produção da língua também é utilizado na produção dos gestos, apresentando-se gestos não gramaticais e sinais linguísticos juntos num mesmo tipo de articulação física.

Além disso, ainda temos que considerar outros fenômenos ocasionados pela possibilidade de mistura do que é de natureza gramatical com o que não teria essa

natureza, em enunciados sinalizados. Um exemplo disso é o que podemos chamar de gestualidade icônica, uma espécie de processo de criação de sinais. Ou seja, nesse processo, determinadas produções gestuais icônicas ainda não gramaticais, com o passar do tempo, são incorporadas à língua como sinais e são submetidas às regras do sistema gramatical dessa língua. Esses casos se diferem de outros que seriam apenas gestos que ocorrem juntamente com a língua, sem fazer parte dela, assim como estão presentes nas línguas orais, e se diferem também de dois outros fenômenos que estamos considerando aqui que são os *classificadores* e as *ações construídas*. Para cada um desses elementos precisamos de critérios que consigam nos dar respostas sobre sua natureza gramatical ou não. Segundo Duncan (2003, *apud* McCLEARY; VIOTTI, 2011, p. 2), as pesquisas que apontam características dessa gesticulação que ocorre naturalmente durante o desempenho de uma língua oral podem contribuir com a análise de fenômeno semelhante em línguas sinalizadas. Comenta o autor que:

uma característica universal do discurso nas línguas orais é a co-ocorrência entre o que é considerado linguístico (discreto, categórico, combinatório, linear, convencional, hierarquicamente organizado) e o que é gestual (análogo, contínuo, não-combinatório, espacial, idiossincrático, não-hierárquico), esses estudos abrem o caminho para estudos do gesto nas línguas sinalizadas.

Não obstante a dificuldade em fazer a distinção entre gestos puros e simples de outros elementos componentes da linguagem sinalizada, que incluem elementos claramente gramaticais como os sinais, juntamente com outros de natureza não tão evidente, esse tipo de caracterização de Duncan (2003) certamente evidencia aspectos que norteiam a distinção desses gestos. Para Cavalcante e Marques (2014, p.2) a “gesticulação seria os gestos que acompanham o fluxo da fala, envolvendo a postura corporal e o movimento de algumas partes do corpo, como os movimentos da cabeça, das mãos, dos braços e das pernas, por exemplo.”

Em estudos desenvolvidos por Quadros e Karnopp (2014), as autoras apresentam seis mitos que abordam algumas concepções equivocadas e amplamente discutidas acerca da Libras. Destacamos aqui apenas o primeiro deles, que está relacionado diretamente à Libras *versus* gestos. O primeiro mito é compreendido por Quadros Karnopp (2014, p. 31) como “*A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos*”. Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2009), esta concepção é falsa, pois esse embasamento está atrelado à ideia filosófica de que o

mundo das ideias é algo abstrato e que o mundo dos gestos seja algo concreto. De tal modo, surge a compreensão equivocada de entender os sinais como gestos. As autoras ainda acrescentam que os sinais:

são tão arbitrários quanto às palavras. A produção gestual na língua de sinais também acontece como observado nas línguas faladas. A diferença é que no caso dos sinais, os gestos também são visuais-espaciais tornando as fronteiras mais difíceis de serem estabelecidas. Os sinais das línguas de sinais podem expressar quaisquer idéias abstratas. Podemos falar sobre as emoções, os sentimentos, os conceitos em língua de sinais, assim como nas línguas faladas (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 12).

Acreditamos que o que pode vir a confundir muitas pessoas, levando alguns a pensarem que as línguas de sinais são simplesmente mímicas, ou seja, são os gestos que tentam imitar ou representar algumas das propriedades dos objetos a que fazem alusão, não seja apenas o aspecto viso-espacial ou gesto-visual das línguas de sinais, mas o espaço em que elementos gestuais simples ou de natureza um pouco mais complexa como *classificadores* e *ações construídas* podem ocupar no enunciado de línguas de sinais.

3.5 Resumo do capítulo

No III capítulo, fizemos uma discussão teórica apoiados em Bolgueroni e Viotti (2013), Bernardino (2012), Felipe (2006), Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), McCleary e Viotti (2011), Quadros e Karnopp (2004) e Veloso (2008), acerca de conceitos como: mímica, gestos e sinais, abordamos sobre a possibilidade de tomar como base de análise, para a definição do que seja e do que não seja sinal em Libras, dois critérios: o critério articulatório, assumindo o modelo fonológico da Estrutura MLMov, proposto por Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), como estrutura articulatória da Libras; e o critério sintático. Também realizamos, nesse capítulo, um levantamento a respeito do que a literatura traz sobre os *classificadores*. Fizemos uma abordagem teórica acerca das *ações construídas* na Libras. E apresentamos, de maneira sucinta, uma abordagem sobre gêneros textuais, a fim de fundamentar nossa questão a respeito da suposta relação de ocorrências de *ações construídas* mais frequentemente em gêneros narrativos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa se caracteriza metodologicamente como abordagem qualitativa e quantitativa. Primeiramente, como abordagem qualitativa, este estudo realiza uma análise de conceitos, características e aspectos relativos ao contexto de ocorrência e inter-relações com outros elementos, no sentido de promover uma discussão sistemática dos fenômenos linguísticos *ações construídas*, *classificadores*, *gestos e sinais*, encontrados nas produções em Libras realizadas pelos sujeitos informantes; e segundo, como abordagem quantitativa, este estudo interpreta dados numéricos coletados junto aos informantes, procurando nos aspectos quantitativos evidências a respeito da distinção entre os quatro fenômenos estudados no tocante à natureza de cada um e aos aspectos que os definem como elementos gramaticais ou não.

Quanto ao método de coleta de dados, trata-se de uma pesquisa de natureza mista, pois utilizamos método experimental e coleta de dados em forma de amostras naturalísticas. Consideramos que a utilização de método experimental conjuntamente com coleta de amostras naturalísticas se adequaria melhor aos nossos objetos de investigação, visando responder às perguntas do estudo. Procuramos com os experimentos obter dados a respeito de aspectos para os quais julgamos necessário haver um controle de variáveis, sobretudo no âmbito da comparação entre as produções e percepções de surdos e ouvintes. Já com as amostras naturalísticas procuramos observar os contextos, gêneros textuais e volume de produção, sobretudo das ACs.

No tocante aos dados experimentais, esses nos possibilitaram verificar aspectos relacionados ao grau de aceitabilidade ou não de enunciados contendo ou não *ações construídas* e *classificadores*, a partir do controle de variáveis, que dividimos em *independentes*, abrangendo: falantes de língua nativa ou segunda língua definida pelo período de aquisição dos sujeitos informantes (surdos com aquisição da Libras na infância, surdos de aquisição pós-infância e ouvintes bilíngues); e *dependentes*, ao medirmos: grau de compreensão e aceitação de *ações construídas* e *classificadores*; e recorrência e produtividade de *ações construídas* e *classificadores* na Libras produzida pelos sujeitos informantes.

Para os experimentos que realizamos, tiveram como objetivo verificar se as *ações construídas* são recorrentes e produtivas para a estrutura gramatical da Libras, comparando-as nesse aspecto a *classificadores*; além disso, procuramos verificar se *ações construídas*

são mais frequentes em gêneros textuais narrativos; também procuramos identificar se ouvintes que não sabem Libras conseguem compreender de maneira parcial narrativas que utilizam as *ações construídas*, pois esse elemento contribui para a compreensão do enredo; e, por fim, procuramos verificar as características dos processos de aquisição das *ações construídas*, observando a recorrência, medida quantitativamente, e possíveis características peculiares, a partir de comparação entre os grupos de informantes.

Para a coleta de amostras naturalísticas de produção linguística em Libras, realizamos buscas, via *internet*, de gêneros textuais, tais como: fábulas, textos jornalísticos, noticiários, vídeos religiosos, vídeo aula do Letras Libras. Produções em modalidade falada nesses gêneros textuais estavam disponíveis em sites, e todos estavam sinalizados em Libras. O intuito de análise dessas amostras foi verificar se as *ações construídas* aparecem em determinados tipos e gêneros textuais específicos, conforme hipótese levantada na presente pesquisa.

Os *corpora* desta pesquisa foram compostos de testes de elucidações em vídeos que utilizaram a linguagem não verbal, a saber, o cinema mudo de Charlie Chaplin. Para a montagem do primeiro *corpus*, utilizamos recorte de vídeos de Chaplin e montamos os testes que foram aplicados de maneira individual para cada informante surdo e cada ouvinte bilíngue. Em cada teste era necessário que os participantes reproduzissem em Libras o que assistiram. O segundo *corpus* da pesquisa se constitui de testes aplicados aos participantes ouvintes não falantes de Libras, os quais tinham que emitir sua opinião sobre a compreensão das produções em Libras com e sem *ações construídas* no tipo textual narrativo. E por fim, como terceiro *corpus*, realizamos uma coleta de dados retirada da internet, para verificar a produtividade e a compreensão das ações construídas pelos informantes ouvintes não falantes de Libras.

Assim, os testes e a coleta da pesquisa tiveram como objetivo verificar a produtividade, recorrência e compreensão dos elementos linguísticos: *sinal*, *classificadores* e *ações construídas*, distinguindo esses elementos de gestos não-gramaticais. E, com a necessidade de iniciar a separação e distinção desses elementos, fez-se necessário um estabelecimento, de nossa parte, de alguns critérios de identificação desses elementos linguísticos. Para estabelecer tais critérios tomamos como base fundamentos dos estudos de Saussure (2012[1916]) e de Chomsky (1995) e elaboramos a seguinte lista de fatores, os quais podem ser observados, nos quatro elementos gestuais aqui estudados, de maneira gradual:

- I. Da não-recorrência à recorrência padrão sintaticamente determinada;
- II. Do idiossincrático ao convencional;
- III. Do icônico ao arbitrário;
- IV. Da natureza contínua à natureza de unidade discreta;
- V. Do não-estrutural ao estrutural;
- VI. Do não-dependente de aprendizagem ao dependente de processo de aquisição;
- VII. De ‘sem inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos’ ao componente da estrutura frasal em nível lexical.

O critério I, que diz respeito ao fator recorrência, corresponde à possibilidade ou não de repetição do item realizado pelo mesmo ou por falantes diferentes, de modo que se reconheça ou não nesse item certo grau de recorrência, que estamos tratando aqui como padrão, mas que pode ser a empregada em algum dialeto da Libras, uma vez que, de fato, parece que não temos um padrão dominante dessa língua no país. A idiossincrasia, do critério II, diz respeito ao modo singular de realização do item em contraponto com um item que tem o consenso social de uso com certo significado convencionalmente estabelecido. O critério III, diz respeito ao grau de aproximação (iconicidade) ou distanciamento (arbitrariedade) da imagem na relação entre significante e significado. Com base no critério IV, procuramos identificar segmentações no elemento, isto é, possível unidade discreta hierarquizada e recorrente. Com o critério V, verificamos se o item analisado se inclui numa estrutura gramatical em nível sub ou suprasegmental, trata-se assim de um critério sintático. Com o critério VI, procuramos verificar a relação dos itens analisados com a necessidade ou não de aprendizagem ou processo de aquisição mais restrito para a sua realização ou processamento. Por fim, com o critério VII, procuramos verificar o grau de inter-relação ou não dos elementos analisados com sinais que preenchem posições sintáticas em contexto frasal.

4.1 Sujeitos-informantes

Os sujeitos informantes deste estudo foram escolhidos com intuito de termos três perfis de grupos distintos de aquisição da Libras: um grupo de sujeitos informantes surdos, que foi composto por 1 surdo com aquisição da Libras na infância e 2 surdos com aquisição dessa língua pós-infância; e dois grupos de sujeitos ouvintes, compostos por 3 ouvintes

bilíngues, ou seja, falantes de Português e Libras, e 3 ouvintes não falantes de Libras, totalizando 9 informantes. Em resumo, os critérios considerados na escolha dos sujeitos informantes foram, para o primeiro e o segundo grupos, o fato de serem falantes de Libras, já, para compor o terceiro grupo, os sujeitos informantes não poderiam ter nenhum conhecimento da Libras. Optamos também por participantes que tivessem ao menos o ensino médio completo.

Os informantes foram identificados por meio de siglas com o objetivo de manter preservadas suas identidades. As siglas se apresentam da seguinte maneira, referimo-nos aos informantes de acordo com as categorias: surdos (S), ouvintes bilíngues (OB) e ouvintes não falantes de Libras (ONFL) mais a enumeração de 1 a 9. Composto-se as siglas com a abreviatura do termo informante, temos: INF.S1, INF.OB4, INF.ONFL7 etc. No quadro abaixo apresentamos dados que traçam o perfil dos informantes.

Quadro 1: Sujeitos Informantes da Pesquisa

Sigla	Grupo	Idade	Sexo	Idade de aquisição da Libras	Onde adquiriu a Libras	Escolaridade
INF.S1	Surda	32	F	08 anos INFANTE	Na escola	Superior completo
INF.S2	Surdo	41	M	14anos ADOLESCENTE	Na escola	Ensino médio completo
INF.S3	Surdo	41	M	21anos ADULTO	Na escola e na comunidade Surda	Superior em andamento
INF.OB4	Ouvinte bilíngue	31	M	20 anos ADULTO	Na Igreja	Superior completo
INF.OB5	Ouvinte bilíngue	34	F	13 anos ADOLESCENTE	Na Igreja	Pós-Graduação Lato Sensu
INF.OB6	Ouvinte bilíngue	27	M	16anos ADOLESCENTE	Na Igreja	Superior completo
INF.ONFL7	Ouvinte não sabe libras	32	F	Não se aplica	Não se aplica	Superior completo
INF.ONFL8	Ouvinte não sabe libras	55	F	Não se aplica	Não se aplica	Pós-Graduação Lato Sensu
INF.ONFL9	Ouvinte não sabe libras	38	M	Não se aplica	Não se aplica	Mestrado

Vale destacar algumas observações que não estão presentes no quadro acima e que foram destacadas pelos sujeitos informantes. INF.S1 relatou que seu processo de aquisição da Libras aconteceu na infância, destacando que é filha de pais ouvintes, e dessa forma o processo de comunicação entre eles antes era por meio de gestos, atualmente

ocorre por meio da *oralização*¹⁴. Já INF.S2 destacou que o processo de aquisição foi tardio, que sua fluência em Libras aconteceu aos 17 anos de idade e apontou que se intensificou seu uso de classificadores e expressões aos 28 anos. E INF.S3 destacou a importância da escola e na *comunidade surda*¹⁵ para seu processo de aquisição da Libras.

4.2 A escolha do método de transcrição e sistema de notação

4.2.1 Regras para elaboração de Glosas

Para a realização da anotação por glosas, assumimos as regras já utilizadas pelo grupo de pesquisa (o GPEGAL/UESB)¹⁶ em anotação em trabalhos anteriores, incluindo o que é específico do nosso objeto de estudo. Dessa forma, seguimos as seguintes regras:¹⁷

- I. Os sinais são sempre grafados em caixa alta, por exemplo, DENTISTA.
- II. A datilologia é grafada com hifens separando os caracteres, por exemplo, M-U-L-H-E-R.
- III. Se houver dupla possibilidade de inclusão de um morfema, colocamos os dois entre colchetes separados por uma barra, por exemplo, EL[e/a].
- IV. A intensificação de um sinal por mudança de ritmo do movimento ou por expressão facial e a negação por sinal que já inclui essa propriedade são representadas pela escrita das palavras “muito” ou “intensamente” e “não”, em letras minúsculas sobrescrito, do lado direito do sinal. Ex.: DO[er]^{muito}.
- V. A recorrência da incorporação de argumentos (ou autossaturação) é indicada pela subscrição do argumento em letras maiúsculas. Ex.: BAT[er]_{À PORTA}.
- VI. Optamos por indicar as *ações construídas* nas glosas, utilizando a sigla AC+nº (AC1, AC2 etc.) e fazemos uma descrição de cada AC por meio de legendas.

¹⁴ O termo *oralização* se refere à forma de comunicação utilizadas por alguns surdos que procuram utilizar a língua oral, ainda que de maneira precária. Esses surdos são considerados oralizados, ou seja, se comunicam de maneira oral, no caso dos surdos brasileiros utilizam a língua portuguesa na modalidade oral.

¹⁵ O termo *comunidade surda* não está referindo apenas aos surdos, esse termo é utilizado para referir a ouvintes que fazem o uso da Libras para se comunicar. Estes podem ser – “membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham os mesmos interesses comuns em uma determinada localização. (...) Em que lugares? Geralmente em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros” (STROBEL, 2008, p.29).

¹⁶ Grupo de Pesquisa em Gramática e Aquisição da Linguagem, registrado na base do CNPq.

¹⁷ Glosas retiradas dos corpora da pesquisa.

VII. E os *classificadores* os apresentamos pela sigla CL+o nome da configuração de mão que o representa, em minúsculas, subscritos do lado esquerdo da glosa do sinal, ao qual o classificador se integra como morfema. Ex.: CLzê PASS[ar]^{intens.}

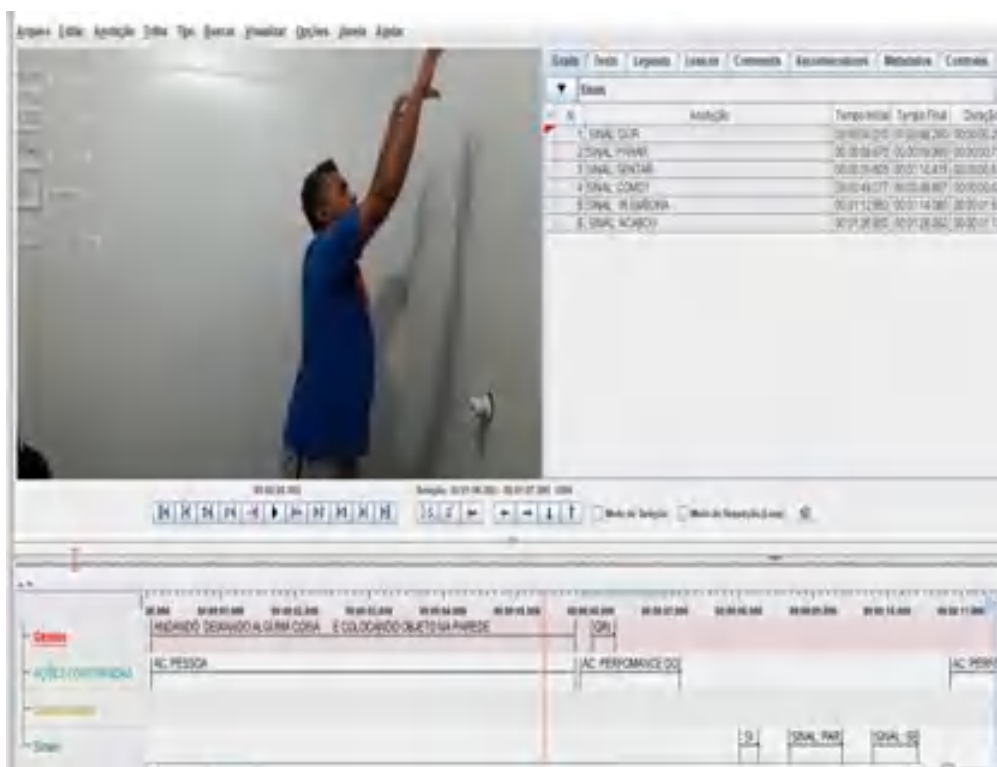
4.2.2 O ELAN

O trabalho com esses *corpora* implica seleção de dados e anotação no ELAN – *Eudico Linguistic Annotator 5.2*, um software de anotação que foi desenvolvido no *Max Planck Institute of Psycholinguistics* (HELLWIG; GEERTS, 2014) da Holanda. Este aplicativo permite criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. O ELAN não é um sistema de transcrição ou de anotação linguístico. Trata-se de aplicativo (*software*) desenvolvido para realizar anotações para *corpora* de áudio e vídeo. Entretanto, devido a sua funcionalidade, este *software* se estendeu a trabalhos dessa área com *corpora* de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, com finalidades de notação, análise e documentação.

Assim, o uso dessa ferramenta, que é gratuita, tem sido crescente em pesquisas que envolvem estudos com língua de sinais. McCleary e Viotti (2007) apontam como vantagens do ELAN em transcrições das línguas de sinais, o fato de esse *software* permitir realizar a visualização de maneira simultânea dos vídeos e da transcrição.

Podemos dizer que este aplicativo nos serviu como um suporte muito bom para realizar anotação dos dados da pesquisa, pois facilitou consideravelmente o manuseio das imagens. Acrescentamos às vantagens já apontadas o fato de esse aplicativo tornar possível captar com detalhes (figura 11) a sinalização realizada no espaço, com retornos para visualizar cada detalhe quantas vezes forem necessárias.

Figura 11: Tela do ELAN bula sinalizada em Libras



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Assim, para delimitar os elementos linguísticos utilizamos a tela do ELAN para realizar as segmentações da narrativa produzida pelos sujeitos informantes criamos as trilhas, como: *gestos*, *ações construídas*, *classificador* e *sinal*.

4.2.3 O Sistema de Escrita de Libras – SEL

Além de utilizarmos as glosas e o ELAN, como mecanismos de anotação de dados, optamos também por realiza transcrição dos dados utilizando um sistema de escrita próprio para a língua de sinais, pois isto viabiliza registrar o sinal como esse foi articulado pelo sujeito informante. Assim optamos pelo Sistema de Escrita de Libras– SEL¹⁸, criado pela linguística Lessa-de-Oliveira (2012), em projeto de pesquisa para criação dessa escrita, iniciado no ano de 2009, na UESB, intitulado “Inclusão de pessoas surdas no mundo letrado: proposta de criação de um sistema de escrita para libras e de métodos de alfabetização em libras e em português para pessoas surdas”. Desde então, esse sistema foi sendo aprimorado com intuito de contemplar os aspectos dos traços dessa língua

¹⁸ Ver exposição de regras do sistema no anexo II.

tridimensional passando por algumas versões de aprimoramento. A última atualização do sistema, até a realização da presente pesquisa ocorreu em 2018.

A idealização dessa escrita surgiu a partir da observação dos problemas de pessoas surdas com a aquisição da escrita da Língua Portuguesa, que é de modalidade oral. Assim, segundo Lessa-de-Oliveira (2012, p. 2) a “elaboração de um sistema de escrita para línguas de sinais pode abrir portas para as pessoas surdas quanto ao acesso ao conhecimento, uma vez que a aquisição de língua oral não é uma coisa tranquila para essas pessoas”. A autora acrescenta que uma escrita de sinais poderá contribuir também para que as pessoas surdas possam aprender a escrita de línguas orais, além disso o SEL surge do desejo de viabilizar a inclusão das pessoas surdas no mundo letrado.

O sistema de escrita para língua de sinais de Lessa-de-Oliveira (2012) apresenta grandes vantagens para o processo de leitura e escrita da Libras, pois apresenta requisitos imprescindíveis a um sistema de escrita cotidiana, tais quais os que encontramos nos demais sistemas escritos das línguas orais que são funcionais, são eles o processo de automatização do processamento na leitura e escrita, ser linear, ser econômico no que diz respeito à utilização de espaço no papel, poder ser grafada tanto de maneira digital ou manuscrita, sem a necessidade de habilidades de desenhista, e por fim por ser também um sistema considerado fácil, no tocante à compreensão de suas regras de funcionamento, no processo de aquisição.

Para construção desse sistema de escrita, Lessa-de-Oliveira (2012) realizou uma investigação sobre a estrutura articulatória do sinal, uma vez que pretendia construir um sistema fonêmico e chegou à proposta de estrutura articulatória do sinal cuja unidade básica é a MLMov, a qual apresentamos na seção 3.1.1 do Capítulo III. Relembrando, de acordo com a proposta da autora, a estrutura articulatória do sinal, em línguas sinalizadas se constitui de 4 níveis hierárquicos. Assim, os sinais (4º nível) são constituídos de traços (1º nível) que a autora identifica reunidos em três macrosssegmentos – mão, locação e movimento – (2º nível), os quais formam unidades denominadas pela pesquisadora como MLMov (3º nível).

A autora então elabora, entre 2009 e 2012, o sistema de escrita SEL com base nessa estrutura articulatória do sinal, por ela proposta como modelo fonológico de línguas de sinais. Esse sistema é, segundo a própria autora, de natureza trácico-fonêmica, por seus caracteres representarem os traços fonológicos distintivos do 1º nível e os macrosssegmentos do 2º, no conjunto com os diacríticos. Explica Lessa-de-Oliveira (2012, p.116), que:

a construção de um sistema de escrita exige a elaboração de caracteres em pelo menos um nível articulatório abaixo do nível de constituição do léxico, uma vez que, sendo o léxico um inventário aberto, ao qual se pode acrescentar novo item a qualquer momento, temos ao nível do léxico um conjunto ilimitado de unidades, que inviabiliza a elaboração de caracteres para as unidades desse nível. Assim, a escrita SEL teve que abarcar os macrosssegmentos, que se configuram no 2º nível, criando caracteres e diacríticos para os parâmetros, que pertencem ao 1º nível. Acreditamos que, com a combinação dos três macrosssegmentos, capturamos a composição natural do significante das unidades lexicais da libras, as unidades MLMov.

Vejamos, a partir dos exemplos a seguir, como o SEL representa a unidade articulatória MLMov:

MANDAR



hQ2
[MLMov]

– Trata-se de um sinal constituído por uma unidade MLMov [M - h / L - Q / Mov - 2], em que a mão configurada em zê (h)¹⁹, no eixo superior/palma para dentro (Q), partindo da testa (Q), faz um movimento curvo para baixo no plano sagital (2).

(LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p.111)

Dessa forma, a autora descreve como o sinal é escrito e representa os três macrosssegmentos que compõem a unidade MLMov. Explica a autora que o macrosssegmento Mão (M) é representado sempre por um caractere que corresponde ao traço *configuração de mão*, como, por exemplo, no sinal MANDAR, a configuração zê h. Sobre esse caractere recai um diacrítico que representa os traços *eixo/orientação de palma* amalgamados. No sinal MANDAR, esse diacrítico é Q. Já o macrosssegmento Locação (L) é composto por um caractere que representa o traço *parte do corpo*, que no sinal MANDAR é o caractere Q, e o traço *ponto de toque*, que aparece neste macrosssegmento em forma de diacrítico. E, por fim, o macrosssegmento Movimento (Mov) é representado por um caractere que reúne, no caso do movimento de mão, os traços *tipo, plano e direção* amalgamados. No sinal MANDAR é o caractere 2.

Conforme a autora, no caso de *movimento de dedo*, o SEL representa o dedo ou os dedos envolvidos no movimento através dos caracteres de dedos isolados (A - polegar, B - indicador, C - médio, D - anelar e E - mínimo) ou através de suas formas combinadas e

¹⁹  Configuração zê.

o tipo de movimento desses dedos é representado por um diacrítico colocado acima desses caracteres. Em anexo, apresentamos todos os caracteres diacríticos e regras de funcionamento do SEL, na versão 2018, que é a que utilizamos neste trabalho.

Lessa-de-Oliveira (2012; 2019) demonstra a possibilidade de variação da quantidade de unidades MLMov no sinal e conforme essa variação defende a autora que a maioria dos sinais em Libras se constitui de apenas uma unidade MLMov, entretanto encontram-se sinais constituídos por duas ou até três dessas unidades. Explica a autora que o encadeamento dessas unidades na linha do tempo, realizadas uma após a outra, resulta em linearidade na articulação do sinal. Tal encadeamento é o mesmo de que fala Saussure a respeito do encadeamento de fonemas e sílabas em línguas orais. Vejamos os exemplos abaixo. Como exemplo de sinal como mais de uma unidade MLMov, Lessa-de-Oliveira apresenta:

MADRASTA



Observa-se, nesse sinal, três unidades MLMov:

-A 1ª unidade, constituída como MLMov (MADRXY), se forma pelo Macrossegmento M (M), que apresenta os traços: mão configurada em *legal* (M), no eixo *superior/palma para dentro* (M), com toque na *ponta do dedo* (●); pelo Macrossegmento L (X), que apresenta o traço: *bochecha* (X); e pelo Macrossegmento Mov (Y), que apresenta o traço: *retilíneo para frente* (Y).

-A 2ª unidade, constituída como ML (MADR), se forma pelo Macrossegmento M (M), que apresenta os traços: mão configurada em *esse* (M), no eixo *medial/palma para frente* (M); e pelo Macrossegmento L (R), que apresenta o traço: *boca* (R).

-A 3ª unidade, constituída como MMov (MADR), se forma pelo Macrossegmento M (M), com os traços: mão configurada em *ele* (M), no eixo *medial/palma para trás* (M); e pelo Macrossegmento Mov (R), que apresenta o traço: *retilíneos brevíssimos para cima* (R).

(LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019, p.118).

Em nossa investigação a observação da estrutura articulatória do sinal é de fundamental importância, uma vez que lançamos mão, conforme já mencionamos, de dois critérios na identificação de sinais em enunciados em Libras, separando-os do que não é sinal, mas ACs ou gesto. Esses dois critérios são o sintático e o articulatório ou fonológico. Assim, a transcrição em escrita SEL, nos possibilitou identificar se há ou não, nos itens investigados, os segmentos da estrutura articulatória do sinal, em nível de traços, macrossegmentos e unidade MLMov. Havendo esses segmentos, que implica a

possibilidade de ser o item investigado escrito via SEL, temos o item aprovado no primeiro critério, o articulatório. Em um segundo passo da análise, avaliamos se esse item se acomoda em uma posição sintática dentro do enunciado da produção da Libras, em que o encontramos. Identificando uma posição de núcleo de um sintagma sintática, ou de um argumenta ou de ajunto para esse item constatamos que se trata de um sinal da Libras. Caso esse item não se submeta a um desses dois critérios, não o identificamos como sinal.

A escrita SEL foi instrumento importante também na própria segmentação do enunciado em unidades que pudessem ser avaliadas sobre sua natureza enquanto sinal ou não. Enunciados que são articulatoriamente contínuos, nos quais todo o corpo é envolvido não apresenta a possibilidade de segmentação nem a possibilidade de acomodação nessa estrutura articulatória, não podem ser escritos via SEL. Ou seja, em segmentos contínuos não há sinais e a possibilidade de escrevê-los depende da segmentação em itens formados por uma ou mais unidades MLMov.

Dessa forma, com o SEL, foi possível realizar a transcrição dos dados a partir de unidade MLMov, sendo possível identificar e representar a estrutura interna do sinal. Isto foi fundamental para a transcrição e também à análise dos dados, visto que possibilitou sermos mais fiéis na transcrição das informações presentes nos dados dos informantes, além de poder representar as variações dos sinais, garantindo assim, a representação da estrutura gramatical real da língua, viabilizando o tipo de análise que esse estudo se propôs a fazer.

4.3 A coleta de dados

As coletas dos dados foram realizadas em momentos distintos e individualizados. Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB²⁰, nosso primeiro passo foi o agendamento de horários e locais com sujeitos-informantes, um surdo e um ouvinte bilíngue, para a aplicação de teste-piloto e validação dos testes. O teste-piloto não apresentou nenhum problema, dessa forma o validamos e isto viabilizou a continuidade da pesquisa com os demais informantes.

Como primeira parte do processo de coleta, tivemos uma conversa informal como intuito de aprestarmos a pesquisa e, logo após, obtivemos o consentimento no que diz

²⁰ O presente estudo foi aprovado e liberado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia para sua execução mediante o número CAAE: 96094218.6.0000.0055.

respeito à permissão para a realização da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Livre Esclarecimento e do Termo de Permissão de Uso de Imagens, seguindo as normas do referido Comitê de Ética.

Então, a coleta de dados foi realizada dividida em duas etapas: a primeira experimental, constituída por dois tipos de testes; e a segunda constituída como coleta de amostras naturalísticas através da internet.

4.3.1 Descrição dos testes

Os dados experimentais foram obtidos com base na coleta de vídeos produzidos, em Libras, pelos informantes da pesquisa surdos ou por ouvintes, durante os testes de eliciações. Esses testes foram aplicados utilizando-se vídeos compostos por conteúdos distintos, sendo divididos em dois testes, assim nomeadas: Teste 1 - Recorrência das ACs e CLs; e Teste 2 - Grau de aceitabilidade de narrativas com sinais padrões e ACs.

Teste 1 - Recorrência das ACs e CLs – Realizado com vídeo curto contendo ações, sem fala, que estimulam os sujeitos informantes, ao assistirem, a reproduzirem-nas, utilizando sinais e/ou *classificadores* e/ou *ações construídas*. A finalidade desse teste foi verificar a recorrência e produtividade dessas estruturas nos dados dos grupos de surdos (INF.S) e ouvintes bilíngues (INF.OB). As reproduções dos sujeitos foram gravadas em vídeo.

Os passos do teste 1

O instrumento do teste 1 foi extraído de um trecho do filme de Charlie Chaplin. Usamos um recorte do vídeo “Carlitos o dentista” (de 1914)²¹, com o tempo de 1h26min (um minuto e vinte e quatro segundo).

²¹ Instrumento elucidativo disponível e: <<https://www.youtube.com/watch?v=xaCMDBPWqus>> .

Figura 12: Carlitos Dentista



Fonte: encurtador.com.br/isVW8

Nesse teste analisamos a recorrência e a produtividade das ACs sinalizadas em Libras pelos sujeitos informantes. Fizemos a exibição de um recorte do vídeo do cinema mudo, representado na figura 12, intitulado “Carlitos o Dentista” de Charlin Chaplin, (1914). Optamos por utilizar uma linguagem não verbal para atender aos participantes surdos e ouvintes bilíngues de maneira igualitária. O trecho do filme selecionado apresenta um episódio de um paciente que está sentindo muita dor de dente. Para melhor organização dos dados para análise, optamos por dividir a cena do filme em quatro momentos.

A primeira cena, na figura 13, retrata a chegada dos personagens, o dentista e o paciente, ao consultório. A segunda cena, conforme a figura 14, inicia-se com a presença de uma personagem secundária, “A chegada da mulher ao consultório”.

Figura 13: Primeira cena



Fonte: encurtador.com.br/isVW8

Figura 14: Segunda cena



Fonte: encurtador.com.br/isVW8

A terceira cena, representada na figura 15, consideramos o momento do “socorro”, pois o dentista percebe que o paciente passa muito mal e “grita” por socorro. A quarta e última cena, apresentada na figura 16, a mais longa, mostra o segundo personagem secundário, um rapaz que aparece apenas uma vez na cena e briga com o quarto personagem principal, interpretado por Charlie Chaplin, que aparece para ajudar o dentista, enquanto ele verifica as condições de saúde do paciente.

Figura 15: Terceira cena



Fonte: encurtador.com.br/isVW8

Figura 16: Quarta cena



Fonte: encurtador.com.br/isVW8

Teste 2 - Grau de aceitabilidade de narrativas com sinais padrões e ACs –

Realizado com vídeos curtos, contendo narrativas em Libras produzidas apenas com sinais padrões da Libras e as mesmas narrativas produzidas utilizando-se sinais e *ações construídas*. Procura-se com o teste levar os sujeitos informantes não falantes de Libras a escolherem o vídeo mais claro na apresentação da narrativa e que mais lhes agradou. A finalidade desse teste foi comparar o grau de compreensão e aceitação entre a sinalização, em Libras, que contém apenas sinais padrão com a que contém *ações construídas*. Este teste foi aplicado apenas para os informantes não falantes de Libras (INF.ONFL).

Os passos do teste 2

No teste 2, utilizamos dois vídeos originais a partir dos quais foram feitas releituras eliminando ou acrescentando ações construídas. Os vídeos originais foram

coletados da seguinte maneira: o vídeo 1 foi extraído de Quadros e Cruz (2011), já o vídeo 2 foi extraído do canal da (TV INES, 2019).

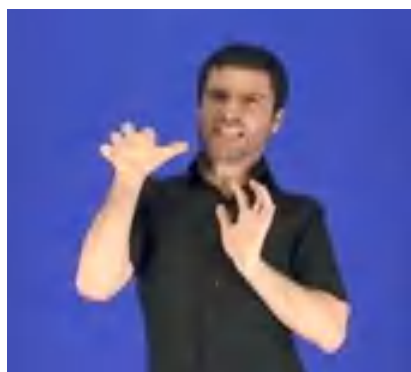
O primeiro vídeo, que intitulamos de “O cachorro e o Gato”²², foi produzido originalmente por um surdo como narrativa de uma fábula (figura 18 – original). Sua releitura²³ foi feita por outro surdo, com eliminação de ações construídas (figura 17– releitura).

Figura 17: Releitura - vídeo 1



Fonte: Arquivo produzido pela autora (2020)

Figura 18: Original - vídeo 1



Fonte: Quadros; Cruz (2011)

Como vídeo 2, utilizamos a notícia jornalística em Libras da TV INES que tem por título “A Tempestade em Mangaratiba”²⁴, na qual não encontramos ações construídas (figura 20 – original). Na releitura desse vídeo, feita também por um surdo, foram acrescentadas ACs (figura 19 – releitura).

²² Selecionamos um vídeo que compõe o livro “Língua de sinais: instrumento de avaliação” de Quadros e Cruz (2011). Trata-se de um vídeo de tipo narrativo, que é sinalizado pelo surdo nativo Rimar Segala.

²³ Os vídeos de releituras foram produzidos por um surdo nativo, que convidamos para refazer os vídeos originais, conforme o objetivo do teste, como instrumento para a testagem da percepção ou de melhor aceitação ou não das ACs na produção de narrativas em Libras nos gêneros fábula e texto jornalístico.

²⁴ Vídeo: Boletim jornalístico sinalizado por uma surda nativa, publicado na (TV INES, 2019) disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nEcNImPkAWs>>.

Figura 19: Releitura - vídeo 2



Fonte: Arquivo produzido pela autora (2020)

Figura 20: Original - vídeo 2



Fonte: encurtador.com.br/su059

Assim, na releitura do vídeo 1, utilizamos apenas sinais em Libras sem o uso das ACs e CLs. Já na elaboração da releitura do vídeo 2, fizemos o contrário, o surdo que fez essa releitura acrescentou ACs na reprodução da notícia. Aplicamos esse teste para o grupo INF.ONFL com a finalidade de verificar se o grau de iconicidade das ACs levava pessoas não falantes da Libras a alguma percepção maior do sentido da mensagem.

4.3.2 Coleta e análise de amostras de gêneros textuais em Libras com e sem ACs

Para obtenção de amostras de gêneros textuais em Libras com e sem ACs, realizamos uma coleta de amostras naturalísticas de produções em Libras em vídeos curtos de cerca de 1 minuto, em gêneros textuais distintos. Coletamos amostras de vídeos, produzidos por surdos, de noticiário em Libras do INES, vídeos religiosos, aulas do Letras Libras, vídeos de fábulas; e coletamos vídeos de interpretação em Libras da TV Senado. Essas amostras de dados foram coletadas na *internet*, em diversos *links*. Nessa coleta, todos os vídeos que selecionamos ou eram sinalizados por surdos ou traduzidos por intérprete de Libras.

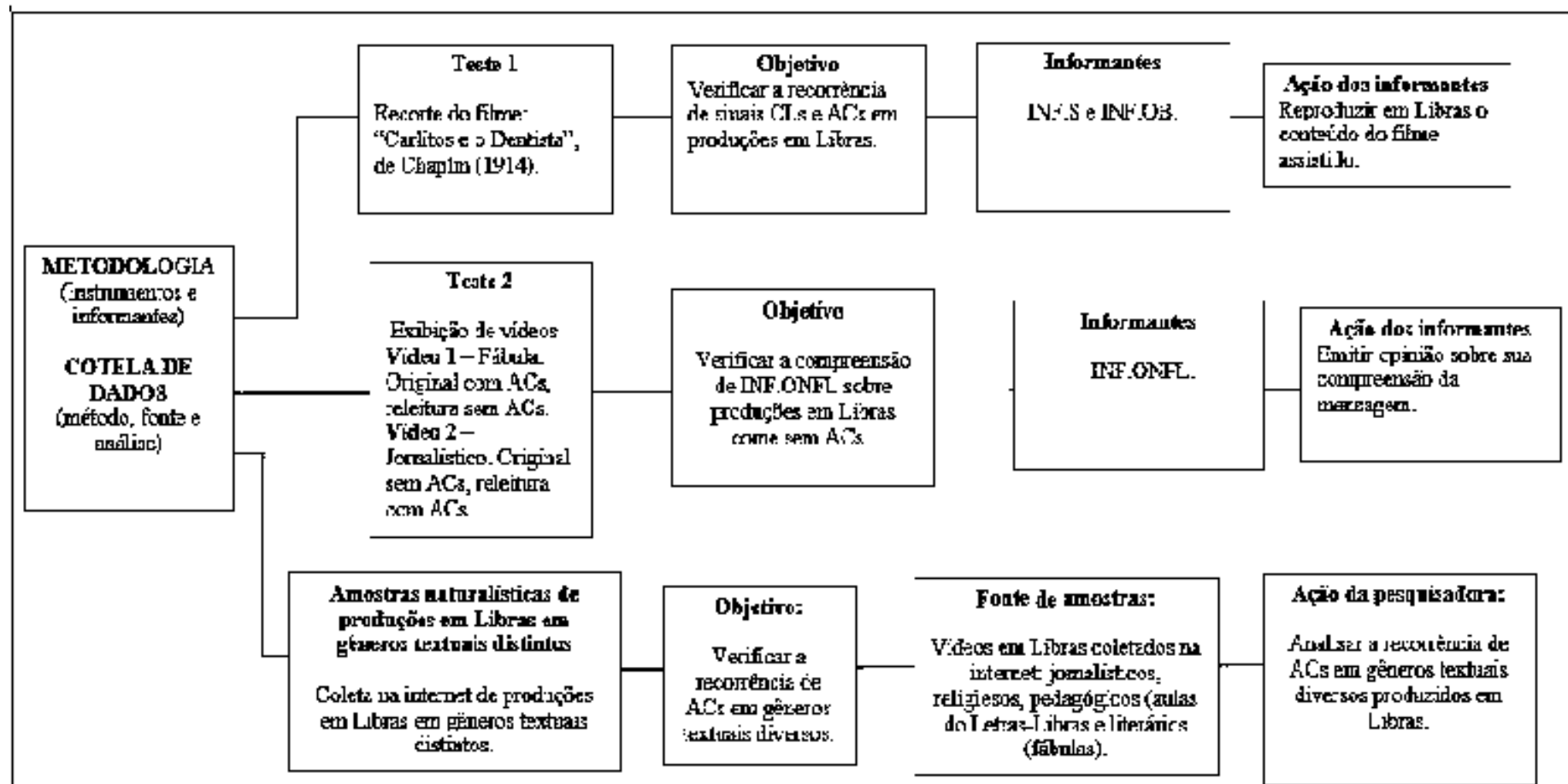
O nosso objetivo nessa coleta de amostras naturalísticas foi verificar a recorrência das ACs nos diversos gêneros textuais, bem como observar a natureza gramatical ou não gramatical desse recurso linguístico, com a perspectiva de verificar se tal recurso faz parte da língua ou da linguagem, bem como indicar se há tendência para maior ocorrência de ACs em certos tipos textuais, como por exemplo o narrativo. Consideramos que a maior ocorrência em certo gênero ou ausência desses elementos em algum gênero textual podem ser tomadas como indício de que as ACs têm uma função na linguagem em nível de discurso, sem que necessariamente tenham que fazer parte da gramática.

4.4 Resumo do capítulo

Neste capítulo, abordamos os procedimentos metodológicos, aí inclusos sujeitos informantes, *corpus*, procedimentos da coleta dos dados e a escolha do método de transcrição e notação de dados. Apresentamos como funciona o sistema de transcrição de dados em Libras, o SEL, que utilizamos na pesquisa, proposto por Lessa-de-Oliveira (2012; 2019) e demonstrando a importância desse sistema não apenas para a transcrição, mas para a própria análise dos dados.

Para sintetizar os procedimentos metodológicos, apresentamos a seguir, um quadro sistematizado (quadro 2), no qual apresentamos informações que traçam a metodologia utilizada para elucidação dos testes e método de coleta de amostras naturalísticas de dados de produção em Libras em diferentes gêneros textuais.

Quadro 2: Fluxograma da metodologia no que tange aos instrumentos para coleta de dados e informantes do estudo



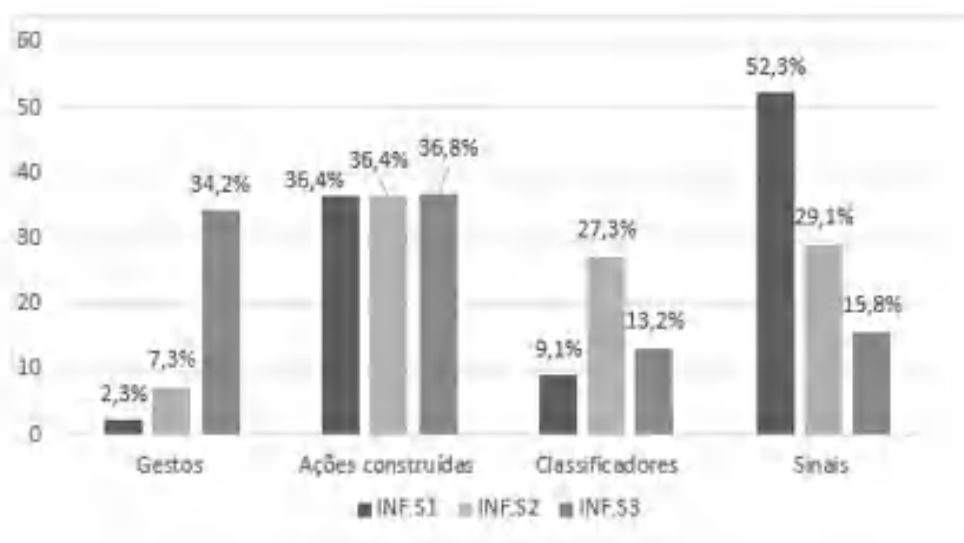
Fonte: Da autora (2020)

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Resultados do teste 1

Diante da exposição dos critérios estabelecidos para distinguir mímica/pantomima, gestos, CLs, ACs e sinais passaremos a discutir como os sujeitos informantes surdos e ouvintes bilíngues utilizaram esses elementos. Os gráficos 1 e 2, a seguir, apresentam dados de resultados do teste 1, teste de produtividade de ACs, CLs, gestos e sinais. No gráfico 1, apresentamos os índices de ocorrências desses elementos na produção de cada um dos sujeitos informantes surdos e no gráfico 2, os índices de ocorrências desses elementos na produção de cada um dos sujeitos informantes ouvintes bilíngues.

Gráfico 1: Sujeitos-Informantes Surdos resultados do teste 1



Fonte: dados da pesquisa (2020)

Os resultados do teste apresentados nesse gráfico revelam uma variação entre os informantes surdos, no que diz respeito à ocorrência desses quatro tipos de elementos encontrados na Libras. A primeira variação que nos chama a atenção é da coluna de sinais. A mesma variação se observa na coluna de CLs e de gestos. Já a produção de ACs apresentou praticamente o mesmo volume percentual para os três

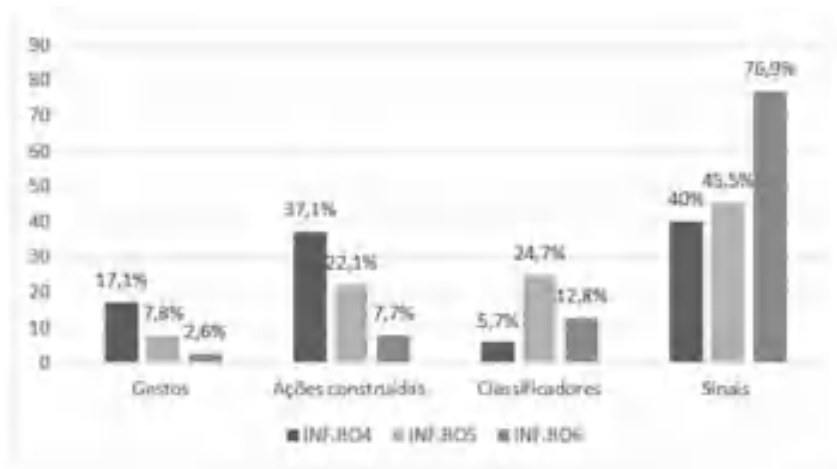
informantes. Ou seja, uma produção concentrada em ACs é o que caracterizou de modo geral o grupo de informantes surdos.

Considerando que os sinais são dependentes de processo de aquisição, processo que se submete à marcação paramétrica, a grande variação na coluna dos sinais, que vai de 15,8% a 52,3%, à primeira vista, pode nos levar a pensar que caracteriza falantes não nativos, uma vez que a proximidade da homogeneidade é mais característica de falantes nativos. Por outro lado, talvez não possamos considerar essa análise, uma vez que essa variação pode ser resultado de opcionalidade livre. Isto quer dizer que, se a substituição de sinais por ACs for algo opcional na produção da linguagem, pelo fato de ACs não fazerem parte da gramática, mas apenas representarem elementos discursivos, essa variação não tem a ver com a fluência nativa ou não nativa na língua, mas com a possibilidade de livre escolha de recursos comunicativos gramaticais ou não gramaticais. Esse tipo de análise conforma com a nossa hipótese de que ACs são recursos não-gramaticais.

Particularmente, observamos que o INF.S1, destoando os outros dois informantes surdos, apresenta uma concentração maior na realização de sinais, embora o índice de suas ACs seja o mesmo dos demais. INF.S3 se destaca por apresentar uma produção concentrada nos elementos não gramaticais ACs e gestos, que somados chegam a aproximadamente 70% de ocorrências. Ou seja, esse informante concentrou sua realização, nesse teste, no que é idiossincrático, dependente da iconicidade, contínuo sem limite definido, não estrutural e com dependência de aprendizagem baixa ou ausente.

Passaremos agora a analisar as escolhas realizadas pelos sujeitos informantes ouvintes bilíngues. Vejamos o gráfico 2 abaixo:

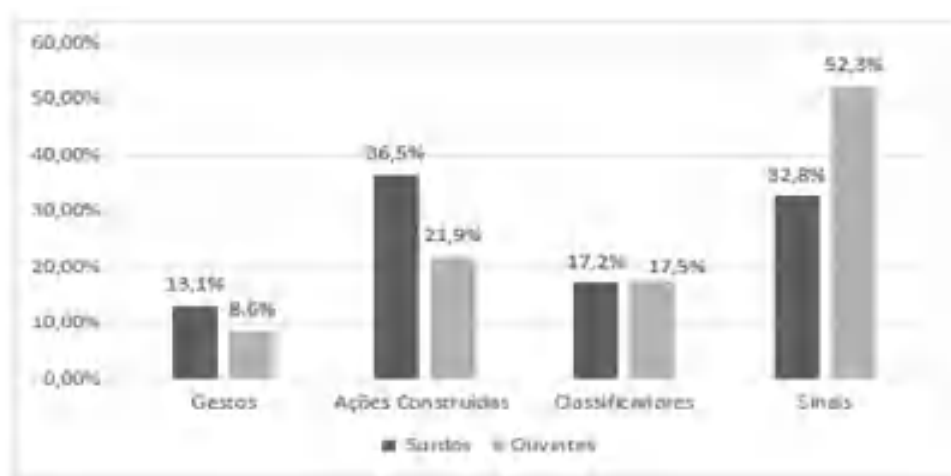
Gráfico 2: Sujeitos-Informantes ouvintes –resultados do teste 1



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quanto aos ouvintes o gráfico 2 mostra que esse grupo também apresentou uma variação, própria de falantes não nativos, que sem dúvida é o caso desse grupo de informantes. Entretanto, fazemos para esse grupo também a análise de livre escolha do recurso comunicativo como causa dessa variação. É importante observar que a concentração na produção desse grupo foi de sinais. A concentração na produção de sinais do INF.BO6 chega 76,9%. Já o INF.BO4 apresenta um índice de produção de ACs semelhante ao dos surdos, embora sua produção de sinais ainda seja superior a de ACs. A comparação entre esses dois grupos de informantes se verifica melhor no gráfico a seguir.

Gráfico 3: Dados comparativos do teste 1 entre surdos e ouvintes



Fonte: dados da pesquisa (2020)

Podemos observar, a partir desse gráfico, que para ouvintes a produção em Libras toma como base os sinais, ficando a produção desses em 52,3%. ACs ocupa um volume secundário (21,9%), seguido de CLs (17,5%) e gestos (8,6%). No grupo de surdos, a proporção entre a produção de CLs e gestos é muito semelhante. A grande diferença fica no aumento do índice de ACs (36,5%), ao passo que se diminui o índice da produção dos sinais (32,8%). Claramente o que se verifica aí é uma substituição de sinais por ACs no grupo dos surdos.

Podemos encontrar no fator consciência linguística uma possibilidade de explicação para essas tendências em direções opostas entre surdos e ouvintes. Por serem letrados em sua língua materna, o Português, os ouvintes tendem a apresentar maior consciência linguística, sintática e fonológica da Libras que os surdos, cujo processo de aquisição da língua oral em modalidade escrita fica, em quase a totalidade dos casos, em nível de interlíngua, conforme as pesquisas, em andamento, de Gurunga (2020) e Barreto (2020). Ou seja, a consciência linguística possibilita ao falante uma maior distinção, ainda que inconsciente, entre o que pertence à língua, compondo frases gramaticais completas, e o que é um recurso extragramatical, ainda que tenha um papel no âmbito da linguagem.

Os gráficos 1 e 2 nos mostram que os informantes apresentaram um alto grau de idiossincrasia ao sinalizar, uma vez que, enquanto alguns informantes concentraram sua produção linguística na escolha de elementos não gramaticais, ACs ou gestos, outros, ao contrário, concentraram sua produção, em Libras, em elementos gramaticais. Com o intuito de exemplificar a análise que fizemos da forma como os falantes compuseram suas produções linguísticas com sinais e inserção opcional de ACs, selecionamos dados, de reprodução pelos informantes, de uma das cenas do filme “O dentista e o paciente”, utilizada no teste 1 (a cena *O paciente sentindo muita dor de dente*) (figura 21, a seguir). Demostramos com esse exemplo, a seguir, as escolhas de ACs feitas pelos informantes, bem como de que forma verificamos as características presentes em cada produção realizada, com base nos critérios que elencamos no quadro 3 (quadro dos critérios para análise dos dados).

Figura 21: Imagem do trecho elucidativo

O paciente sentindo muita dor de dente



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xacMDBPW>

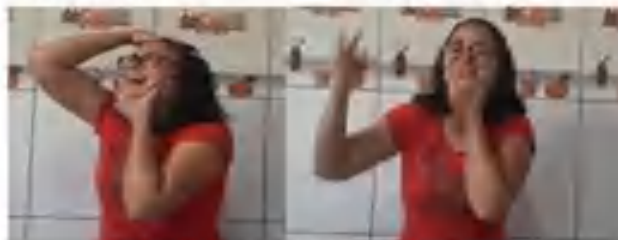
A respeito das construções de ACs comentam Quinto-Pozo e Parrill (2015, p.3), com base em Liddell e Metzger (1998) e Metzger (1995), que nessas são utilizados pelo produtor, de várias maneiras, diversas partes do corpo (por exemplo, mãos, cabeça, tronco, olhos), com o intuito de representar as posturas, ações, pensamentos e/ou expressões de um personagem ou um ser animado. Verificamos esse tipo de performance nas produções dos INF.S1. e IN.S2, da cena acima mencionada, apresentadas na figura 22 a seguir, nas quais constatamos que, para reproduzir essa cena em Libras, INF.S1 realizou uma AC que corresponde à representação de alguém sentido dor de dente – colocou uma mão segurando o queixo e as bochechar e a outra na cabeça, fazendo uma expressão facial de dor (ver primeira gravura na figura 22); e, em seguida, realizou o sinal DOR concomitemente com essa AC (ver segunda gravura na figura 22). Já o INF.S2 utilizou somente a AC, realizando uma performance de representação de dor de dente parecida com a feita por INF.S1, mas com maior ênfase nas expressões faciais e corporais.

Figura 22: Dados dos sujeitos informantes surdos

INF. S1

Performance do
personagem

DOR + Performance
do personagem



INF.S2

AC: Performance para dor

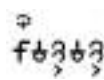


Fonte: dados da pesquisa (2020)

Assim, conforme o que afirmam os autores acima mencionados, a representação das *ações construídas* é marcada pela presença do uso das mãos, cabeça e expressão do olhar para construir uma postura do personagem, numa encenação, como é bem demarcado tanto por INF.S1 quanto por INF.S2. Dessa forma, podemos definir a AC como uma espécie de “incorporação” do personagem pelo sinalizador.

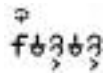
Analisando esses enunciados, coletados nos dados produzidos por INF.S1 e INF.S2, com base nos critérios do quadro 3 verificamos que:

1. Os trechos que consideramos ACs não apresentam a mesma estrutura articulatória observada em sinais, identificada nesse estudo com base no modelo da Estrutura MLMov; identificamos nesses trechos o envolvimento dos corpos e expressões faciais e posturais não recorrentes em sinais.
2. Não é possível segmentar esses enunciados em unidades discretas, sejam frasais, lexicais ou sublexicais. Trata-se de um contínuo articulatório, no qual toda a informação semântica de uma ou mais frases estão contidas.

3. Uma vez que não há possibilidade de segmentação desses exemplos em unidades discretas, não é possível observar neles uma estrutura gramatical, na qual cada unidade ocuparia uma posição sintática.
4. No dado analisado de INF.S1, identificamos o sinal  (DOR)+*performance de dor* e no dado analisado de INF.S2 identificamos apenas *performance de dor*.

Assim, consideramos esses trechos da produção de INF.S1 e INF.S2 elementos não-gramaticais, visto que eles não apresentam nenhum recurso de natureza lexical, ou seja não conseguimos perceber aí unidades hierarquizadas constitutivas de sinais, que por sua vez ocupem posições sintáticas dentro de uma sentença. Esses trechos da produção de INF.S1 e INF.S2 são, portanto, ACs.

Um exemplo de combinação entre AC e sinal é o que se verifica nos dados de INF.S2 – o sinal DOR+a *performance de alguém sentindo dor*. O sinal DOR aí identificado traz uma forma padrão, recorrente que, por sua natureza articulatória, constituída por unidades discretas, interpretáveis com base na unidade MLMov, é

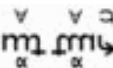
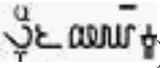
passível de ser transcrito em SEL como: . É possível, assim, descrever a estrutura fonológica desse sinal como apresentando os traços: configuração de mão em *efe* (**f**), eixo e orientação de palma *anterior para dentro* ()³, constituindo o macrossegmento Mão; o macrossegmento Locação corresponde ao espaço neutro; e, por fim, o macrossegmento Movimento, constitui-se dos traços *movimentos retilíneos para baixo* () e de punho em sentido horário ()³.

Apresentamos, nos dados do informante surdo INF.S3 e o do ouvinte INF.OB5, outro exemplo de intelecção entre sinais e ACs realizados na reprodução dessa mesma cena (figura 23).

Figura 23: Dados dos sujeitos informantes surdos e ouvintes bilíngues



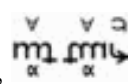
Fonte: dados da pesquisa (2020)

Observamos através dessa figura que o INF.S3 faz a apresentação do primeiro personagem, o dentista, através do sinal  (DENTISTA), posteriormente utiliza o que estamos assumindo aqui, como base em Rodero-Takahira (2015), como sinal CL  (ABRIR_{PORTA}) e faz uma AC representando alguém sentindo dor de dente, de maneira simultânea com o sinal  (DOR), em seguida faz outra AC para representar o personagem com dor e de maneira simultânea utiliza o sinal  PESSOA. Por fim, representa novamente o personagem utilizando uma AC de performance do personagem se movimentando para trás inclinado o corpo de maneira enfática como se fosse desmaiar de dor. A sentença aí formada pode ser interpretada em Português como ‘O dentista abriu a porta do consultório, encontrou o paciente sentindo muita dor de dente, que desmaiou de dor’. Já INF.OB5 inicia a frase, fazendo o sinal HOMEM () , em seguida faz o sinal AVISAR () , posteriormente, faz uma sequência utilizando o sinal DOR e acrescenta uma AC ao incorporar o personagem do homem sentindo muita dor. Podemos traduzir para o Português essa sentença como ‘O homem disse que estava sentindo muita dor de

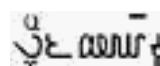
dente'. Observamos, assim, em ambos os exemplos, sentenças formadas em parte por sinais e completadas com ACs.

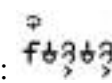
Utilizando o critério fonológico, verificamos que, entre os elementos presentes no enunciado produzido por INF.S3, DENTISTA, PORTA e DOR apresentam os elementos da estrutura MLMov de Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), sendo possível observarmos os elementos articulatórios desses sinais, como por exemplo, em DENTISTA verificamos que os traços distintivos do 1º nível, no macrossegmento Mão, são a configuração de mão em *dê* (**d**) e o eixo/orientação de palma *superior/para dentro* (**☞**); no macrossegmento Locação, a parte do corpo é *dente* (**☐**) e ponto de toque/proximidade *lado da mão principal* (**☞**); e, no macrossegmento Movimento, observamos os traços *movimento circular*, no plano *sagital*, representados em SEL por um único caractere: **☞**. A mesma análise pode ser feita para PORTA e

DOR por isso esses três sinais são passíveis de serem representados pelo SEL: 

(DENTISTA),  (PORTA) e  (DOR).

O mesmo se observa nos sinais realizados por INF.OB5: HOMEM tem recorrência padrão, apresenta a estrutura articulatória MLMov identificada e passível

de ser grafado em SEL: . Esse sinal é observado numa estrutura argumental, ocupando a posição de sujeito de cláusula cujo núcleo verbal é ocupado pelo sinal AVISAR (sinal com recorrência padrão, com estrutura articulatória MLMov identificada e passível de ser grafado em SEL: ). Como objeto o verbo AVISAR seleciona o sinal DOR (sinal com recorrência padrão, com estrutura

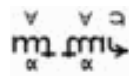
articulatória MLMov identificada e passível de ser grafado em SEL: .

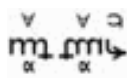
Já nos trechos, onde identificamos ACs, a natureza contínua da realização do enunciado não permite a identificação de unidades lexicais, sinais decomponíveis em unidades MLMov, macrossegmentos e traços. Por isso, consideramos esse trecho como um segmento contínuo, sem limite definido e não estrutural. As ACs são não estruturais tanto do ponto de vista fonológico, como acabamos de ver, quanto do ponto de vista sintático, uma vez que não é possível identificar nesses enunciados itens lexicais exercendo um papel funcional dentro de uma estrutura frasal. Além disso, podemos dizer que o trecho identificado como AC é idiossincrático e dependente de iconicidade. Por ser de natureza emocional e se realizar como uma encenação,

conforme Parrill (2010, *apud* QUINTO-POZO; PARRILL, 2015, p.3), que verificou AC que envolvia a exibição de afeto (ou seja, emoção e expressões faciais emotivas), movimento do tronco ou manuseio destinado a reencenar ações de um personagem²⁵. Assim, as ACs são idiossincráticas, ainda que se observe algum grau, mesmo que pequeno, de recorrência (INF.S1 e INF.S2 colocam uma mão configurada em concha no queixo e a outra na cabeça para a AC – *sentindo dor de dente*; o que é feito pelo ator no filme - ver figura 21). Cada sinalizador é livre para realizar, como AC, a *performance* que achar conveniente, cujo grau de iconicidade, conforme a percepção particular do sinalizador será suficiente para comunicar a ideia (cada um dos informantes representou esse trecho do filme à sua maneira).

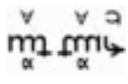
Então, vemos que ACs e sinais se distinguem fortemente por aspectos fonológicos e sintáticos. Mas, mesmo não sendo gramaticais pelos aspectos acima discutidos, as ACs ocupam um espaço no contexto enunciativo, bastante interessante que é esse de complementação de enunciados em parte realizados com sinais. Podemos dizer que essa característica das ACs as distancia da pantomima, e dão a elas a possibilidade de uma interpretação um pouco mais restrita do que na pantomima.

Entre os elementos presentes nesses exemplos, discutidos acima, fazemos um

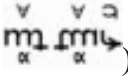
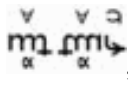
destaque para o sinal CL  (ABRIR_{PORTA}/PORTA). Observamos nesse sinal certo aspecto que indicam ocorrência de alguma propriedade relacionada a iconicidade. Como dissemos, estamos assumindo este como um sinal classificador. Felipe (2002, p.7) afirma que os “classificadores possuem certas configurações de mãos que funcionam como morfemas que marcam certas características de um objeto

nas línguas de sinais”. Assim, em  (ABRIR_{PORTA}/PORTA), a configuração de mão *bê* () pode ser identificada como um CL, relativamente à marcação de objeto plano. Como vimos, para Rodero-Takahira (2015) o CL é um morfema categorizador que se concatena com uma dada raiz, com um significado bastante geral, formando um nome. Nesse sentido, estamos considerando a configuração de mão *bê* () de ambas as mãos, nesse sinal, como um morfema CL. Para a autora, em um estágio posterior à nominalização, o nome pode se concatenar com um sintagma verbal

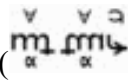
²⁵ With respect to constructed action, the coder documented instances of CA that involved the display of affect (i.e., emotion and emotive facial expressions), movement of the torso, or handling that was intended to reenact actions of a character in the stimuli clips

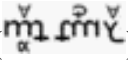
(vP), formando um verbo de movimento e funcionando como seu argumento ou instrumento. Ou seja, temos aí a possibilidade o sinal  ocorrer como o verbo+argumento (ABRIR_{PORTA}). Almeida (2013) trata essa ocorrência de *núcleo predicator + argumento(s)* incorporados no mesmo sinal como um fenômeno que ela denomina de autossaturação.

Esse sinal também é observado ocorrendo apenas como o nome PORTA, conforme atestou Lavras (2019), que encontrou em seu *corpus* a realização desse sinal

() após o sinal , sendo esse último interpretado pela autora como o sinal ABRIR e o sinal , como PORTA. Ou seja, esse sinal apresenta-se, sem alteração de sua forma articulatória tanto para a categoria nominal quanto para a verbal.

Outro aspecto relevante é que verificamos que esse mesmo sinal pode variar articulatóriamente, trazendo a configuração de mão *esse* () , que iconicamente não representa um objeto plano. Exemplos assim foram encontrados por Lavras (2019), que atesta ocorrências, realizadas por alguns de seus informantes, das formas  (ABRIR_{PORTA}, que remete iconicamente a alguém segurando a maçaneta e empurrando para a frente) e  (ABRIR_{PORTA}, que remete iconicamente a alguém segurando a maçaneta, torcendo-a e puxando para trás). Considerando o critério II (do idiossincrático ao convencional) considerado em nossa análise, podemos dizer que essa variação demonstra que o CL é *convencional não-padrão*, isto é, por estabelecer que determinada configuração de mão se relaciona a determinado sentido genérico, é uma convenção, mas sua variação demonstra uma padronização fraca ou ausente.

Sobre esse sinal mencionamos também uma forte presença de iconicidade. Essa iconicidade em sinais como esse é tão fortemente percebida pelos usuários da língua que, às vezes, esse sinal é realizado de forma diferente do padrão (do sinal padrão), atendendo ao fato de a porta estar sendo aberta de fora para dentro e não o contrário. Assim, enquanto vemos, na realização padrão () desse sinal CL, um movimento *curvo para trás* no plano *transversal* () (que nos faz enxergar o movimento de uma porta que se abre para dentro), Lavras (2019) encontrou em seu

corpus uma realização alternativa desse sinal () , com uma mudança de orientação de movimento, que se torna *curvo para frente* (), passando a ideia de uma porta sendo empurrada para a frente. Essa autora também detectou outras variações, já mencionadas acima, sendo todas motivadas pela busca de uma representação icônica que remeta a certos detalhes do ato de abrir a porta, puxando-a, emburrando-e/ou torcendo a maçaneta .

Diversamente ao que foi descrito até agora, vemos nos exemplos a seguir que essa cena do filme foi reproduzida por alguns dos informantes apenas com o emprego de sinais, o que reforça o caráter idiossincrático e opcional do emprego de ACs.

Figura 24: Dados dos sujeitos informantes ouvintes bilíngues



Fonte: dados da pesquisa (2020).

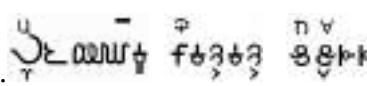
Por mais que se tratasse de uma contação de uma história, os sujeitos INF.OB4 e INF.OB6, representados na figura 24, optaram pelo uso apenas de sinais, no momento da narrativa em Libras. Portanto, não utilizaram ACs, que costumam ocorrer sobretudo no gênero “histórias sinalizadas em Libras”, como observamos presentes na produção dos outros sujeitos informantes. Segundo McCleary; Viotti (2014, p.125), em narrativas sinalizadas:

as funções de criação do cenário da história e de dar vida às interações da narrativa são apenas parcialmente desempenhadas por meios propriamente linguísticos; elas são substancialmente criadas pelas ações e movimentos do mesmo corpo fisicamente presente no mesmo espaço físico em que o

primeiro nível de intersubjetividade se instaura. A organização da narrativa depende diretamente da organização do espaço de enunciação: a narrativa é *atuada* no espaço de enunciação.

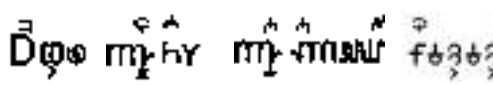
Assim, esses dados desses dois informantes atestam que as ACs não são de natureza gramatical, uma vez que é possível realizar sinalização sem esse tipo de *performance*, mesmo num gênero textual em que os cenários da história, bem como a caracterização de personagens são, comumente, substancialmente criadas pelas ações e movimentos do corpo do sinalizante, fisicamente presente no espaço físico, conforme afirmam McCleary; Viotti (2014), nessa citação; até porque, como dizem os autores, o papel das ACs dentro da linguagem, no espaço da enunciação, está num nível de intersubjetividade, e não a nível gramatical. Isto quer dizer que, embora não seja imprescindível em narrativas sinalizadas, é relativamente comum o uso dos movimentos das expressões corporais, visto que isso contribui para a organização da narrativa, como foi possível constatar na maior parte das sinalizações sobre o trecho do filme indicado na figura 21.

Assim, temos na produção desses informantes os sinais HOMEM, DOR e DENTISTA, atestando a sistematização que o item lexical possui ao apresentar características de recorrência, sinal padrão, convencional, e é possível constatar isso no uso dos sinalizadores. Outro aspecto, no conjunto de características do sinal é ser estrutural, ou seja, um elemento gramatical constituído por unidades discretas hierarquizadas, como já dissemos. Então, observamos nesses enunciados produzidos por INF.OB4 e INF.OB6, sobre um trecho da mesma cena acima (reproduzidas por INF.S3 e INF.OB5 também com ACs), que esses se constituem 100% de sinais, podendo ser transcritos em SEL por completo, como se observa a seguir.

(1) a.  (INF.OB4)

HOMEM DO[r] ESPER[ar]

‘O homem que está com dor está esperando.’

b.  (INF.OB6)

DENTISTA PERGUNTAR DOENTE DOR

‘O dentista perguntou se estava doente, com dor.’

Em reproduções por nossos informantes, da próxima cena que destacamos para exemplificar a nossa análise, a qual intitulamos “A chegada da mulher ao consultório” (figura 25 a seguir), vemos um tipo de escolha oposta a essa que acabamos de apresentar, isto é, enunciados realizados apenas com ACs.

Figura 25: A chegada da mulher ao consultório



Fonte: encurtador.com.br/isVW8

Como já foi possível observar até aqui, embora, em alguns momentos, utilizem uma sinalização similar, os informantes, tanto os surdos quanto os ouvintes, criaram estratégias distintas de emprego de ACs, CLs e sinais, que vai de uma enorme concentração em ACs a um uso mesclado entre esses três elementos ou a um uso com construções concentradas em sinais. Para melhor observação dessas três estratégias de enunciação sinalizada, dividimos os dados, representados na figura a seguir, em três grupos: o primeiro composto apenas pelo enunciado produzido por INF.S2, em que vemos a concentração em AC; o segundo composto pelos enunciados produzidos por INF.S1, INF.S3 e INF.OB5, com estratégia mista; e o terceiro composto por INF.OB4 e INF.OB6, que realizam esse enunciado apenas com sinais.

Figura 26: Dados dos sujeitos informantes

INF.S2

AC: Performance para
arrumar o chapéuAC: Performance para mulher
rebolando

AC: Performance para mulher caminhar



INF.S1

PESSOA

AC: Performance para mulher

AC: Performance para
mulher andar

INF.S3

MULHER

AC: Performance para mulher
arrumar o chapéuAC: Performance
segurar bolsaCL: Para mulher
andar

INF.OB5

MULHER

sinal CL
ABRIR PORTAAC: Performance para
mulher arrumar o chapéusinal CL
MULHER ANDAR



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Observamos que, para essa cena, INF.S2 utilizou ACs em todo o enunciado. Como já mencionamos, não encontramos nas ACs unidades articulatórias discretas que as estructure fonologicamente, por isso são um contínuo articulatório. Muitas vezes, a presença de um sinal entre um trecho e outro de ACs serve para, em certa medida, delimitá-las. No caso do enunciado que estamos analisando, não há sinais; entretanto, parece-nos possível dividir esse enunciado em algumas ACs, ainda que não possamos estabelecer limites muito claros entre elas. Nessa divisão, relacionamos cada trecho com um conteúdo semântico: mulher arrumando chapéu, mulher andando etc.

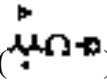
Assim, dividimos esse enunciado produzido por INF.S2 em três ACs: na primeira AC, o informante iniciou a reprodução incorporando o personagem, fez a performance da mulher arrumando do chapéu, utilizou expressões corporais e faciais que correspondem a trejeitos femininos; na segunda AC, ele representou a mulher rebolando ao andar; e, na terceira AC, ele finalizou a cena, incorporando um movimento que indica que a mulher caminhou. O que podemos observar como característica das ACs é que a sinalização realizada pelo informante teve uma *dependência em alto grau da iconicidade*, pois como observa CUXac (2001, *apud*. CAMPELLO, 2008, p. 157), a iconicidade representa:

a corporeidade, as representações relevantes da imagética, a analogia, a característica não discreta das unidades significativas, as manipulações espaciais e a pertinência do espaço de realização das mensagens gestuais, o caráter impreciso das distinções verbal / não-verbal semântico-sintático.

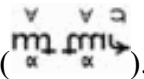
Podemos dizer que as ACs têm nesse tipo de ocorrência uma importância em nível da enunciação. Ou seja, ainda que as ACs não componham o recurso comunicativo gramaticalmente, a iconicidade é importante nesse contexto para a compreensão da mensagem em aspectos expressivos. Nesse sentido podemos dizer que a construção de uma narrativa sinalizada permite uma organização no discurso e no espaço, visto que isso viabiliza a transmissão da mensagem com mais fluidez, expressividade e cadência. Explicam McCleary e Viotti (2011, p. 290) que, nos discursos sinalizados, encontram-se elementos que:

podem ser considerados discretos, convencionalizados e fixos (da mesma forma que os morfemas ou palavras nas línguas orais), por outro, elas contam com uma variedade de recursos que parecem não ter correlatos entre as unidades que têm sido usadas na descrição das línguas orais. Esses recursos vão desde sinais parcialmente convencionalizados até gestos icônicos e pantomimas, que são improvisados à medida que o discurso se desenvolve.

Em outras palavras, podemos dizer que a iconicidade faz parte da construção do discurso em língua sinalizada e que essa característica também compõe as ACs, CLs e gestos. No entanto, a iconicidade apresenta graus de dependência distintos, pois como vimos nas análises de dados apresentadas até agora, as ACs são *dependentes da iconicidade* em alto grau, semelhantemente à mímica/pantomima, que é absolutamente dependente da iconicidade. Já nos CLs essa *dependência da* iconicidade ocorre com um *grau menor*, devido a sua natureza linguística *estrutural e convencional* (foi por convenção que se estabeleceu que o dedo ereto no eixo superior significa pessoa e que a mão espalmada no eixo anterior significa veículo de quatro rodas), o que os difere dos gestos, fazendo-nos analisar os CLs como *simbólicos com baixo grau de iconicidade*.

Observando agora a estratégia mista, vemos, na reprodução de INF.S1, que a informante iniciou a cena indicando a presença de uma pessoa por meio da realização do sinal PESSOA () , em seguida incorporou a personagem, isso é constatado através da sua expressão corporal e facial; e, para marcar a saída de cena da personagem, a informante faz uma performance com as mãos indicando que ela saiu caminhando. Isso ocorre, segundo Bolgueroni e Viotti (2013), devido ao espaço *sub-rogado* que pode ser considerado, como já dissemos, visíveis, quando o personagem

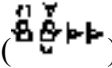
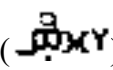
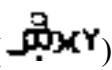
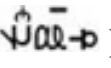
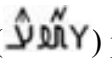
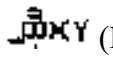
se apresenta utilizando o corpo do sinalizador por meio do uso das expressões faciais e corporais, inseridas nas ACs.

Já o INF.S3, iniciou esse enunciado com a marcação do sinal de MULHER () , acompanhado por uma performance da incorporação da personagem, aqui demarcada pela ação de colocar o chapéu e o arrumar na cabeça, para posteriormente simular a mulher segurando uma bolsa ao tempo que caminhava. Para essa representação, o sinalizador utilizou um morfema CL de pessoa, realizado com a configuração de mão em  (vê-ele), compondo o verbo ‘andar’. De maneira semelhante, INF.OB5 fez, para esse trecho da cena, a marcação do sinal para MULHER () para indicar a sua chegada, e depois fez o sinal CL ABRIR_{PORTA} () . Vemos nesses enunciados produzidos por esses dois informantes, a presença dos elementos sinal, CL e ACs, fazendo uma combinação que parece ser bastante típica das línguas de sinais, sobretudo em gêneros narrativos, como estamos vendo nesses dados.

Assim, como foi verificado nos dados anteriormente analisados, verificamos outra característica que nos chamou atenção nesses enunciados produzidos por INF.S1, INF.S3 e INF.OB5 uma relação de complementação entre sinais e ACs. Como exemplo, citamos o dado de INF.S3, o sinal MULHER seria sujeito de uma sentença, para o qual encontramos o predicado realizado como AC, ‘ajeita o chapéu’, em seguida temos mais dois predicados formados por uma AC – segura a bolsa – e por um sinal CL – anda. Os sujeitos desses dois predicados, que têm o mesmo referente de MULHER, em Português seriam *pro* (pronome nulo), isto é, seriam sujeitos nulos. Não temos como falar em estrutura sintática em ACs; já no caso do sinal CL podemos pensar no morfema CL ‘entidade-pessoa’ como argumento do verbo, correspondendo a um sujeito morfêmico. De qualquer forma a relação entre o sinal MULHER e a ação que corresponderia aos predicados ‘colocou a bolsa’ e ‘andou’ é clara do ponto de vista semântico. Assim, compreendemos, a partir de dados como esse que as ACs trazem a característica de *susceptibilidade à inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos* enquanto que os CL são *componentes da estrutura frasal em nível morfêmico*.

E por fim, na estratégia de concentração em estruturas de sinais, temos a reprodução dessa cena por INF.OB4 e INF.OB6, os quais não utilizaram as ACs,

optaram, portanto, em fazer a tradução dessa cena para Libras, utilizando apenas sinais.

INF.OB4 utilizou os sinais PESSOA () , ESPERAR () , MULHER () e SAIR () , já INF.OB6, além de usar os sinais MULHER () SAIR () realizou o sinal CL ‘PESSOACAMINHAR’ () para indicar que a mulher andou. Sobre esses enunciados avaliamos que a mensagem é compreendida, porém não é apresentada com riqueza de detalhes e certa expressividade, como ocorreu com os outros informantes. A possibilidade de escrita desse morfema CL é por sua natureza estrutura sublexical, uma vez que ‘pessoa’ aparece aí como um morfema definidor do tipo de caminhada. Por sua natureza *estrutural* verificamos que o item em que esse *classificador* aparece se comporta como um sinal, com estrutura MLMov, sendo passível de ser escrito pela SEL e que ocupa uma posição sintática como predicado do sujeito (nulo em Português) correferente do sujeito  (MULHER) da oração anterior, como já mencionamos na análise dos dados de estratégia mista.

Assim, nessa análise quantitativa e qualitativa desse primeiro teste vemos que a produção da língua de sinais, no caso a Libras, se realiza com a articulação entre elementos gramaticais e não-gramaticais, que coocorrem e até se completam na construção dos enunciados. Entretanto, tais elementos são de natureza distinta, que não permite que esses elementos se confundam ou se misturem apesar da coocorrência e complementação. Essa análise, ainda que seja inicial, se propôs a realizar uma distinção entre esses elementos linguísticos e como resultados montamos critérios de análise, que nos possibilitaram distinguir e caracterizar tais elementos. Portanto, consideramos que a não compreensão de qualquer um desses aspectos linguísticos impossibilita uma análise mais precisa da estrutura da Libras, bem como compreender as funções de seus constituintes. Essa primeira parte dessa análise (teste 1) buscou iniciar uma distinção entre as ACs, CLs, sinais e gestos, constatando a recorrência na fala sinalizada dos sujeitos surdos e ouvintes deste estudo, bem como delimitando as características e funções desses elementos encontrados em línguas sinalizadas como a Libras.

5.2 Resultados do teste 2

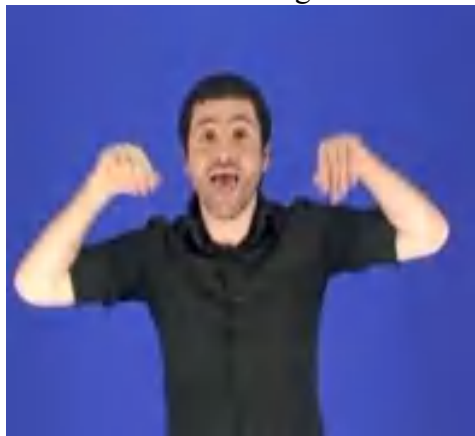
Tratamos nessa seção do teste 2, aplicado aos informantes ouvintes não falantes de Libras – INF.ONFL, que teve por objetivo: verificar o impacto das ACs, para a compreensão e aceitabilidade da sinalização no tipo textual narrativo e no gênero jornalístico. Esse teste foi intitulado: *Teste de Grau de compreensão e aceitabilidade de narrativas com sinais padrões e com ações construídas por informantes ouvintes não falantes de Libras*. Assim, como já apresentamos no capítulo metodológico, nesse teste 2, os INF.ONFL tinham que assistir a dois vídeos e mais suas releituras (ambos sinalizados em Libras) na seguinte ordem: primeiro o Vídeo 1, a releitura (em que solicitamos que o sinalizador surdo retirasse ACs e CLs, construindo a releitura apenas de sinais, no caso do texto narrativo, e colocasse ACs e CLs, no caso do vídeo jornalístico) e, posteriormente, o vídeo 2, o original, esse também sinalizado por um surdo (no qual ocorreram, além de sinais, CLs e ACs no narrativo e não ocorreram no jornalístico). Como sinalização narrativa, tivemos o vídeo original intitulado “O cachorro e o gato”. Na figura 27 ilustramos a releitura e na figura 28 o original.

Figura 27: Vídeo 1 – Releitura de “O cachorro e o gato”



Fonte: Arquivo produzido pela autora

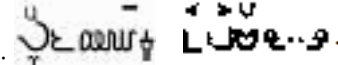
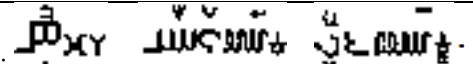
Figura 28: Vídeo 2 - Original: “O cachorro e o gato”



Fonte: Quadros; Cruz (2011)

Para ilustrar aqui a história narrada “O gato e o cachorro” em Libras montamos o quadro a seguir, apresentando *as cenas, a ação que foi realizadas, as ACs produzidas e a tradução em glosa e transcrição em SEL*. Fizemos a descrição das cenas apenas do vídeo original, pois como, na releitura foram retiradas as ACs, não vimos necessidade de descrição das cenas desse vídeo.

Quadro 3: Divisão das cenas da fábula “O gato e o cachorro”

Cena	Ação	Personagens	Descrição da Ação Construída	Anotação em glosa e Transcrição da frase em SEL
1	O homem está segurando o cachorro pela coleira e está caminhando na rua	Homem e cachorro	Descrição da ACs para a performance do Cachorro: incorporação do Personagem, descrição: cachorro passeando, com a língua para fora expressão ofegante, orelhas abanando e latindo.	ACs (não há transcrição).
2	A mulher está segurando o gato no colo e passeando com ele.	Mulher e gato	ACs para a mulher: Mulher arrumando o cabelo e como expressão no rosto delicado. ACs para o gato: miando e com expressão de mainhoso.	ACs (não há transcrição).
3	O cachorro fica agitado escapole e fugindo do dono	Cachorro	Performance do cachorro correndo incorporação do personagem.	ACs (não há transcrição).
4	O gato fica agitado e pula do colo da dona.	Gato	Performance gato miando tranquilamente, depois pula do colo da mulher incorporação do personagem.	ACs (não há transcrição).
5	O homem fica sorrindo	Homem	Não ocorreu	SEL:  Glosa: HOMEM SORRIR
6	A mulher fica com raiva e pergunta por que o homem está sorrindo.	Mulher	Não ocorreu	SEL:  Glosa: MULHER RAIVA HOMEM
7	O homem responde os dois são amigos.	Homem gato e o cachorro	Não ocorreu	SEL:  Glosa: HOMEM (APONTAR) CACHORRO, GATO AMIGOS

Fonte: da autora (2020)

Depois de assistirem às releituras e depois aos vídeos originais, os INF.ONFL emitiriam suas impressões acerca dos vídeos assistidos e foram questionados a respeito da temática, da compreensão e aceitabilidade do texto narrativo e do texto jornalístico, nos vídeos. Vejamos as respostas do vídeo narrativo “O gato e o cachorro”, no quadro 4 a seguir.

Quadro 4: Respostas do teste 2 - “O gato e o cachorro”

Sigla	Pergunta 1: As temáticas dos vídeos são iguais, ou parecidas?	Pergunta 2: Qual vídeo você compreendeu de maneira mais rápida?	Pergunta 3: Por que você escolheu esse vídeo?
INF.ONFL7	Temática parecida	Vídeo -2	- Visualizou melhor os personagens vídeo -2; - É rico em detalhes.
INF.ONFL8	Temática igual	Vídeo -1	- A compreensão foi mais rápida.
INF.ONFL9	Temática igual	Vídeo -2	- Visualizou melhor os personagens vídeo -2; - É rico em detalhes.

Fonte: dados da pesquisa (2020)

Para melhor compreensão da análise do teste dividimos por questões os resultados. Na primeira questão perguntamos para os informantes se os vídeos tratavam da mesma temática, pois, por eles não compreenderem a língua de sinais, precisávamos verificar essa informação. Como vemos nesse quadro, 2 dos 3 INF.ONFL perceberam que a temática dos dois vídeos era a mesma e 1 informante achou apenas parecida; para 2 dos 3 INF.ONFL (não sendo exatamente os mesmos) o vídeo narrativo 2 (o original com ACs e CLs) apresentou maior passibilidade de ser compreendido por que, conforme suas respostas, eles puderam visualizar melhor os personagens no vídeo 2, que era, na opinião deles, mais rico de detalhes que o vídeo 1. Vemos nessas respostas que a iconicidade favoreceu a compreensão da temática. Como reflete Bernardino *et al.* (2020, no prelo) a “utilização da AC é possível conduzir o interlocutor para os diferentes espaços mentais criados e deixar as referências mais evidentes no discurso”.

Os sujeitos informantes INF.ONFL 8 e 9, após assistirem a esses dois vídeos, disseram que apesar de não entender nada sobre a Libras, por meio da representação dos personagens eles identificaram que os vídeos possuíam um tema igual, já o INF.ONFL7 disse apenas que achou que a história seria parecida.

Assim, podemos considerar que essa compreensão parcial da temática ocorreu devido à presença das ACs, que consiste em um recurso de linguagem, ainda que não seja gramatical. Segundo McCleary, Viotti, (2014, p.10) no gênero narrativo “há exploração de dois níveis de integração conceitual com o corpo do enunciador, ora funcionando como narrador, ora como personagem, ora partido, realizando simultaneamente as duas funções”.

Com relação à segunda pergunta que fizemos a respeito da compreensão dos vídeos narrativos, qual dos dois (Vídeo 1 – releitura com ACs e CLs ou Vídeo 2 – original sem ACs e CLs) teria proporcionado uma compreensão mais rápida, INF.ONLS8, único dos três a optar pelo vídeo 1, o vídeo da releitura, justificou que:

Os vídeos contam a mesma história, porém o vídeo-2 é muito mais rápido. Eu não consegui acompanhar acho que entenderia melhor o vídeo – 1. (INF.ONLS8)

Os outros dois informantes disseram que apesar de não ter compreendido o enredo por completo, visto que não tem conhecimento da língua, escolheram o vídeo-2 por conta das expressões e dos gestos serem mais claros, vejamos as justificativas presentes em suas falas, a seguir:

Entendi partes das expressões em ambos, mas o vídeo -2, me pareceu ser mais claro mais vezes. (INF.ONFL9).

O vídeo- 1 não compreendi nada da mensagem. O segundo vídeo achei de melhor compreensão, não sei si por conta dos gestos na forma como ele está passando os sinais, pois consegui compreender, pelo menos, eu acho. (INF.ONFL7).

Novamente atribuímos a compreensão de determinadas partes do vídeo devido à presença das ACs, pois é por meio dela que os personagens são percebidos, pois, a partir desse elemento linguístico, o sinalizador consegue explorar o corpo e utilizar expressões faciais, sendo essas características percebidas na fala dos informantes acima.

E por último, ao serem questionados quais razões os levaram a fazer a escolha entre um dos vídeos, os sujeitos informantes, no geral, pontuaram três motivos em relação à aceitabilidade dos vídeos, a saber: primeiro conseguiram visualizar melhor os personagens presentes na narrativa; segundo porque os vídeos eram ricos em detalhes; e, por último, a compreensão teria sido mais rápida. O único informante a escolher o vídeo -1 e justificou que:

O primeiro é melhor para a compreensão, pois o vídeo-1 ele faz os gestos mais lentos, fica melhor para você captar alguma coisa mesmo que eu não *tenha chegado ao texto, mas é possível acompanhar os gestos do que o vídeo -2, ele faz muita entonação, muitos gestos, mas eu acho que o primeiro ele dá um espaço para a gente compreender o que ele está fazendo.* (INF.ONFL8)

Os outros dois informantes, que acharam que no vídeo-2 era mais compreensível, justificaram que os personagens foram melhor interpretados, mais expressivos, e que isto contribuiu para a sua compreensão, além de serem mais rico em detalhes. Especificamente ressaltaram que:

[...]tem também a parte de um cachorro que estava correndo. Outro detalhe é que o vídeo-2 passa mais placidez e tranquilidade. (INF.ONLS9)

[...] pelo menos, eu acho que é algo relativo a um gato e a um cachorro, eu acho, até porque eu não conheço os sinais. (INF.ONFL7)

Diante desses relatos é possível evidenciar que para a compreensão do vídeo -2, “O gato e o cachorro”, a performance dos personagens em ACs foi de extrema importância para os informantes que, mesmo não tendo conhecimento da Libras compreenderam parcialmente a narrativa com ACs, no vídeo 2. Isso demonstra que ACs *não têm uma dependência absoluta de aquisição*, uma vez que pessoas que não passaram por processo de aquisição da Libras são capazes de compreender, ainda que parcialmente, as informações oriundas de ACs, devido à *dependência da iconicidade* que caracteriza as ACs e CLs, sendo no caso das ACs uma *dependência em alto grau*. Por outro lado, não chega a ser uma pantomima, pois, na relação entre ACs e sinais, esses preenchem espaços naquelas, trazendo agilidade e rapidez ao enunciado, mas exigindo um grau ainda que baixo de aprendizagem. Por isso a compreensão desses enunciados por não falantes de Libras é apenas parcial.

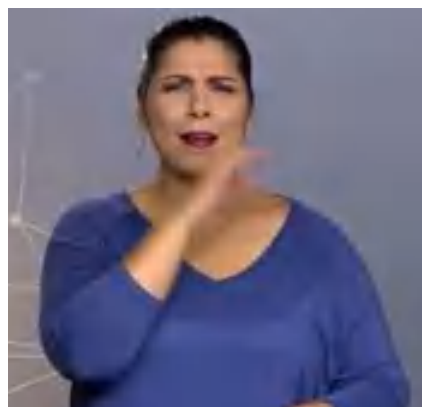
Para analisar o texto jornalístico intitulado “A Tempestade em Mangaratiba” seguimos a mesma estratégia dos vídeos anteriores, primeiro apresentamos o vídeo-1 intitulado de ‘releitura’, apresentado na figura 29, e posteriormente mostramos o vídeo-2, o original, representado na figura 30. Agora, as ACs e CLs ocorrem na releitura, pois o original foi realizado apenas com sinais.

Figura 29: Releitura – Vídeo -1 “A Tempestade em Mangaratiba”



Fonte: Arquivo produzido pela autora (2020)

Figura 30: Original – Vídeo – 2 “A Tempestade em Mangaratiba”



Fonte: encurtador.com.br/su059

Os informantes de maneira unânime disseram que não conseguiram compreender nada em nenhum dos vídeos. A primeira análise que fazemos desse resultado é que, comparando os dois vídeos originais, o narrativo pôde ser melhor compreendido que o jornalístico original, certamente por presença de ACs e CLs. Entretanto, as ACs e os CLs são dependentes dos sinais, compondo junto com eles a linguagem sinalizada. Assim, por mais que fossem utilizadas ACs na releitura do texto jornalístico, isto não foi satisfatório para a compreensão, talvez pela inadequação ao gênero jornalístico formal, ainda que se tratasse de uma notícia, que também foi narrada, pois a compreensão do texto passa também pela adequação à forma.

Isto nos fez supor que as ACs sejam mais frequentes em determinados gêneros textuais, como certos gêneros narrativos, por exemplo, fábulas, histórias, contos, casos. Supomos que, sendo de natureza discursiva, as *ações construídas* sejam mais frequentes em gêneros textuais narrativos. Com o intuito de ampliar essa discussão fizemos um levantamento de tipos textuais distintos para verificar tal hipótese que será analisado na próxima seção.

5.3 Coleta de amostras naturalísticas sinalizadas em gêneros textuais diversos

Com a coleta de amostras naturalísticas sinalizadas em gêneros textuais diversos procuramos resposta quanto à maior recorrência de ACs em certos gêneros textuais. Confirmando-se a nossa suposição de que ACs são mais frequentes em certos gêneros, temos mais um indício que confirma a nossa hipótese de que ACs são de natureza discursiva e não de natureza gramatical. Assim, realizamos uma busca de amostras de

vídeos na internet, com o intuito de obter uma resposta para tal indagação e checar as hipóteses por nós levantadas.

Selecionamos vídeos que estão organizados no quadro 5. Por meio dos links, organizamos os vídeos com conteúdos distintos. Todos foram sinalizados em Libras, sendo alguns sinalizados por surdos e outros por ouvintes intérprete de Libras.

Quadro 5: Levantamento de vídeos da internet em Libras para identificação das ações construídas

TV INES - SURDOS SINALIZASTES	CAS/ MS - INTÉRPRETES DE LIBRAS	RELIGIOSOS	EDUCACIONAIS	DISCURSO POLÍTICO	FÁBULAS
1. http://tvines.org.br/?p=19908 2. http://tvines.org.br/?p=19817 3. https://www.youtube.com/watch?v=yjnyiaOTelo 4. https://www.youtube.com/watch?v=T2v5tCjCjo 5. https://www.youtube.com/watch?v=Vv-ia6V-emM	1. https://www.youtube.com/watch?v=hETA5kUOB0 https://www.youtube.com/watch?v=CleWo12oXmE 2. https://www.youtube.com/watch?v=XBLA6EH77Qo 3. https://www.youtube.com/watch?v=t8k-7eGMK_k 4. https://www.youtube.com/watch?v=E2JGzNh2S20	1. https://www.youtube.com/watch?v=ZrfPnUKJCU 2. https://www.youtube.com/watch?v=rBx7JMHebRQ https://www.youtube.com/watch?v=SEm-ruD8948 3. https://www.youtube.com/watch?v=SEm-ruD8948&t=109s	1. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/173344 2. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104225 3. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104240	1. https://www.youtube.com/watch?v=4ZQS3OMLqJM 2. https://www.youtube.com/watch?v=8qtMk0ggEzs 3. https://www.youtube.com/watch?v=mARMBWEwY2A	1. https://www.youtube.com/watch?v=BnteMeA4R0M

Fonte: da autora (2020)

Agrupamos os vídeos por gênero textual, a saber: cinco vídeos jornalísticos da TV INES, com surdos sinalizando, e vídeos sinalizados por intérprete de Libras do CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez; três vídeos religiosos, dois interpretados por surdos e outro traduzido por uma intérprete de Libras; três vídeos educacionais – dois vídeos sem identificação sobre a condição de surdez ou não da sinalizante e outro vídeo educacional interpretado por surdos; e vídeos com discurso políticos interpretado para Libras.

Fizemos um recorte dos vídeos para identificar o uso das ACs em Libras e identificamos que, entre os vídeos analisados, os que não trouxeram produções do gênero narrativo não apresentaram ACs. Já os vídeos como, por exemplo, os que trazem fábulas, por essas fazerem parte de um gênero textual do tipo narrativo, apresentam sempre ocorrências do que estamos definindo com ACs. Para apresentar nessa dissertação uma amostra dessa nossa coleta, selecionamos um vídeo que é composto por quatro fábulas sinalizadas por um surdo, a saber: (1) “A lebre e a tartaruga”; (2) fábula de Esopo “O lobo e a cegonha”; (3) fábula de Esopo “A reunião dos ratos”; e a (4) fábula de Esopo “O leão apaixonado”. Para apresentar as ACs presentes na fábula selecionamos a fábula a “A lebre e a tartaruga” para analisar.

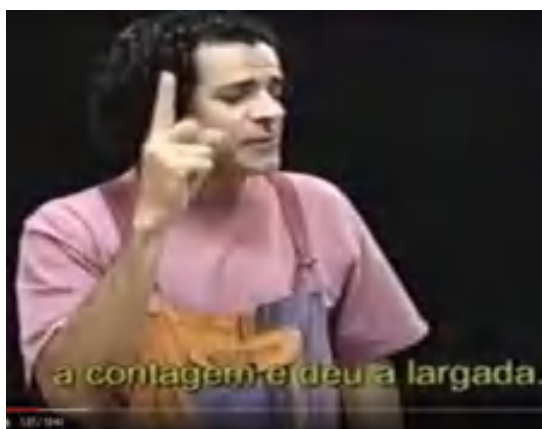
Percebemos nessa fábula a presença das características das ACs, como a incorporação dos personagens, por meio das expressões faciais e corporais, visto que contribuem para visualidade e compreensão do discurso sinalizado, sendo, pelo que indica a recorrência de incorporação de personagens, um recurso linguístico importante para compreensão das produções em línguas de sinais nesse gênero textual, característica que consideramos fazer parte da linguagem. Com corrobora Campello (2008; p. 22):

A visualidade supõe exercícios imagéticos semiticamente mediados, uma vez que não se realiza sem a presença de signos, ou seja, não se realiza como atividade direta dos órgãos dos sentidos. Pode constituir-se como discurso justamente pela possibilidade de ser produzida por signos e por produzir signos.

A experiência da visualidade produz subjetividades marcadas pela presença da imagem e pelos discursos viso-espaciais provocando novas formas de ação do nosso aparato sensorial, uma vez que a imagem não é mais somente uma forma de ilustrar um discurso oral. O que captamos sensorialmente pelos olhos é apenas uma pista que é enviada aos sistemas neuronais e, posteriormente, esses dados, através de operações mais complexas informam nosso cérebro, produzindo sentido do que estamos vendo. Por isso, as formas de pensamento são complexas e necessitam a interpretação da imagem-discurso. Essa realidade implica resinificar a relação sujeito-conhecimento principalmente na situação de ensinar e aprender.

As figuras a seguir ilustram a visualidade de expressões produzidas pelo sinalizador ao incorporar os personagens na fábula. Em “A lebre e a tartaruga” o narrador apresenta características de incorporação distintas para representar a lebre e a tartaruga e também a raposa, como se verifica, na figura 31, a incorporação da raposa, na figura 32, a incorporação da lebre e por último, na figura 33, temos a incorporação da tartaruga.

Figura 31: Incorporação da Raposa



Fonte: encurtador.com.br/afpJN

Figura 32: Incorporação da Lebre



Fonte: encurtador.com.br/afpJN

Figura 33: Incorporação da Tartaruga

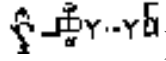
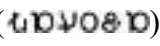


Fonte: encurtador.com.br/afpJN

Ao assistir a fábula percebemos o quanto é importante a presença das ACs, nesse gênero textual, para representação dos personagens, pois é por meio da incorporação que se percebe a presença, caracterização e movimentação do personagem. Segundo Pimenta, (2008, p. 68), a “ação construída pode ser categorizada por pessoas e animais em ação”. Na fábula analisada temos a representação dos animais: a raposa que é o juiz que apita o

início da corrida, personagem que faz a contagem para iniciar a corrida; a tartaruga, que pela expressão facial e trejeitos demonstra-se a lentidão característica desse animal, e da lebre, representada com expressão de desdém pela tartaruga.

Assim, como já discutimos, é por meio dos seus movimentos e da representação corporal, que as ACs são realizadas sendo composta pela perspectiva *idiossincrática*, ou seja, pela representação desenvolvida por um estilo próprio, variando de sinalizador para sinalizador, o que é distinto do sinal em Libras, que, como sabemos, apresenta uma *recorrência* de uma forma *padrão*. Obviamente não estamos desconsiderando a ocorrência da variação linguística. A recorrência de formas consideradas sinais padrão tem a ver com a referência desse sinal numa comunidade de fala. Nessa perspectiva, o sinal é, sim, *sistematizado*, além de ser considerado *convencional* e *padrão*.

Outra característica que observamos nas ACs é a sua dependência/inter-relação com o sinal, visto que, normalmente, antes ou conjuntamente com a performance AC, é realizado o sinal. Nessa fábula, foi realizado o sinal TARTARUGA (), a datilologia do nome RAPOSA () mais o sinal desse animal e, para apresentação da lebre, também se utilizou o sinal para LEBRE (). Depois da realização desses sinais, acrescentou a performance AC, trazendo características físicas e psicológicas desses personagens marcadas nas expressões e trejeitos realizados pelo sinalizador. Identificamos esse aspecto das ACs como *susceptibilidade à inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos*. Nesse aspecto, ACs se diferenciam de pantomimas, que não estabelecem nenhum tipo de inter-relação/complementação com itens gramaticais. Na fábula “A lebre e a tartaruga” a cada momento que o sinalizador fez uma referência inicial aos animais foi perceptível uma dependência das ACs à coocorrência de sinais, no momento da produção de enunciados em Libras.

A iconicidade presente nesse processo de incorporação dos personagens na montagem de narrativas em línguas de sinais aproxima as ACs de CLs. Como acabamos de dizer, a dependência de iconicidade é mais forte na pantomima do que nas ACs. Isso pelo fato de as ACs poderem ser preenchidas ou se combinarem, em alguns momentos, com sinais. Podemos fazer esse mesmo raciocínio com relação à distinção da força que a iconicidade exerce sobre ACs e CLs. Como discutimos atrás, estamos assumindo, junto com Rodero-Takahira (2015), o CL como uma estrutura *morfêmica* e por isso mesmo,

estrutural em nível sublexical. Assim, ainda que esses elementos *apresentem iconicidade*, sua natureza estrutural implica uma não dependência dessa iconicidade, diferentemente das ACs que, justamente por não serem estruturais, *dependem* em certa medida da *iconicidade* para passar o conteúdo semântico. Mas, por manterem alguma relação com sinais (elementos que são tipicamente simbólicos/arbitrários porque são estruturais/gramaticais), as ACs, por sua vez, são dependentes da iconicidade em alto grau, todavia em grau menor que a pantomima, que, por não manterem nenhum tipo de inter-relação com elementos estruturais, como os sinais, são *absolutamente dependentes da iconicidade*, sem a qual a pantomima não dá conta de transmitir nenhum conteúdo semântico. Segundo reflexão de Campello, (2008, p.191) sobre:

a natureza visual e das estruturas da iconicidade (no caso das transferências visuais), as línguas de sinais mostram claramente que estes elementos configuracionais não podem ser identificados como classificadores: no efeito visual, as unidades ou os elementos são os que permitem mostrar em grande iconicidade os elementos temáticos enunciados em sinais padrão para integrá-los, em foco, no âmbito de uma perspectiva iconicizadora.

Reflexões como essa reforçam os critérios de análise que propomos, através dos quais estamos verificando que é possível buscar identificar as características que distinguem os quatro elementos aqui estudados (encontrados em produções sinalizadas), compreendendo que a iconicidade cumpre um papel no âmbito da transmissão de conteúdos temáticos enunciados em sinalizações. Entretanto, a iconicidade, que caracteriza, sobretudo, ACs e está presente em CLs e também em gestos, não é imprescindível à realização da língua sinalizada, ainda que tenha um papel fundamental em alguns gêneros narrativos, como a fábula. Isto é atestado pela ocorrência de produções sinalizadas sem ACs em certos gêneros, como o jornalístico, o discurso político, etc., conforme as amostras naturalísticas de produção sinalizada coletadas e analisadas neste estudo.

Por fim, podemos dizer que, ao analisar as mostras dos vídeos coletados, comprovamos nossa hipótese a respeito de recorrência de ACs mais restrita a certos gêneros narrativos, pois conseguimos identificar, de fato, a presença das ACs quase que exclusivamente em textos de gêneros narrativos, especificamente a fábula, que analisamos como um tipo expressivo, ou seja, propício para o uso das ACs em Libras. Já nos demais vídeos, que traziam outros gêneros textuais, a presença da ACs não foi identificada, apenas registramos alguns casos em que, quando o intérprete contava

alguma história, necessitava de incorporação de personagens, realizando ACs especificamente nesses trechos narrativos. A esse respeito, compreendemos que as produções textuais podem ser compostas por tipos textuais diferentes dentro do mesmo gênero, o que justifica a presença das ACs nesses trechos narrativos.

5.4 Comparativo dos resultados

Com base nos critérios que elaboramos para traçar características dos elementos aqui pesquisados, e com base nas discussões de Quinto-Pozos; Parrill, (2015); Parrill (2009); Bolgueroni; Viotti, (2011) e McCleary; Viotti, (2011); Bernardino, (2000); Ferreira, (2010); Quadros; Karnopp, (2004); Veloso, (2008), Rodero-Takahira (2015) e Lessa-de-Oliveira, (2012, 2015, 2019), construímos o quadro a seguir de características dos elementos: *pantomima*, *ação construída*, *gesto*, *classificador* e *sinal*.

A mímica/pantomima aparece no quadro porque consideramos que esse tipo de gestualização ocorreu nos dados de um dos informantes, como um fenômeno isolado.

Repetimos aqui a lista de critérios que adotamos para elaboração das características de pantomima, ação construída, gesto, classificador e sinal:

- I. De não-recorrência a recorrência padrão sintaticamente determinada;
- II. De idiossincrático a convencional;
- III. De icônico a arbitrário;
- IV. De natureza contínua a natureza de unidade discreta;
- V. De não-estrutural a estrutural;
- VI. De não-dependente de aprendizagem a dependente de processo de aquisição;
- VII. De sem inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos a componente da estrutura frasal em nível lexical.

Quadro 6: Quadro descritivo de características da Pantomima, AC, Gesto, CL e Sinal

Fonte: da autora (2020)

Mímica/Pantomima	Ação Construída	Gesto	Classificador	Sinal
Não recorrente na linguagem sinalizada	Recorrência restrita a certos gêneros textuais	Recorrência livre, associada à vontade do falante	Recorrência relacionada a processos sintáticos morfêmicos	Recorrência padrão sintaticamente determinada
Absolutamente idiossincrático	Altamente idiossincrática	Convencional fraco	Convencional não padrão	Convencional padrão
Absolutamente Dependente da Iconicidade	Dependente da iconicidade em alto grau	Simbólico com baixo grau de Iconicidade	Apresenta iconicidade em grau elevado	Simbólico/arbitrário
Contínuo sem limite definido	Contínuo sem limite definido	Contínuo com limites definidos	Integra-se a estruturas constituídas por unidades discretas	Constituído por unidades discretas ²⁶ hierarquizadas (submetido à propriedade da infinidade discreta)
Não estrutural	Não estrutural	Não estrutural	Estrutural (sublexical)	Estrutural (lexical/supralexical)
Não dependente de aprendizagem	Dependente de aprendizagem em baixo nível	Dependente de aprendizagem	Dependente de processo de aquisição em nível mediano	Dependente de processo de aquisição
Sem inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos	Susceptível à inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos	Susceptível à inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos	Componente da estrutura frasal em nível morfêmico	Componente da estrutura frasal em nível lexical

Especificamos como mímica/pantomima aquilo que cada indivíduo, ao representar, faz de maneira icônica e singular, considerando que os “itens linguísticos são forçados a adequar-se às categorias fonéticas e semânticas da língua, enquanto a mímica é restrita apenas pelo poder de conceitualização do imitador e suas habilidades físicas” (TAUB, 2000, p. 37). Assim, podemos verificar, como já dissemos, que a mímica ou a

²⁶ Nas ciências exatas, esse termo é utilizado para expressar a individualização (discretização) de uma unidade contínua em unidades individuais (discretas).

pantomima é *absolutamente de pendente da iconicidade*, porque depende inteiramente dessa propriedade para transmitir conteúdo semântico, uma vez que não dispõe de recursos sistêmicos, é *não estrutural*, sendo por isso realizada como um *contínuo sem limite definido*. De outra forma, podemos considerar a pantomima como *não estrutural* ao ser comparada com o sinal. Destacamos que o sinal possui traços articulatórios mínimos que compõem a fonologia das línguas de sinais, além de se enquadrar na propriedade da *arbitrariedade*, propriedade fundamental ao signo linguístico, conforme Saussure (2012[1916]), sem desconsiderar certa iconicidade que também está presente na linguagem, e por assim ser também nos sinais. Além disso, diferentemente dos sinais, que, por pertencerem ao léxico de uma língua natural, *dependem do processo de aquisição* próprio dessas línguas, a mímica/pantomima é *não dependente de aprendizagem* já que depende única e exclusivamente da criatividade espontânea; e, por ser inteiramente construída com base na iconicidade, sua interpretação por quem a está assistindo também não depende de aprendizagem prévia específica.

Para a distinção entre as *ações construídas e gestos*, consideramos que, embora ambos sejam elementos pertencentes à linguagem e não à língua (gramática), as ACs são próprias de produções em línguas sinalizadas, utilizadas no momento em que um personagem fala como forma de incorporação dos personagens, completando, muitas vezes, orações e períodos, sem se enquadrarem, todavia, na rígida estrutura gramatical. As ACs são construções próprias de línguas de sinais, mas têm recorrência restrita a certos gêneros textuais, além de apresentarem a característica *altamente idiossincrática*, isto é, podem ser analisadas como um elemento próprio e particular de uma pessoa ou grupo característico (DICIO, 2019). Os gestos não são elementos específicos de línguas de sinais, ocorrem concomitantemente ou até de forma complementar tanto em contextos enunciativos de línguas sinalizadas quanto de línguas orais, sem um limite especificado pelo gênero textual.²⁷

Outra característica que observamos nas ACs foi o fato de essas serem *dependentes da iconicidade em alto grau*. De acordo com Peirce (2010, p. 64) “um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser”. Ou seja, a iconicidade está presente,

²⁷ Não chegamos a discutir neste estudo a ocorrência dos quatro elementos aqui analisados, relativamente às modalidades falada e escrita de textos. Mas é possível mencionarmos que tanto ACs quanto gestos são próprios da modalidade falada, pela própria natureza dos recursos articulatórios desses elementos.

de maneira mais geral, no universo semiótico. Todavia, como já dissemos, à medida que os elementos empregados no âmbito comunicativo se inter-relacionam e mesmo fazem parte de um sistema, o peso da iconicidade diminui porque a transmissão do conteúdo semântico passa para os componentes do sistema. Assim, o grau de dependência da iconicidade de elementos como ACs contrasta com a do sinal, que embora icônico em certa medida, não há nessa dependência da iconicidade, de sorte que a arbitrariedade natural do signo linguístico, conforme Saussure (2012[1916]) se mantém atuante nele, o sinal, que por isso é caracterizado como *convencional padrão*.

As ACs também se caracterizam como um *contínuo sem limite definido e não estrutural* porque, com base nos estudos gerativistas, o item lexical é composto por traços semânticos, fonológicos e formais (ou seja, gramaticais). Assim, como item lexical, o sinal deve possuir uma estrutura organizacional dessa natureza, constituindo-se como unidade discreta em nível supralexical, e sendo constituído por unidades discretas e sublexical. Nessa perspectiva, como item lexical, o sinal é dotado da propriedade de infinidade discreta. As ACs, pelo contrário, não partilham dessa propriedade, pois não podemos segmentá-la em unidades menores, claramente recorrentes e que formam paradigmas dentro de um sistema. Temos que ter uma ideia do todo na articulação das ACs, para que sua representação possa ter um significado e seja compreendida, por essa razão as consideramos *não estrutural*. Isso difere da análise que podemos fazer para o sinal, este possui a característica de *ser segmentável*, por um lado, tanto em nível fonológico quanto em nível morfológico, e de fazer parte de um segmento superior, o sintagma, por outro. Pelo fato de haver nas ACs algum grau de recorrência, elas são *dependentes de aprendizagem*, mas *em baixo nível* por serem *dependentes de iconicidade em alto grau, altamente idiossincráticas e não estruturais*.

Observamos ainda que a mímica/pantomima se distingue dos gestos, ACs, CLs e dos sinais pelas seguintes características: os gestos são *um pouco mais recorrentes* que as ACs, pois sua natureza convencional, simbólica com baixo grau de iconicidade faz com que eles façam parte de um rol de itens partilhados no meio social, e que por isso sejam repetidos pelos falantes em contextos específicos, ainda que não se comportem como unidades discretas de nenhum sistema gramatical. Para Quadros (2011, p. 19) “há uma fronteira que num contínuo vai do menos convencional para o mais convencional, do menos padronizado ao mais padronizado”, isto muitas vezes contribui para delimitar o que é gesto, ou o que se tornou signo linguístico. Para Santana (*et al*, 2008, p.3) o gesto é

considerado “um símbolo, mas um símbolo diferente da fala, vai do todo para as partes. Os gestos não precisam se combinar. Dois gestos juntos não se combinam para formar um maior, mas um gesto complexo”. Com base nisso compreendemos terem os gestos a propriedade *convencional fraca*, já que sua recorrência não é determinada por um sistema complexo, e eles são um *continuo com limites definidos*, já que “nos gestos, cada símbolo é, por si só, uma expressão completa de significados”. Por fim, segundo a autora os gestos não apresentam nenhuma estrutura hierárquica, ao serem realizados e comparados com outros gestos, o que nos levando a interpretá-los como *não estruturais*, ou seja, não possui uma característica que é primordial, ser estrutural, para ser considerada como gramatical. E consideramos os gestos *dependentes de aprendizagem* por sua natureza *simbólica* e de *baixo grau de iconicidade*.

Quanto aos CLs, assumimos, junto com Rodero-Takahira (2015) como já dissemos, que esses são de natureza morfêmica. Assim, apresentam uma *recorrência relacionada a processos sintáticos morfêmicos* e integram-se a *estruturas constituídas por unidades discretas*. Nesse sentido, comentam McCleary; Viotti (2011, p. 292) que:

Os sinais policomponenciais²⁸ são intrinsecamente icônicos e parecem ser formados por mais de um componente de significação. O estatuto desses componentes de significação como morfemas tem sido bastante debatido, basicamente porque esses componentes não têm significado por si só: eles só adquirem significado quando postos juntos e quando usados em um contexto particular.

Essa dependência de um contexto estrutural particular para adquirir significado evidencia a natureza gramatical dos classificadores, que se apresentam, assim, como elementos de natureza estrutural sublexical. Mas, talvez por apresentarem também uma forte presença de iconicidade, observamos que os CLs, ainda se apresentam como elementos *convencionais*, são *não padrão*, ou apresentam um tipo de padronização fraca, uma vez que parece não haver um uso mais sistematizado desses elementos, com lugar/função fixas; e a repetição desses elementos pelos falantes da língua não parece ampla e estruturada, mas concentrada na *iconicidade em grau elevado* circunscrita em certa medida ao contexto. O fator iconicidade também contribui para que os CL *sejam dependentes de processo de aquisição* apenas em nível mediano, isto é, a presença de

²⁸Os sinais policomponenciais é a nomenclatura utilizada por Quinto – Pozo (2007) para se referir aos classificadores como tradicionalmente é intitulado pela literatura.

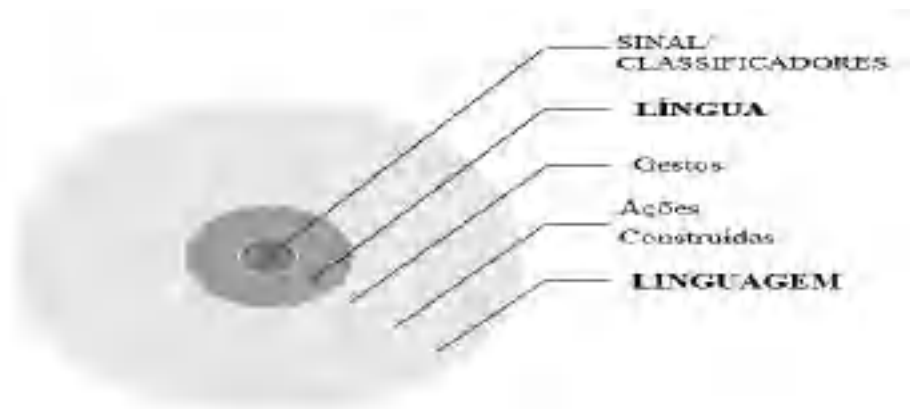
iconicidade favorece certa interpretação de sinais CLs por não falantes da língua sinalizada.

Já os sinais se colocam em contraponto aos outros elementos por apresentarem todos os requisitos de elementos gramaticais. São *simbólicos e arbitrários*, constituem-se de *unidades discretas hierarquizadas e estruturais*. Conforme a concepção gerativista, os itens lexicais de uma língua se constituem de traços formais, fonéticos e semânticos que levam esses elementos a se apresentarem em níveis hierarquizados, compostos de níveis dos traços, fonológicos, morfológicos e sintáticos. Os sinais se apresentam assim como um elemento constituído por unidades discretas, ou seja, são unidades que pertencem a um determinado nível e que se combinam e vão formando outros níveis superiores.

Pelo fato de se constituírem como itens lexicais, os sinais são, entre os quatro elementos estudados, os únicos que *dependem completamente de processo de aquisição*. O sinal, portanto, faz parte de um sistema gramatical, sendo, por isso, caracterizado por *recorrência padrão*, por ser *convencional padrão*, *simbólico/arbitrário*, *constituído por unidades discretas hierarquizadas*, *submetido à propriedade da infinidade discreta* e por ser *estrutural*. Consideramos que o processo de aquisição é diferente do processo de aprendizagem por ser, dentro da teoria gerativista, a aquisição submetida ao processo de fixação de valores paramétricos, no âmbito da Gramática Universal, e a aprendizagem não. Nesse caso, por não serem gramaticais ACs e gestos não se submetem a processo de aquisição, diferentemente de sinais e CLs.

A partir da observação dessas características, consideramos a hipótese de que as ACs e os gestos serem elementos que fazem parte da linguagem, enquanto os CLs e os sinais são elementos gramaticais, ou seja, fazem parte da língua, como pode ser observado na representação da figura 34.

Figura 34: Esquema da estrutura dos elementos linguísticos da Libras



Fonte: da autora (2020)

Partindo da perspectiva de investigação dos elementos aqui discutidos, na transcrição de dados no *software* ELAN, formamos as trilhas de investigação desses quatro elementos analisados: gestos, ACs, CLs e sinais. Preenchemos essas trilhas com base nos critérios e características, acima apresentados, na identificação dos componentes inseridos em cada trilha, durante o trabalho de transcrição. Embora a pantomima tenha aparecido nos dados de um informante, não colocamos esse componente como trilha para a análise, já que identificamos esse fenômeno em apenas 1 sujeito informante. Na construção das trilhas, colocamos uma observação dentro da trilha das *ações construídas* referente à mímica/pantomima realizada pelo referido informante. Para delimitar os elementos linguísticos, utilizamos a tela do ELAN para realizar as segmentações da narrativa produzida pelos sujeitos-informantes; criamos as trilhas e, assim, segmentamos e analisamos os enunciados encontrados nas produções dos informantes.

5.5 Resumo do Capítulo

No presente capítulo apresentamos a análise dos dados: provenientes dos resultados dos testes 1 e 2, que serviram de instrumento de observação, respectivamente, de ocorrências de gestos, ACs, CLs e sinais, em produções dos sujeitos-informantes, e de verificação da compreensão por não falantes de Libras de vídeos com e sem ACs, CLs, nos gêneros textuais fábula e notícia jornalística; e provenientes também da coleta de amostras naturalísticas de produções sinalizadas em gêneros textuais diversos. Além

disso, apresentamos um quadro comparativo das características dos quatro elementos discutidos nesse estudo, que elaboramos como resultado da análise dos dados a partir dos sete critérios que arrolamos como instrumentos de análise.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a natureza de *ações construídas* e *classificadores* em Libras, fazendo um contraponto com as características de gestos e sinais nesta língua. Para isso realizamos uma investigação, utilizando metodologia mista (quantitativa e qualitativa) de coleta de dados, por meio de dois testes e coleta de amostras naturalísticas de produções sinalizadas em gêneros textuais diversos, buscando vídeos extraídos da internet. No teste 1, utilizamos vídeos sinalizados em Libras, um intitulado de original e o outro de releitura, contendo uma fábula (um gênero textual do tipo narrativo). Apresentamos esses vídeos para 3 surdos e 3 ouvintes bilíngues; já no teste 2, utilizamos um vídeo com uma sinalização em gênero textual jornalístico (uma notícia), com o intuito de verificar a produtividade e aceitabilidade das ACs nesse gênero. Esse teste foi realizado com 3 ouvintes não falantes de Libras, assim perfazendo um total de 9 sujeitos informantes na pesquisa como um todo. E por fim, analisamos amostras naturalísticas de produção sinalizada, utilizando vídeos em Libras com gêneros textuais distintos como: jornalísticos, vídeos religiosos, vídeos educacionais, discursos políticos e fábulas, interpretados por surdos e ouvintes.

As transcrições de dados foram feitas por meio do Sistema da Escrita para as Línguas de Sinais (SEL) de Lessa-de-Oliveira (2012; 2019). Esse sistema de escrita também nos ajudou na análise dos dados, servindo de instrumento de verificação da existência de uma estrutura fonológica nos enunciados analisados. O SEL serviu também a esse propósito porque é um sistema construído a partir de um modelo fonológico para a Libras, a estrutura hierárquica MLMov, proposta pela mesma autora.

Como resultados de nossas análises, constatamos que as ACs são de natureza não-gramatical, pois apresentam as seguintes características: recorrência restrita a certos gêneros textuais, dependência de iconicidade em alto grau, natureza articulatória contínua sem limite definido, são altamente idiossincráticas, não estruturais, dependentes de aprendizagem em baixo nível, susceptíveis à inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos. Já os *classificadores* são de natureza gramatical, tendo

como características: recorrência relacionada a processos sintáticos morfêmicos, convencionais não-padrão, dependentes da iconicidade, integram-se a estruturas constituídas por unidades discretas, estrutural (sublexical), dependentes de processo de aquisição em nível mediano, componentes da estrutura frasal em nível morfêmico. Quanto aos sinais, esses se diferenciam das ACs e CLs, por sua natureza gramatical, como item lexical, apresentando as seguintes características: recorrência padrão sintaticamente determinada, são convencionais padrão, simbólicos/arbitrários, constituído por unidades discretas hierarquizadas (submetido à propriedade da infinidade discreta), estruturais (lexical/supralexical), dependentes de processo de aquisição e componente da estrutura frasal em nível lexical.

Assim, nossa hipótese de que as ACs não são elementos gramaticais da Libras foi confirmada. Não sendo de natureza gramatical, as ACs não são dependentes de processo de aquisição como os sinais, daí que nossos sujeitos informantes não falantes de Libras não puderam compreender os vídeos em que ocorreram apenas sinais, mas compreenderam parcialmente os que apresentaram ACs e CLs. Constatamos, por fim, que as ACs são mais recorrentes em um tipo textual, o narrativo, mais especificamente em gêneros textuais como fábulas e afins, o que também confirma uma hipótese que levantamos neste estudo.

Os resultados, portanto, da presente pesquisa, podem vir a contribuir com a compreensão da gramática da Libras, na medida em que ajuda a distinguir e caracterizar os quatro elementos aqui investigados, que são componentes da linguagem sinalizada. Ou seja, o presente estudo pode trazer contribuição para estudos acerca da Libras, ajudando na distinção entre o que é gramatical e o que é não-gramatical, na identificação do que pertence à língua sinalizada, na perspectiva de uma língua gesto-visual, do que pertence somente à linguagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. P. T. **Aquisição da estrutura frasal na língua brasileira de sinais**. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.
- ARAÚJO, Magali N. **OS ESPAÇOS NA LIBRAS**. Tese (Doutorado em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas) – Universidade de Brasília Instituto de Letras – IL, Brasília, 2016.
- AUGUSTO, M. R. A. As relações com as interfaces no quadro minimalista gerativista: uma promissora aproximação com a Psicolinguística. In: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (orgs.) **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005, p. 237-260.
- AUGUSTO, M.R.A. Dados de percepção/compreensão e de produção na aquisição: representações gramaticais distintas?. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 113-130, 2007b.
- BARRETO, Daniele dos Santos. **Consciência Fonológica e Escrita da Libras**. (Dissertação de mestrado em andamento). Mestrado em Linguística – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB: Vitória da Conquista, 2019.
- BERNARDINO, E.; SILVA, G. M.; PASSOS, R. **Iconicidade, Simultaneidade e uso do espaço em Libras**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/63054846/4-Iconicidade-Simultaneidade-euso-do-espaco-em-Libras-Bernardino-Silva-e-Passos#scribd>. Publicado por: Eli Ribeiro dos Santos, 2011. acesso em: 05 set. 2019.
- BERNARDINO, Elidéa; BASTOS, Stéfanie; MARTINS, Dinalva; MOURA, Jéssica. **A AÇÃO CONSTRUÍDA NA LIBRAS CONFORME A LINGUÍSTICA COGNITIVA**. (No plero). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2020.
- BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Referência Nominal em Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Todas as Letras**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-50, 2013.
- BOLGUERONI, Thais. **Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)**. Mestrado em Linguística – Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2013.
- CAMPELLO, A. R. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos**. 2008. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- CANDIOTTO, Kleber Bez Birolo. FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA TEORIA MODULAR DA MENTE DE JERRY A. FODOR. In: **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 2008.
- CAPOVILLA, Fernando César, Raphael, Walkiria Duarte, Mauricio, Aline Cristina L. **NOVO DEIT-LIBRAS: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. vol. 1. 3. ed. Editora EDUSP, 2015.

CASTRO, Nelson Pimenta de. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis SC: 2012.

CHOMSKY, N. **Conceitos de língua**. O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Editora Caminho, 1986.

CHOMSKY, N. **Language and problems of knowledge: The Managua lectures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHOMSKY, N. **Knowledge of language**. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N.. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton & Co. 1957.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CORRÊA, Letícia Maria Sicuro. **Conciliando processamento linguístico e teoria de língua no estudo da Aquisição da Linguagem**. Aquisição da Linguagem e Problemas do Desenvolvimento Linguístico. Editora da PUC-RIO/Edições Loyola, p. 21-78, 2006.

CORREA, Rosemeri Bernieri de Souza . **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Departamento de Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

DEL RÉ, Alessandra. (Org). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS DICIO - ONLINE E OFFLINE, Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>, 2019. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

ELAN. **The language archive**. [s.d.] ELAN é uma ferramenta profissional para a criação de anotações complexas em recursos de vídeo e áudio. Disponível em: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> acesso em: 20 de set. de 2017.

FELIPE, Tanya. Libras em Contexto: Curso Básico: **Livro do Professor**. Tanya A. Felipe de Souza e Myrna Salerno Monteiro. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 6ª. Edição. Disponível em:

<https://www.passeidireto.com/arquivo/1196912/libras-em-contexto---tanya-felipe> acesso em: 12/06/19.

FELIPE, Tanya. **Sistema de flexão verbal na libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero**. Anais do Congresso Nacional do INES, 2002.

FERNANDES, Eulalia. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

- FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FORDOR, J. A. **The Modularity of Mind**. Cambridge (Mass): The MIT Press, 1983.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- GESUELI, Z. A Narrativa em língua de sinais: um olhar sobre os *classificadores*. In: **Estudos Surdos IV**. Ronice Müller de Quadros e Marianne Rossi Stumpf (organizadoras). – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2009.
- GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Para conhecer Aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.
- GURUNGA, Carine de Matos. **Conhecimento sobre a Libras: Desenvolvimento de Consciência Sintática por Surdos e Ouvintes Falantes Dessa Língua**. (Dissertação de mestrado em andamento). Mestrado em Linguística – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB: Vitória da Conquista, 2019.
- JUNIOR, Jurandir Ferreira Dias; SOUZA, Wilma Pastor de Andrade. **LIBRAS III**. Letras Libras, 2011.
- KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: M. A. Marques; E. Koller; J. Teixeira; S. A. Lemos (Orgs). **Ciências da Linguagem**: trinta anos de investigação e ensino. Braga: CEHUM (U. do Minho), 131-145, 2005.
- KATO, M. **O aprendizado da leitura**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KATO, M. **Teoria sintática**: de uma perspectiva de "-ismos" para uma perspectiva de "programas". In: DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 1997.
- KENEDY, E. & LIMA, R. **Linguística II**. Fundação CECIERJ, Rio de Janeiro, 2013.
- KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- KLIMA, E. S. & U. BELLUGI. **The Signs of Language**. Cambridge: Harward University Press, 1979.
- LAVRAS, Ediléia. **A QUESTÃO DA CATEGORIZAÇÃO MORFOLÓGICA PARA NOME E VERBO EM LIBRAS**. (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2019.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. **Libras escrita**: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL (Libras articulatory components and SEL writing). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 103-122, 2019. ISSN: 1982-0534. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v17i2.5338>. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5338>. acesso em: 05 out. 2019.

LESSA-DE-OLIVEIRA. **Estrita SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais**. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil. Disponível em: <http://sel-libras.blogspot.com.br/>. acesso a partir de: 02 de abril de 2019.

LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E. “**American Sign Language: The Phonological Base**” *Sign Language Studies* 64, pp. 197–277, 1989. LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. (2014). Espaços integrados e corpos partidos: vozes e perspectivas narrativas em línguas sinalizadas. **Scripta**, 18(34), 121-140. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2014v18n34p121>.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas**, v. 1, p.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In:

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth

MÜLLER, C.. Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRINCKE, E.; LADEWIG, S. H.; MICNEILL, D.; TEBENDORF, S. (Eds.) **Body – Language – Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2013. v. 1. p. 202-217. Disponível: <https://www.degruyter.com/viewbooktoc/product/38327>. acesso em: 22 jul. de 2019.

MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (orgs.). **Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras**. Volumes 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

PARRILL, F. **Dual viewpoint gestures**. *Gesture*, 2009. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/233592828_Dual_viewpoint_gestures. acesso em: 18 de set. 2019.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PRADO, Lizandra C. **Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição**. 2014. 164fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

PIZZIO, Aline. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. Florianópolis, UFSC: Tese de doutorado, 2011.

QUADROS, R. M. de; FINGER, Ingrid. **Teorias de aquisição linguagem**. Florianópolis: UFSC, 2013.

QUADROS, R. M., STUMPF, M. R. (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

QUADROS, R.; STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M (Orgs). **Coleção Letras Libras**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificaf/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf. acesso: 02 de julho de 2019.

QUADROS, Ronice. LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS: teorias e práticas. In: Faria, Evagelina; ASSIS, MARIA Cristina (Orgs). **CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS VIRTUAL**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. Disponível: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/lingua_portuguesa_e_libras__teorias_e_praticas_v_1354198884.pdf acesso em: 14 de set. de 2019.

QUADROS, Ronice; CRUZ, Carina. **Língua de sinais** - instrumentos de avaliação. Porto Alegre: ARTMED, 2011.

QUINTO-POZOS, D. Can constructed action be considered obligatory? **Lingua**. Amsterdam, v.117, p.1285-1314, julho 2007.

QUINTO-POZOS; PARRILL, Fey. Signers and Co-speech Gesturers Adopt Similar Strategies for Portraying Viewpoint in Narratives. In: **Topics in Cognitive Science**. , Inc. All rights reserved. ISSN:1756-8757 print / 1756-8765 online DOI: 10.1111/tops.12120, 2015.

QUADROS, R.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. Língua brasileira de sinais I. In:

PEREIRA, A. T. C.; STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M (Orgs). **Coleção Letras Libras**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificaf/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf.

RAPOSO, E.P. **Teoria da Gramática**. A Faculdade da Linguagem. Editorial Caminho: Lisboa, 1992.

RODERO-TAKAHIRA, A. **Compostos na língua de sinais brasileira**. 2015. 161 f. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística, Universidade de São Paulo, 2015.

SANDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2001, p.181-206.

SANTANA, A. P. et al. O ESTATUTO SIMBÓLICO DOS GESTOS NO CONTEXTO DA SURDEZ. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 297-306, abr./jun. 2008. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a12v13n2>. acesso em: 14 de set. de 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SILVA, Ione Barbosa de Oliveira. **A CATEGORIA DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**. **Dissertação** (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2015.

SKINNER, B.F. Comportamento verbal. In: **Uma análise São Paulo do comportamento verbal**. Tradução de Maria Villalobos. Cap.1. São Paulo: Cultrix, 1978.

STOKOE, William C. **Semiotics and human sign languages**. Belgium: Nici Printers, 1972.

STOKOE, William. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. Silver Spring, Md: Linstok Press, 1976.

STOKOE, William. Sign Language Structure: an outline of the visual communication System of the American Deaf. **Studies in Linguistics**, Buffalo 14, New York, v. 1, n. 8, p.3-78, abr. 1960.

TAUB, S.F. Iconicity in American Sign Language: **Concrete and metaphorical application**. Spatial Cognition and Computation, v.2,p.31-50, 2000.

TAUB, Sarah F. **Language from the body: iconicity and metaphor in american sign language**. New York: Cambridge University Press, 2001.

VELOSO, Brenda. **Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de sinais brasileira**. 172f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VITRAL, L. **Princípios e Parâmetros: Pressupostos Filosóficos da Gramática Gerativa**. UFMG, Belo Horizonte, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICES

Teste de recorrência das ações construídas – com vídeo curto contendo ações, sem fala, que estimulam os sujeitos-informantes, ao assistirem, a reproduzirem-nas, utilizando sinais e/ou classificadores e/ou *ações construídas*. A finalidade desse teste foi verificar a recorrência e produtividade dessas estruturas nos dados dos três diferentes grupos os surdos em aquisição na infância e tardia e ouvintes bilíngues, sendo estes os informantes para este teste. As reproduções dos sujeitos foram gravadas em vídeo.

INF.S1 GESTOS

INFORMES								
Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecadores	Metadados	Controles	
▼	Gestos						▼	
>	N	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
▼	1 DCR					00:00:04.210	00:00:04.460	00:00:00.250

INF.S2 GESTOS

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecadores	Metadados	Controles	
▼	Gestos							
>	N	Anotação				Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	DOR				00:00:06.325	00:00:06.835	00:00:00.510
	2	BATER PALMAS				00:00:46.315	00:00:47.115	00:00:00.800
	3	BATER PALMAS				00:00:49.640	00:00:50.410	00:00:00.770
	4	PALMAS				00:00:50.480	00:00:51.550	00:00:01.060

INF.S3 GESTOS

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecadores	Metadados	Controles	
▼	Gestos							
> N.	Anotação					Tempo Inicial	Tempo Final	Duraç
1	GRITAR					00:00:05.015	00:00:06.325	00:00:00
2	BATER PALMAS BATER PALMAS					00:00:37.562	00:00:38.462	00:00:01
3	BATER PALMAS					00:00:40.087	00:00:41.357	00:00:01
4	MIMICA					00:00:49.590	00:00:51.320	00:00:01
5	CHUTAR A BUNDA DE ALGUÉM					00:00:51.000	00:00:54.380	00:00:02
6	MIMICA REPRESENTAÇÃO SEGURAR ALGO					00:00:58.845	00:01:01.745	00:00:01
7	MIM. JOGAR ALGO					00:01:02.930	00:01:04.450	00:00:01
8	VERIFICAR PULSO					00:01:09.790	00:01:11.490	00:00:01
9	GESTO: TCHAU					00:01:12.450	00:01:13.420	00:00:00
10	MIMICA: ESCUTAR ALGO COLOCAR NO OUVIDO					00:01:14.915	00:01:19.265	00:00:04
11	GESTOS PALMAS					00:01:22.392	00:01:23.312	00:00:00
12	BATER NO DORSO DA MÃO					00:01:23.462	00:01:24.762	00:00:01
13	OLHAR					00:01:25.542	00:01:27.802	00:00:02

Inf.OB4 GESTOS

Grade	Texto	Legenda	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ Gestos					
> N.	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1			00:00:38.618	00:00:38.688	00:00:00.07
2			00:00:38.688	00:00:41.741	00:00:03.05
3	lavar as mãos		00:00:41.741	00:00:42.618	00:00:00.87
4	bater palmas		00:00:45.741	00:00:48.618	00:00:02.87
5	gesto de preocupação		00:00:53.346	00:00:54.260	00:00:00.91
6	gestos gritar pessoa		00:00:59.781	00:01:05.090	00:00:05.30
7	gestos de chamar		00:01:08.254	00:01:10.061	00:00:01.80
8	bater palmas		00:01:26.530	00:01:29.073	00:00:02.54

Inf.OB5 GESTOS

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ Gestos							
> N.	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração		
1	GRITAR		00:00:21.120	00:00:21.940	00:00:00.820		
2	Bater palmas		00:00:43.985	00:00:44.835	00:00:00.850		
3	BATER PALMAS		00:00:52.125	00:00:52.725	00:00:00.600		
4	EMPURRAR		00:00:52.815	00:00:53.535	00:00:00.720		
5	EMPURRAR		00:00:55.010	00:00:55.610	00:00:00.600		
6	GESTO SUSTO		00:00:58.995	00:01:00.045	00:00:01.050		

Inf.OB6 GESTOS

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ Gestos							
> N.	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração		
1	ESCUTAR		00:00:58.185	00:01:00.045	00:00:01.860		

INF.S1 AÇÕES CONSTRUÍDAS

	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	00:00:00.900	00:00:01.390	00:00:00.490
	00:00:01.810	00:00:03.360	00:00:01.550
TO CORP...	00:00:04.230	00:00:04.480	00:00:00.250
E PACIENTE	00:00:13.850	00:00:15.550	00:00:01.700
LA SABER...	00:00:15.910	00:00:17.140	00:00:01.230
	00:00:17.300	00:00:18.410	00:00:01.110
	00:00:21.330	00:00:22.740	00:00:01.410
	00:00:27.735	00:00:28.805	00:00:01.160

INF.S2 AÇÕES CONSTRUÍDAS

Ordem	Título	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼	AÇÕES CONSTRUÍDAS						
Id	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
1	AC PERFORMANCE MULHER COM CHAPÉU			00:00:00.530	00:00:01.480	00:00:00.950	
2	PERFORMANCE MULHER ANDAR			00:00:01.740	00:00:02.940	00:00:01.200	
3	AC PERFORMANCE HOMEM SENTIR DOR			00:00:06.560	00:00:06.440	00:00:00.880	
4	AC PERFORMANCE DE DOR			00:00:10.080	00:00:10.790	00:00:00.710	
5	AC PERFORMANCE PEGAR OBJETO			00:00:11.465	00:00:12.195	00:00:00.730	
6	AC PERFORMANCE PACIENTE SENTIR DOR			00:00:13.240	00:00:14.720	00:00:01.480	
7	AC PERFORMANCE CORPORAL DE DO PACIENTE			00:00:14.730	00:00:16.980	00:00:02.250	
8	AC PERFORMANCE DE DESMAIO			00:00:17.945	00:00:19.315	00:00:01.370	
9	PERFORMANCE COM MASCARA NO ROSTO DESMAIO			00:00:18.480	00:00:20.980	00:00:01.500	
10	AC PERFORMANCE DO PACIENTE			00:00:21.000	00:00:22.780	00:00:01.780	
11	AC PEGAR OBJETO			00:00:23.120	00:00:23.670	00:00:00.550	
12	AC PERFORMANCE MULHER COLOCAR CHAPÉU			00:00:26.590	00:00:28.890	00:00:02.300	
13	AC PERFORMANCE MULHER ANDAR			00:00:30.545	00:00:32.015	00:00:01.470	
14	AC PERFORMANCE MEDICO CUIDAR PACIENTE			00:00:35.730	00:00:38.290	00:00:02.560	
15	AC PERFORMANCE DO MEDICO COLOCAR MASCARA NO RO			00:00:36.860	00:00:44.765	00:00:07.905	
16	AC JOGAR OBJETO			00:00:44.750	00:00:46.505	00:00:01.755	
17	AC PERFORMANCE PACIENTE DESMAIADO			00:00:47.185	00:00:48.545	00:00:01.360	
18	AC PERFORMANCE MEDICO OLHAR PRESSÃO DO PACIENTE			00:00:52.115	00:00:55.425	00:00:03.310	
19	AC CHARLIN PERFORMANCE VERIFICAR PRESSÃO DO PACI			00:01:04.915	00:01:05.960	00:00:01.045	
20	AC PERFORMANCE PARA VERIFICAR SE O PERSONAGEM F			00:01:13.185	00:01:20.785	00:00:07.600	

INF.S3 AÇÕES CONSTRUÍDAS

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecadores	Metadados	Controles
▼ AÇÕES CONSTRUÍDAS ▼							
N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
1	AC: PESSOA	ANDANDO	DEIXANDO ALGUMA COISA	E COLOCANDO	00:00:00.060	00:00:06.780	00:00:06.720
2	AC: PERFORMANCE	DOR DE DENTE			00:00:05.850	00:00:07.200	00:00:01.350
3	AC: PERFORMANCE	PESSOA SENTINDO DOR			00:00:10.865	00:00:11.885	00:00:01.020
4	AC: PESSOA	PASSANDO MAL			00:00:12.260	00:00:13.740	00:00:01.510
5	AC: PERFORMANCE	DE MANUSEAR OBJETO			00:00:15.940	00:00:18.770	00:00:02.830
6	AC: PERFORMANCE	DE MANUSEIO			00:00:20.380	00:00:22.830	00:00:02.450
7	AC: PERFORMANCE	ANDAR REBOLANDO	COLOCANDO ALGO NO CABELO		00:00:25.300	00:00:27.720	00:00:02.420
8	OBSERVAR	ALGO			00:00:27.810	00:00:28.315	00:00:00.505
9	OBSERVAR	ALGO			00:00:28.315	00:00:28.820	00:00:00.505
10	ANDAR	REBOLANDO E SORRINDO			00:00:28.927	00:00:30.097	00:00:01.170
11	PERFORMANCE	SORRIR E CAMINHAR			00:00:30.767	00:00:32.857	00:00:02.090
12	PESSOA	VERIFICAR PULSO DE DOENTE			00:00:32.942	00:00:34.652	00:00:01.710
13	AC: PERFORMANCE	PESSOA GRITAR			00:00:41.422	00:00:43.752	00:00:02.330
14	IC: PERFORMANCE	PESSOA GRITAR			00:00:43.887	00:00:45.857	00:00:01.970

INF.OB4 AÇÕES CONSTRUÍDAS

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecadores	Metadados	Controles
▼ AÇÕES CONSTRUÍDAS ▼							
N.	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
1	pegar objeto comprido				00:00:17.700	00:00:19.280	00:00:01.580
2	performance colocar objeto				00:00:19.320	00:00:20.900	00:00:01.580
3	colocar objeto no rosto performance				00:00:20.910	00:00:22.490	00:00:01.580
4	performance pessoa respirar	ligar fonte T=5inets, E=22500, E=24000			00:00:22.500	00:00:24.060	00:00:01.560
5	ação construída percepção de como a pessoa está				00:00:42.741	00:00:44.618	00:00:01.877
6	verificar o pulso do paciente				00:00:44.741	00:00:48.618	00:00:03.877
7	ação construída no espaço				00:00:53.334	00:00:55.618	00:00:02.284
8	ação construída				00:00:57.761	00:00:59.634	00:00:01.863
9	ação construída performance da pessoa esperar em pé balanceando o corpo				00:00:58.834	00:01:04.066	00:00:05.232
10	performance de outro personagem manobra como fica em pé				00:01:05.255	00:01:07.781	00:00:02.526
11	ação construída performance da pessoa seindo				00:01:10.146	00:01:12.961	00:00:02.815
12	ação construída para verificar a pressão -verifica o pulso como pé				00:01:20.030	00:01:29.073	00:00:09.043
13	ação construída performance de outro personagem				00:01:29.263	00:01:35.275	00:00:06.012

INF.OB5 AÇÕES CONSTRUÍDAS

	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	00:00:09.805	00:00:11.315	00:00:01.510
	00:00:13.650	00:00:14.810	00:00:01.160
	00:00:15.940	00:00:17.240	00:00:01.300
	00:00:18.079	00:00:19.119	00:00:01.040
DEBATENDO DE DOR	00:00:21.120	00:00:21.940	00:00:00.820
	00:00:25.850	00:00:27.890	00:00:02.040
PACIENTE	00:00:27.940	00:00:30.550	00:00:02.610

INF.OB6 AÇÕES CONSTRUÍDAS

AÇÕES CONSTRUÍDAS				
N	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1	AC PERFORMANCE MULHER	00:00:26.034	00:00:26.754	00:00:00.720
2	AC . ESCUTAR PERFORMANCE	00:01:18.163	00:01:20.023	00:00:01.860
3	PERFORMANCE ESCUTAR	00:01:22.165	00:01:23.795	00:00:01.630

INF.S1 CLASSIFICADORES

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecadores	Mediados	Controles
▼	Classificadores						▼
> N	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
1	CL PEGAR OBJETO			00:00:12.800	00:00:13.940	00:00:01.140	
2	CL DE PESSOA			00:00:37.680	00:00:39.100	00:00:01.410	
3	CL PORTA			00:00:41.220	00:00:41.960	00:00:00.740	
4	CL HOMEM SAIR			00:00:51.560	00:00:52.680	00:00:01.120	

INF.S2 CLASSIFICADORES

Grade	Texto	Legenda	Lexicon		
▼	Classificadores				
>	N	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	CL PESSOA PASSAR UM PELO OUTRO	00:00:03.300	00:00:04.410	00:00:01.110
	2	CL ABRIR PORTA	00:00:04.480	00:00:05.060	00:00:00.580
	3	CL PESSOA ANDAR	00:00:06.780	00:00:07.510	00:00:00.730
	4	CL HOMEM ANDAR	00:00:08.020	00:00:09.040	00:00:01.020
	5	CL DE PESSOA	00:00:17.345	00:00:19.315	00:00:01.970
	6	CL PESSOA DESCER ESCADA	00:00:29.850	00:00:30.380	00:00:00.530
	7	CL DE PESSOA ANDAR	00:00:32.680	00:00:33.630	00:00:00.950
	8		00:00:33.745	00:00:33.760	00:00:00.015
	9	CL PESSOAS MUDAR LUGAR	00:00:33.760	00:00:35.000	00:00:01.240
	10	CL PESSOA DEITADA	00:00:48.315	00:00:49.325	00:00:01.010
	11	CL DE PESSOAS EM SEM CIRCULO	00:00:57.920	00:00:59.700	00:00:01.780
	12	CL DE PORTA ABRIR	00:01:02.080	00:01:03.850	00:00:01.770
	13	CL PESSOA DEITADA	00:01:05.425	00:01:06.375	00:00:00.950
	14	AC: PERFMANCE VERIFICAR PULSO PACIENTE	00:01:08.605	00:01:09.225	00:00:00.620
	15	CL DE PORTA E CL PESSOA CAMINHARSAIR	00:01:10.605	00:01:12.105	00:00:01.500
	16	CL PORTA FECHAR	00:01:12.225	00:01:12.995	00:00:00.770

INF.S3 CLASSIFICADORES

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecadores	Mediados	Controles
▼	Classificadores						▼
> N	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
1	CL DE INSTRUMENTO CILINDRO			00:00:14.010	00:00:15.710	00:00:01.700	
2	CL CLABIR PORTA			00:00:22.890	00:00:23.640	00:00:00.750	
3	CL ABRIR PORTA			00:00:56.485	00:00:57.535	00:00:01.050	
4	CL ABRIR PORTA			00:01:06.900	00:01:07.900	00:00:01.000	
5	CL ABRIR PORTAS			00:01:10.660	00:01:14.770	00:00:04.110	

INF.OB4 CLASSIFICADORES

Comments		Reconhecedores		Metadados		Controles		
Grade		Texto		Legenda		Lexicon		
▼		Classificadores						▼
v	N.	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração		
	1	classificador andar pessoa		00:00:14.230	00:00:14.370	00:00:00.140		
	2	Classificador para porta abrir		00:00:58.834	00:01:04.056	00:00:05.222		

INF.OB5 CLASSIFICADORES

				▼
	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
	00:00:06.220	00:00:08.600	00:00:02.380	
	00:00:08.650	00:00:09.460	00:00:00.810	
	00:00:18.829	00:00:19.989	00:00:01.160	
	00:00:24.575	00:00:25.545	00:00:00.970	
	00:00:31.915	00:00:32.505	00:00:00.590	
	00:00:34.340	00:00:35.670	00:00:01.330	
	00:00:35.735	00:00:36.195	00:00:00.460	
	00:00:37.845	00:00:38.685	00:00:00.840	
	00:00:42.010	00:00:42.630	00:00:00.620	

INF.OB6 CLASSIFICADORES

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
▼ Classificadores ▼							
>	N.	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
	1	CL: DESCE ESCADA		00:00:27.744	00:00:31.100	00:00:03.356	
	2	CL: PESSOA OLHAR		00:00:44.590	00:00:45.870	00:00:01.280	
	3	CL: PARA CONVERSA		00:00:53.603	00:01:00.103	00:00:06.500	
	4	CL: PARA PORTA		00:01:09.108	00:01:09.988	00:00:00.880	
	5	CL: PESSOA ANDAR		00:01:19.428	00:01:12.000	00:00:07.428	

INF.S1 SINAIS

Comments		Reconhecedores	Metadados	Controles	
Grade		Texto	Legenda		Lexicon
Sinais					
N	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1	SINAL MULHER	TEL	00:00:00.000	00:00:02.740	00:00:02.740
2	SINAL CHEGAR		00:00:03.160	00:00:04.020	00:00:00.860
3	SINAL DE DOR		00:00:06.470	00:00:07.430	00:00:01.060
4	SINAL SENTAR		00:00:09.770	00:00:10.740	00:00:00.970
5	SINAL ESPERAR	ORGANIZ	00:00:10.860	00:00:12.730	00:00:01.870
6	SINAL ORGANIZAR		00:00:19.270	00:00:20.390	00:00:01.120
7	SINAL SAIR MULHER		00:00:20.830	00:00:21.850	00:00:01.020
8	SINAL TOI		00:00:23.670	00:00:23.390	00:00:00.280
9	SINAL ACABAR	VOLTAR	00:00:26.400	00:00:26.870	00:00:00.470
10	SINAL CORRER		00:00:28.620	00:00:30.670	00:00:02.050
11	SINAL NÃO CONSEGUIR		00:00:33.670	00:00:36.210	00:00:02.540
12	SINAL HOMEM		00:00:36.070	00:00:37.410	00:00:01.340
13	SINAL HOMEM VINDO		00:00:38.030	00:00:39.390	00:00:01.360
14	SINAL ESPERAR		00:00:39.760	00:00:40.780	00:00:01.020
15	SINAL ESPERAR		00:00:42.060	00:00:43.660	00:00:01.600
16	SINAL FALTAR PESSOA		00:00:44.430	00:00:45.020	00:00:00.590
17	SINAL CORRER		00:00:46.640	00:00:47.260	00:00:00.620
18	NÃO CONSEGUIR		00:00:49.680	00:00:51.060	00:00:01.380
19	SINAL HOMEM		00:00:57.660	00:00:58.680	00:00:01.020
20	SINAL MEDICO		00:00:58.680	00:00:59.630	00:00:00.950
21	SINAL NÃO CONSEGUIR		00:00:59.400	00:00:58.210	00:00:01.190
22	SINAL MOVIMENTO		00:00:00.770	00:01:01.640	00:00:00.870
23	SINAL FIM	ACABOU	00:01:02.680	00:01:03.970	00:00:01.290

144

INF.S2 SINAIS

Comentários		Reconhecedores	Metadados	Controles	
Grade		Texto	Legenda		Lexicon
▼ Classificadores ▼					
N	Ti	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1		CL: PESSOA PASSAR UM PELO O.	00:00:03.300	00:00:04.410	00:00:01.110
2		CL: ABRIR PORTA	00:00:04.480	00:00:05.060	00:00:00.580
3		CL: PESSOA ANDAR	00:00:06.780	00:00:07.510	00:00:00.730
4		CL: HOMEM ANDAR	00:00:08.020	00:00:08.040	00:00:00.020
5		CL: DE PESSOA	00:00:17.345	00:00:19.315	00:00:01.970
6		CL: PESSOA DESCE ESCADA	00:00:22.850	00:00:30.380	00:00:07.530
7		CL: DE PESSOA ANDAR	00:00:32.680	00:00:33.630	00:00:00.950
8			00:00:33.740	00:00:33.760	00:00:00.020
9		CL: PESSOAS MUDAR LUGAR	00:00:33.680	00:00:35.000	00:00:01.320
10		CL: PESSOA DEITADA	00:00:48.315	00:00:49.325	00:00:01.010
11		CL: DE PESSOAS EM SEMICIRCULO	00:00:57.920	00:00:59.700	00:00:01.780
12		CL: DE PORTA ABRIR	00:01:02.080	00:01:03.850	00:00:01.770
13		CL: PESSOA DEITADA	00:01:05.425	00:01:06.375	00:00:00.950
14		AC: PERFORMANCE VERIFICAR PUL	00:01:08.605	00:01:09.225	00:00:00.620
15		CL: PORTA E P. CAMINHAR SAIR	00:01:10.805	00:01:12.105	00:00:01.300
16		CL: PORTA FECHAR	00:01:12.225	00:01:12.995	00:00:00.770

INF.S3 SINAIS

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
Sinais							
N	Anotação			Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
1	SINAL: DOR			00:00:08.010	00:00:08.280	00:00:00.270	
2	SINAL: PARAR			00:00:08.675	00:00:09.395	00:00:00.720	
3	SINAL: SENTAR			00:00:09.605	00:00:10.415	00:00:00.810	
4	SINAL: COMO?			00:00:49.077	00:00:49.807	00:00:00.730	
5	SINAL: IR EMBORA			00:01:12.660	00:01:14.080	00:00:01.420	
6	SINAL: ACABOU			00:01:26.932	00:01:28.052	00:00:01.120	

INF.OB4 SINAIS

Comments		Reconhecedores	Metadados	Controles		
Grade		Texto		Legenda		Lexicon
▼	Sinais					
N	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	
1			00:00:00.320	00:00:06.212	00:00:06.892	
2			00:00:06.212	00:00:07.544	00:00:01.332	
3	homem esperar dor		00:00:07.544	00:00:10.269	00:00:02.725	
4			00:00:10.269	00:00:11.479	00:00:01.210	
5			00:00:11.479	00:00:11.770	00:00:00.297	
6			00:00:13.927	00:00:13.377	00:00:00.440	
7	seitas		00:00:14.290	00:00:14.720	00:00:00.430	
8	homem dor		00:00:15.765	00:00:16.025	00:00:00.260	
9	local sala		00:00:27.010	00:00:27.190	00:00:00.180	
10			00:00:27.190	00:00:29.610	00:00:02.420	
11	pessoa esperar		00:00:29.610	00:00:29.980	00:00:00.370	
12	mulher esperar		00:00:30.500	00:00:33.800	00:00:03.300	
13	Mulher visualizar		00:00:35.207	00:00:36.450	00:00:01.243	
14	homem sentar		00:00:37.332	00:00:38.727	00:00:01.395	
15	sinal de preocupação, sinal de como		00:00:53.334	00:00:56.618	00:00:03.284	
16	sinal de outra sala homem brincar		00:00:56.812	00:00:57.781	00:00:00.969	
17	homem brincar		00:00:57.781	00:00:58.634	00:00:00.853	
18	sinal esperar		00:00:58.834	00:01:04.056	00:00:05.222	
19	sinal de nada		00:01:20.530	00:01:29.073	00:00:08.543	
20	sinal cadeira sinal nada		00:01:29.263	00:01:35.275	00:00:06.012	

INF.OB5 SINAIS

Comments		Reconhecedores	Metadados	Controles		
Grade		Texto		Legenda		Lexicon
▼ Sinais						
>	N.	Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
	1	SINAL HOMEM		00:00:06.220	00:00:08.600	00:00:02.380
	2	ORGANIZAR CHAPEU		00:00:10.590	00:00:12.770	00:00:02.240
	3	SINAL DE HOMEM AVISAR DOR DENTE		00:00:13.110	00:00:14.150	00:00:01.040
	4	SINAL ANGUSTIADO		00:00:15.180	00:00:16.160	00:00:00.980
	5	SINAL HOMEM		00:00:17.180	00:00:17.820	00:00:00.640
	6	SINAL ESPERAR		00:00:17.900	00:00:18.460	00:00:00.560
	7	SINAL SENTAR		00:00:20.345	00:00:21.275	00:00:00.930
	8	SINAL DOR		00:00:22.385	00:00:23.565	00:00:01.180
	9	HOMEM ESPERAR		00:00:23.585	00:00:24.480	00:00:00.895
	10	SINAL ESPERAR		00:00:30.680	00:00:30.950	00:00:00.270
	11	SINAL MULHER		00:00:31.285	00:00:31.925	00:00:00.640
	12	SINAL HOMEM SINAL VOLTAR NOVAMENTE		00:00:39.065	00:00:40.775	00:00:01.710
	13	HOMEM		00:00:40.950	00:00:42.010	00:00:01.060
	14	HOMEM MÉDICO		00:00:42.855	00:00:44.015	00:00:01.160
	15	SINAL OBSERVAR		00:00:44.455	00:00:46.645	00:00:02.190
	16	VIDA VA CONSEGUIR MUDAR		00:00:47.090	00:00:49.330	00:00:02.240
	17	HOMEM PACIENTE		00:00:49.430	00:00:50.230	00:00:00.800
	18	HOMEM MÉDICO		00:00:51.320	00:00:52.170	00:00:00.850
	19	SINAL COMO		00:00:59.340	00:00:59.980	00:00:00.640
	20	HOMEM PERSONAGEM		00:01:00.210	00:01:01.420	00:00:01.210
	21	SINAL BRINCAR BRIGAR BATER		00:01:01.440	00:01:03.330	00:00:01.890
	22	CONSEGUIR CHAMAR HOMEM		00:01:04.015	00:01:07.235	00:00:03.220
	23	ABRIR PORTA		00:01:08.260	00:01:09.050	00:00:00.790
	24	HOMEM MÉDICO GRITAR CHAMAR		00:01:10.055	00:01:12.045	00:00:01.990
	25	HOMEM PERSONAGEM		00:01:12.615	00:01:13.495	00:00:00.880
	26	HOMEM ENTRAR SALA		00:01:13.645	00:01:14.315	00:00:00.670
	27	HOMEM OUTRO		00:01:15.315	00:01:16.175	00:00:00.860
	28	HOMEM MÉDICO SAIR		00:01:21.890	00:01:22.730	00:00:00.840
	29	ESPERAR		00:01:22.730	00:01:23.100	00:00:00.370
	30	SINAL HOMEM PACIENTE		00:01:23.385	00:01:24.305	00:00:00.920
	31	SINAL PE		00:01:26.790	00:01:28.680	00:00:01.870
	32	ESTRANHOS		00:01:29.605	00:01:29.975	00:00:00.370
	33	SINAL HOMEM		00:01:30.560	00:01:30.690	00:00:00.130
	34	SINAL O QUE?		00:01:30.920	00:01:31.740	00:00:00.820
	35	ACABOU		00:01:32.225	00:01:32.915	00:00:00.690

INF.OB6 SINAIS

Sinais				
N	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1	SINAL HOMEM DENTISTA	00:00:00.470	00:00:01.200	00:00:00.730
2	PESSOA ESPERAR	00:00:02.630	00:00:04.230	00:00:01.400
3	DENTISTA	00:00:06.090	00:00:06.850	00:00:00.760
4	PERGUNTAR	00:00:07.400	00:00:08.320	00:00:00.920
5	ESPERAR AJUDA QUAL SUA DOR?	00:00:08.400	00:00:10.700	00:00:02.300
6	ESPERAR AJUDAR	00:00:12.810	00:00:14.440	00:00:01.630
7	DENTISTA	00:00:15.935	00:00:17.065	00:00:01.130
8	ORGANIZAR	00:00:17.315	00:00:17.945	00:00:00.630
9	AJUDA	00:00:18.450	00:00:19.630	00:00:01.180
10	HOMEM HOMEM HOMEM HOMEM HOMEM	00:00:20.080	00:00:22.999	00:00:02.919
11	DENTISTA	00:00:23.339	00:00:24.299	00:00:00.960
12	MULHER SAIR	00:00:25.399	00:00:27.649	00:00:02.250
13	DENTISTA AJUDAR	00:00:31.819	00:00:32.899	00:00:01.080
14	HOMEM	00:00:36.729	00:00:38.888	00:00:02.159
15	VERIFICAR	00:00:39.404	00:00:40.194	00:00:00.790
16	FEBRE	00:00:40.978	00:00:41.708	00:00:00.730
17	DOENÇA	00:00:41.708	00:00:42.188	00:00:00.480
18	DENTISTA	00:00:48.850	00:00:50.210	00:00:01.360
19	PREOCUPADO	00:00:50.320	00:00:51.360	00:00:01.040
20	HOMEM SAIR	00:00:52.600	00:00:53.830	00:00:01.230
21	BLINDA	00:00:54.873	00:00:56.403	00:00:01.530
22	OUTAR	00:00:57.158	00:00:58.098	00:00:00.940
23	ACONTER O QUE?	00:00:59.708	00:01:00.618	00:00:00.910
24	DENTISTA	00:01:02.573	00:01:03.673	00:00:01.100
25	GRITAR GRITAR	00:01:05.483	00:01:06.663	00:00:01.180
26	SINAL ESPERAR	00:01:08.183	00:01:09.093	00:00:00.910
27	DENTISTA SAIR	00:01:14.660	00:01:15.993	00:00:01.330
28	HOMEM PERSONAGEM	00:01:16.783	00:01:18.003	00:00:01.220
29	CORPO	00:01:20.373	00:01:21.493	00:00:01.120
30	PESSOA LADO DE FORA PREOCUPADA PORQUE ESCUTAR BARULHO	00:01:24.843	00:01:26.000	00:00:01.157

ANEXO 1

Caracteres e regras do sistema SEL

A SEL representa os traços do macrossegmento Mão através de 52 caracteres de configuração da mão (ver quadro 3 a seguir), sobre os quais recaem um diacrítico que marca de forma amalgamada os traços eixo e orientação de palma, havendo também a forma invertida do eixo (ver quadro 4). A configuração da esquerda (mão de base) fica invertida em relação à configuração da mão direita (mão principal). A autora explica que para os destros a leitura é espelhada, para os canhotos não.

Quadro 3: Caracteres de configuração de mão

Configurações de mão			minúsculas	maiúsculas	Configurações de mão			minúsculas	maiúsculas
1	a				27	ípsilon			
2	bê				28	zê			
3	bê-espraiado				29	cinco			
4	cê				30	seis			
5	cê-espraiado				31	concha			
6	cê-encolhido				32	concha encolhida			
7	dê				33	mão espalmada			
8	dê-encolhido				34	ele-espalmado			
9	e				35	mão espraiada			
10	efe				36	argola			
11	gequê				37	argola espraiada			
12	agakapê				38	argola média			
13	ijota				39	legal			
14	ijota estendido				40	garra			
15	ele				41	garra encolhida			
16	eme				42	gancho			
17	uene				43	pinça			
18	uele				44	pinça dupla			
19	u				45	pinça espraiada			
20	erre				46	grampo			
21	esse				47	figa			
22	tê				48	pêra			
23	vê				49	namoro			
24	vê-ele				50	chifre			
25	dáblío				51	love			
26	xis				52	desabrochar			

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quadro 4: Caracteres de configuração de mão

Eixo Superior:			
para frente	para trás	para dentro	para fora
para frente invertido	para trás invertido	para dentro invertido	para fora invertido

Eixo Anterior:			
para cima 	para baixo 	para dentro 	para fora
para cima invertido 	para baixo invertido 	para dentro invertido 	para fora invertido
Eixo Medial/Lateral:			
para cima 	para baixo 	para trás 	para frente
para cima invertido 	para baixo invertido 	para trás invertido 	para frente invertido

Fonte: Adaptado de Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quando houver mudança de *eixo/orientação de palma* durante o movimento, causando problema de processamento, diacríticos de *eixo/orientação de palma* são colocados também sobre os caracteres de movimento, marcando essa alteração, como nos exemplo a seguir. Isto ocorrerá apenas quando tal procedimento for indispensável à compreensão.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quando o sinal é realizado com as duas mãos, o posicionamento das mãos é representado pelo sistema SEL de duas formas: através do uso de diacríticos colocados entre os caracteres das duas mãos, marcando como uma mão se posiciona em conjunto com a outra (ver quadro 5); ou através de um diacrítico de ponto de toque colocado sob os caracteres de configuração de mão, mancado o ponto de a mão é tocada pela outra mão ou pela aproximação a uma parte do corpo (ver quadro 6).

Quadro 5: Diacríticos de posicionamento das mãos

Mãos em paralelo



Mãos alinhadas

Lado do dedo polegar ou mínimo com lado do dedo polegar ou mínimo: 



Pontas dos dedos ou pulso com pontas dos dedos ou pulso: 



Mãos em diagonal

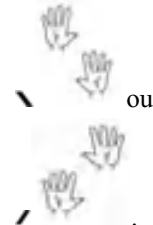
No plano transversal: 



No plano sagital: 



No plano frontal: 

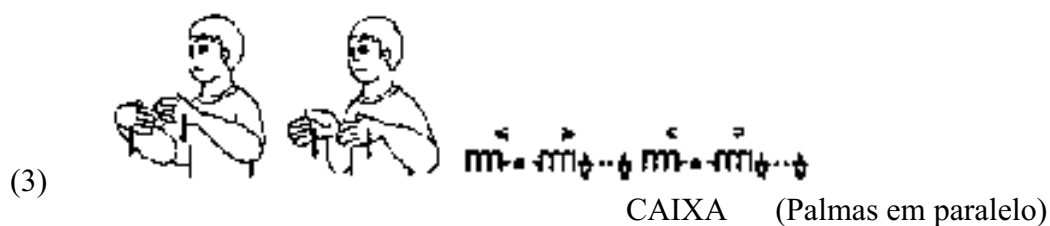


Mãos cruzada

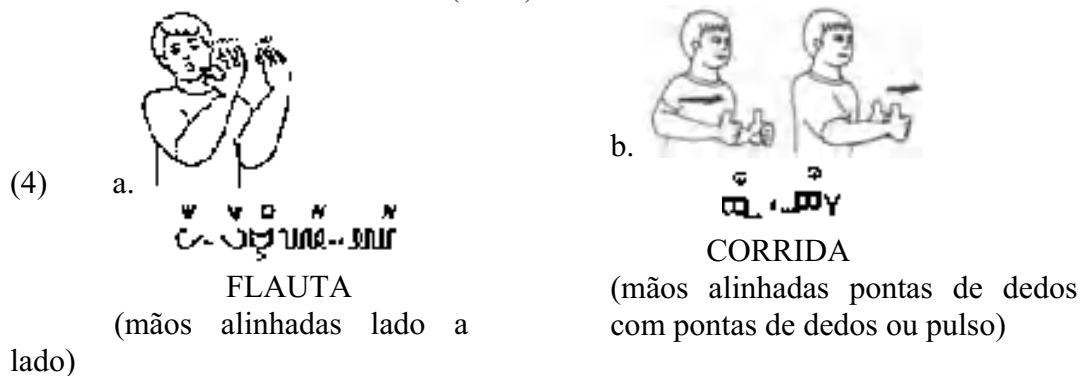


Fonte: Adaptado de Lessa-de-Oliveira (2019a)

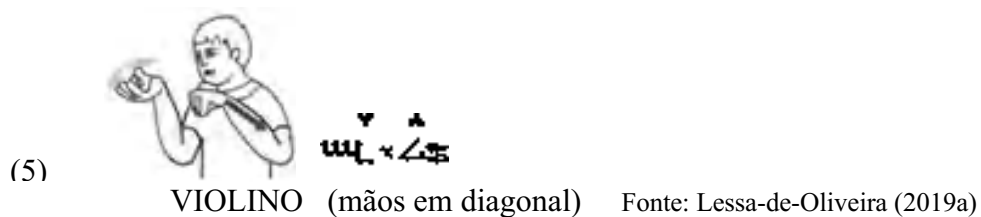
Seguem alguns exemplos desses posicionamentos da mão na execução do sinal, lembrando que pela regra da escrita SEL, esses diacríticos representam o posicionamento da mão no início da execução do sinal, com o movimento, essa posição pode vir a mudar.



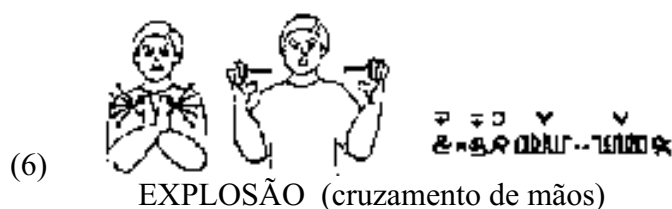
Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Os diacríticos pontos de toque, no quadro 6 abaixo, podem aparecer sob os caracteres de configuração de mão, de dedos e de partes do corpo (Locação).

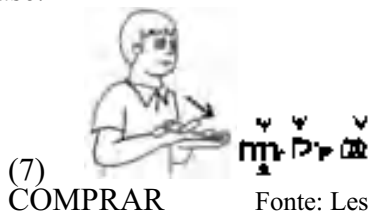
Quadro 6: Diacríticos de pontos de toque

Palma da mão ou dedo ou lado da frente da parte do corpo	Dorso da mão ou dedo ou lado detrás da parte do corpo	Pontas dos dedos	Lado do dedo polegar	Lado do dedo mínimo	Entre os dedos
±	⊥	•	α	↵	γ
Em volta dos dedos	Parte inferior da mão (pulso) ou da parte do corpo	À esquerda (de partes do corpo)	À direita (de partes do corpo)	Parte superior (em partes do corpo)	
○	∨	<	>	^	

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Em sinais realizados com as duas mãos, a colocação do diacrítico de ponto de toque obedece a duas regras específicas para indicar:

A – *Toque após o movimento*: coloca-se o diacrítico de toque apenas sob o caractere da mão de base.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

B – *Quando as duas mãos iniciam o sinal tocando uma na outra*: coloca-se o diacrítico de toque em ambas as mãos.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

O Macrossegmento Locação compõe-se no sistema SEL de 27 caracteres que correspondem a partes do corpo. Com esses 27 caracteres e mais algumas combinações com diacríticos, o sistema representa as 32 partes do corpo presentes nesse macrossegmento, em Libras (ver quadro 7). Quando o

sinal é realizado sem o envolvimento de nenhuma parte do corpo, o caractere de Locação não ocorre na escrita do sinal.

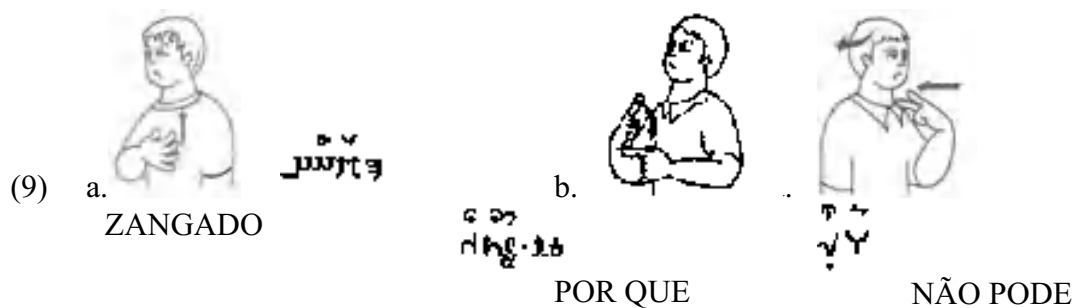
Quadro 7: Caracteres de Locação

1	2	3	4	5	6	7	8
							
							
9	10	11	12	13	14	15	16
							
							
17	18	19	20	21	22	23	24
							
							
25	26	27	28	29	30	31	32
							
							

1 Cabelo, 2 cabeça, 3 testa, 4 rosto, 5 sobrancelha, 6 olho, 7 nariz, 8 bochecha, 9 orelha, 10 buço, 11 boca, 12 dente, 13 língua, 14 queixo, 15 pescoço, 16 nuca, 17 ombro, 18 costas, 19 braço inteiro, 20 braço, 21 cotovelo, 22 antebraço, 23 pulso, 24 tórax, 25 barriga, 26 virilha, 27 perna, 28 joelho, 29 axila, 30 pálpebra, 31 lábio superior, 32 lábio inferior

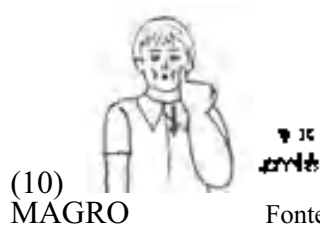
Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Sobre os caracteres de parte de corpo podem ocorrer um diacrítico de expressão facial, se o for um sinal psicológico (exemplo (3a)), de interrogação (exemplo (3b)), negação (exemplo (3c)), ou que apresente certas características físicas que compõe a articulação do sinal (exemplo (4)).



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quando não houver o caractere de locação, o diacrítico de expressão facial fica acima do próximo caractere, ou ao lado da configuração da mão, na mesma altura de diacríticos colocados sobrescritos.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

No quadro a seguir vemos os 20 diacríticos de expressão facial do sistema SEL.

Quadro 8: Diacríticos de expressão facial

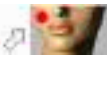
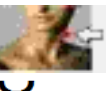
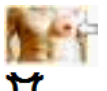
Alegre/ feliz	Triste/ desanimado	Com medo / horrorizado/ assustado	Surpreso/ boquiaberta	Enojado/ insatisfeito/ com desprezo
☺	☹	😨	😮	😬
Irônico	Zangado	Azedo	Olhos fechados	Abrindo olhos
☺	☹	☹	☺	☹
Bochechas infladas	Uma bochecha inflada	Bochechas comprimidas	Dentadas	Mexendo lábios
☺	☹	☹	☺	☹
Soprando	Sugando	Ziguezague de queixo	Negação	Palavras interrogativas
☺	☹	☹	☺	☹

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Como já mencionamos, os diacríticos de pontos de toque, apresentados no quadro 6, ocorrem também sob os caracteres de partes do corpo, marcando o ponto exato ou lado da parte do corpo envolvida na realização do sinal. No quadro a seguir vemos alguns diacríticos de pontos de toque nos caracteres de partes do corpo

Quadro 9: Exemplos de diacríticos de pontos de toque nos caracteres de partes do corpo

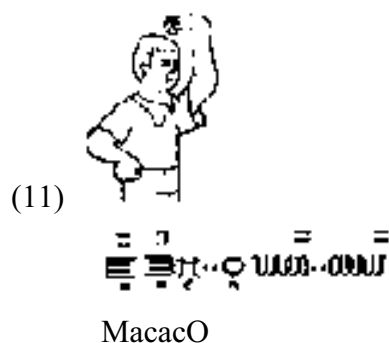
Lado do dorso no braço 	Lado da palma no braço 	Lado do dedo polegar no braço 	Lado do dedo mínimo no braço 	Lado do dorso 	Lado da palma 	Lado do dedo polegar 	Lado do dedo mínimo
Lado do dorso 	Lado da palma 	Lado do dedo polegar 	Lado do dedo mínimo 	Entre as partes 	Parte de cima 		

							
Lado esquerdo	Lado direito	Lados direito e esquerdo	Lado direito	Para cima	Lado esquerdo	Lado direito	Lado esquerdo
							
Lado direito	Lado esquerdo	Lado direito	Lado esquerdo	Lado direito	Lado esquerdo	Lado direito	Parte de cima
							

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Há sinais em que se envolvem mais de uma parte do corpo. Esses diferentes pontos de locação podem ser:

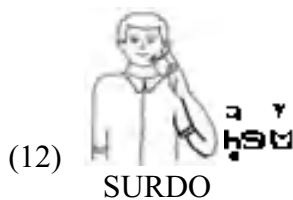
A - *tocados por mãos diferentes*: no macrossegmento Locação, escreve-se primeiro o caractere da parte do corpo tocada pela mão de base, depois o caractere da parte do corpo tocada pela mão principal; entre esses caracteres, colocam-se dois pontos, se as partes do corpo forem tocadas ao mesmo tempo (exemplo (12a)), e um ponto, se forem tocadas alternadamente (exemplo (12b)).



b.

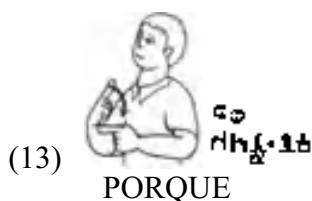
Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

B - *tocados pela mesma mão*: no macrossegmento Locação, escreve-se primeiro o caractere da parte do corpo tocada primeiro, depois o caractere de locação da parte do corpo tocada por último, sem pontos entre eles.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Além de partes do corpo, os caracteres de dedos podem funcionar como Locação, se não houver movimento de dedos e eles estiverem servindo apenas para ancorar a realização do sinal.

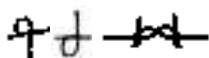


Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quanto ao macrossegmento Movimento Lessa-de-Oliveira (2012) observa que esse se compõe, em Libras, de dois tipos de movimentos: **de mão** e **de dedo**. Na escrita SEL, os caracteres de movimento de mão representam três traços amalgamados – *tipo, orientação plano de movimento*. Nesse sistema, tomam-se como base os caracteres dos movimentos retilíneos, no quadro a seguir, para a formação dos demais caracteres de movimentos de mãos:

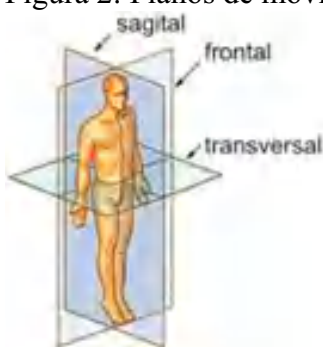
Quadro 10: Movimentos retilíneos

Para Frente		Para Trás	
			
<i>Formas manuscritas:</i>			
Para Cima	Para Baixo	Para Direita	Para Esquerda
			
<i>Formas manuscritas:</i>			



Com base em sua observação a respeito de que as línguas de sinais se realizam em três planos, Lessa-de-Oliveira (2012) elabora os caracteres de movimento de mão, no quadro 11, para os movimentos que se realizam nos planos representados na figura a seguir. Ao todo vemos nesse quadro 9 tipos de movimentos que variam conforme o plano e a orientação do movimento.

Figura 2: Planos de movimento



Fonte: Google imagens

Quadro 11: Caracteres de movimento de mão em planos

PLANOS →	TRNSVERSAL				SAGITAL				FRONTAL			
	p/ fr e nt e	p/ tr ás	p/ fr e nt e	p/ tr ás	p/ fr e nt e	p/ tr ás	p/ fr e nt e	p/ tr ás	p/ ci m a	p/ b ai x o	p/ di re it a	p/ es q.
Semicircular												
Curvo												
Angular												
Angular duplo												
Sinuoso												
Ziguezague												
Diagonal												

Retilíneo			
Retilíneo breve			
Retilíneo brevíssimo			
Circular			
Formas manuscritas básicas			

O sistema SEL apresenta caracteres para mais 4 tipos de movimentos que não ocorrem em nenhum plano, conforme quando a seguir.

Quadro 12: Caracteres de movimento de mão sem necessidade de planos

Giro de pulso		Giro para ambos os lados	Giro horário	Giro anti-horário
Dobrar pulso				
Batida				
Tremura				

Alguns movimentos são escritos com a combinação de dois caracteres (semelhantemente ao que ocorre com dígrafos em Português, com *nh* e *lh*), como, por exemplo, o movimento circular para cima do sinal IMPORTANTE, que é escrito com duas letras , que representam um só movimento:

14)

IMPORTANTE

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

O sistema SEL conta ainda com diacríticos de sincronização de movimentos das mãos em sinais realizados com as duas mãos. Esses diacríticos ocorrem da seguinte forma:

A - *Com movimento conjunto das duas mãos*: no macrossegmento Movimento, escreve-se o caractere de movimento da mão de base primeiro, coloca-se o diacrítico ‘dois pontos’ e escreve-se o movimento da mão principal em seguida.

15)



FAMÍLIA

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

B - *Com movimento alternado entre as duas mãos*: no macrossegmento Movimento, escreve-se o caractere de movimento da mão de base primeiro, coloca-se o diacrítico ‘um ponto’ e escreve-se o movimento da mão principal em seguida.

16)



BICICLETA

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

C - *Com um movimento realizado apenas por uma das mãos:* no macrossegmento Movimento, escreve-se um caractere de movimento, independentemente de qual mão tenha realizado o movimento (se isso não tiver importância para a realização do sinal). Nesse caso, não ocorre diacrítico de sincronização do movimento.



GUARDA-CHUVA

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

D - *Com mais de um movimento realizado apenas por uma das mãos:* no macrossegmento Movimento, escreve-se mais de um caractere de movimento, seguindo a ordem de realização dos movimentos (da direita para a esquerda), sem dividi-los com diacrítico de sincronização.



AMANHÃ

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)



COMPRAR

Quanto ao movimento de dedos, a escrita SEL trabalha com 5 caracteres que representam cada dedo da mão, conforme a figura 3 a seguir, e mais 14 formas combinadas desses caracteres, como se vê no quadro 13.

Figura3: Caracteres de representação de cada dedo



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quadro 13: Caracteres de dedos e formas combinadas

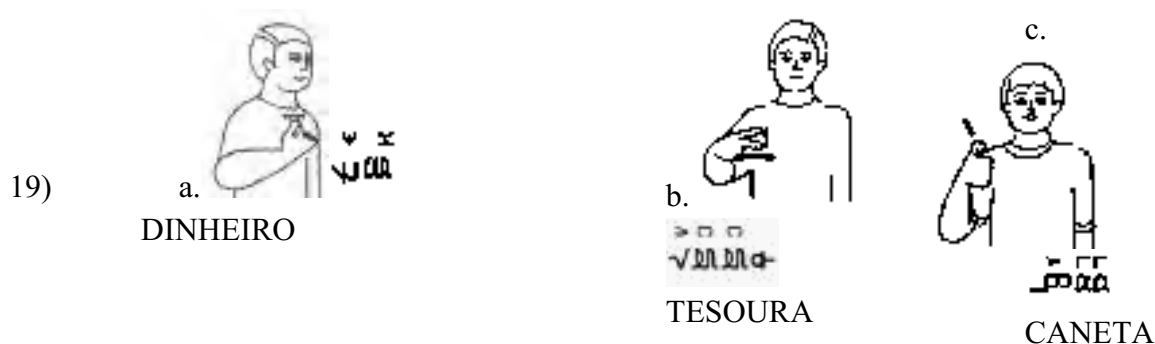
Polegar	Indicador	Médio	Anelar	Mínimo
α	2	3	4	5
Duque	Terno	Quadra	Quina	
α	2	3	4	5
Laço	Laçada	Rabicho	Agulha	Cacho
α	2	3	4	5
Laço Médio	Rabicho Médio	Agulha Média		
α	2	3	4	5
Mínimo Ausente	Indicador Ausente			
α	2	3	4	5

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Para representa o movimento realizado pelo(s) dedo(s), diacríticos de movimento de dedos (ver quadro 14) são colocados acima dos caracteres de dedos, conforme exemplos (20).

Quadro 14: Diacríticos de movimentos de dedos

Abrir gradativamente	Abrir	Abrir e fechar	Abrir duas vezes	Fechar duas vezes	Ziguezague e
∨	∨	∧	≡	=	∩
Fechar gradativamente	Fechar	Esfregar		Movimento tesoura	Dobrar dedo
∧	—	×		↔	⌋



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Quanto às regras de escrita de frases no sistema SEL, essas são lineares, escritas da esquerda para a direita. E quanto aos sinais de pontuação, a SEL utiliza pontuação semelhante à do Português, mas com os sinais de interrogação e exclamação ocorrendo também no início da sentença, mas invertidos, como ocorre no Espanhol. A única coisa que se altera é o ponto final que é um pequeno xis (x). Há ainda uma marca de intensificação adverbial representada por duas barras verticais (||) colocadas logo após o item lexical.²⁹

Os textos são organizados em parágrafos, seguindo a mesma organização que encontramos nos gêneros textuais do Português. Se for gêneros do tipo narrativo em que se utiliza discurso direto, as falas diretas são iniciadas com um travessão em outro parágrafo.

Por fim, o sistema de escrita SEL apresenta também regras próprias para representação da datilologia, que é um tipo de soletração de uma palavra, originalmente pertencente a uma língua oral, utilizando-se o alfabeto digital ou manual de línguas de sinais. A datilologia é comumente usada para representar substantivos próprios, palavras que não possuem sinal conhecido ou palavras da língua oral que foram incorporadas à língua de sinais e, por isso, são também soletradas. Assim, para representar a datilologia em escrita SEL, utiliza-se apenas os caracteres de configuração da mão direita escritos na mesma ordem da palavra soletrada (sem utilização de caracteres de eixo, locação ou movimento). Como algumas configurações de mão representam mais de uma letra do alfabeto do Português, o sistema utiliza alguns diacríticos para diferenciar essas letras. O alfabeto para datilologia em escrita SEL é o seguinte:

²⁹ Conforme Lessa de Oliveira (2019a), não se sabe ainda se todo tipo de intensificação do sinal poderá ser representado por uma única marca como essas barras, necessitando-se de algumas pesquisas a respeito da sintaxe da Libras, para certificação disso. Por isso a utilização dessas barras de intensificação do sinal, poderá ainda vir a ser alterada.

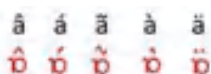
Figura 4: Caracteres da datilologia



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

Para representar os acentos do Português, utilizamos os seguintes diacríticos.

Figura 5: Representação de acentos na datilologia



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

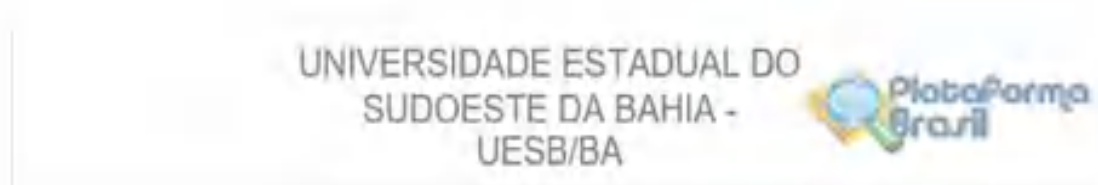
A seguir temos alguns exemplos de datilologia representada em escrita SEL.

Quadro 15: Caracteres de dedos e formas combinadas

Gisele Bündchen João açúcar lâmpada à queijo
 5 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019a)

ANEXO 2



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Pesquisa: CLASSIFICADORES E AÇÕES CONSTRUÍDAS NA LIBRAS:NATUREZA GRAMATICAL E AQUISIÇÃO

Pesquisador: Thamires Oliveira de Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 96094218.6.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER Número do Parecer: 3.050.198

Apresentação do Projeto:

O projeto "CLASSIFICADORES E AÇÕES CONSTRUÍDAS NA LIBRAS:NATUREZA GRAMATICAL E

AQUISIÇÃO", de autoria da mestranda Thamires Oliveira de Souza, tem por objetivo analisar o seguinte tema: "investigar a natureza gramatical dos classificadores e ações construídas na Língua pelos usuários da língua. Propomos verificar a recorrência e produtividade dessas estruturas nos dados dos três diferentes grupos informantes de aquisição da libras: surdos com aquisição na infância, surdos de aquisição tardia e ouvintes bilíngues."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Investigar a natureza gramatical dos classificadores e ações construídas na libras, bem como verificar se tais processos são susceptíveis à aquisição; e como essa aquisição se dá para os diferentes grupos de informantes de aquisição da libras: surdos com aquisição na infância, surdos de aquisição tardia e ouvintes bilíngues.

Objetivo Secundário:

Identificar a natureza (não-)gramatical de classificadores, a partir dos traços articulatórios dos sinais e da estrutura sintática. Identificar a natureza(não-)gramatical de ações construídas a partir dos traços articulatórios dos sinais e da estrutura sintática. Verificar se classificadores e ações construídas são recorrentes e produtivos para estrutura gramatical da libras. Verificar as características dos processos de aquisição de classificadores e ações construídas, observando-se a recorrência, medida quantitativamente, e possíveis características peculiares, a partir de comparação entre os grupos de informantes: surdos com aquisição da libras na infância, surdos de aquisição tardia e ouvintes bilíngues, caso tais fenômenos sejam gramaticais nessa língua.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão bem apresentados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta relevância social e científica. Os resultados dessa contribuirá para a grande demanda que existe hoje em torno do tema.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos do protocolo estão bem apresentados e dentro do que pede a Res 466 do CEP.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências e inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião de 30.11.2018, a plenária deste CEP/UESB aprova o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1200882.pdf	14/11/2018 00:40:13		aceito
Declaração de Pesquisadores	4oficiodeclaracoes1.pdf	14/11/2018 00:39:48	Thamires Oliveira de Souza	aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimento.pdf	12/11/2018 20:38:53	Thamires Oliveira de Souza	aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEpaiseresponsaveis.pdf	10/11/2018 13:16:32	Thamires Oliveira de Souza	aceito

Folha de Rosto	comitethamiresfolhaderosta.pdf	16/08/2018 08:32:57	Thamires Oliveira de Souza	aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoComitedeeticaThamiresOliveira.pdf	14/08/2018 23:27:52	Thamires Oliveira de Souza	aceito
Outros	9Termodeassentimento.pdf	14/08/2018 23:26:22	Thamires Oliveira de Souza	aceito
Outros	8cInstrumentoDeColetaDeDados.pdf	14/08/2018 23:17:35	Thamires Oliveira de Souza	aceito
Outros	10Termoautorizacaodeimagemdepoimentos.pdf	14/08/2018 23:16:03	Thamires Oliveira de Souza	aceito
Outros	6Autorizacaocoletadedados.pdf	14/08/2018 22:56:52	Thamires Oliveira de Souza	aceito
Outros	5CartadeEncaminhamento.pdf	14/08/2018 22:55:20	Thamires Oliveira de Souza	aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 30 de Novembro de 2018

Assinado por:

Douglas Leonardo Gomes Filho (Coordenador(a))